



RAÍZES

Ano VIII - Nº 15

São Caetano do Sul

Julho de 1997



Trabalho, palavra-chave

Temos muito orgulho da história de nossa cidade, cuja característica marcante está resumida na palavra trabalho. Mas também essa palavra contém a essência que a suaviza, amplia e dignifica no correr destes 120 anos, constituída por inteligência e sensibilidade que, desde os pioneiros, têm primado na rota da conquista das melhores condições possíveis de existência para nossos habitantes.

A revista Raízes, desde seu lançamento em 1989, durante nossa primeira gestão como prefeito, tem se esmerado no resgate dos fatos, tradições, realizações que geramos com persistência não importando a complexidade dos problemas, nem as proporções dos desafios. Nada tem deixado ao acaso, pesquisando e tornando públicas histórias de personagens, personalidades, famílias,



instituições, proporcionando às novas gerações o conhecimento confiável e necessário à sua identificação com o meio em que vivem e, às anteriores, a recordação de existência construtiva e gratificante. Para todos, o estímulo generoso da História de uma comunidade que honra os que a constróem, a ela pertencem e aqui vivem a Vida.

Inteligência, sensibilidade, resgate da memória, da identidade e da História, estímulo a novas conquistas e realizações; assim vemos o perfil de Raízes, que retrata fielmente o perfil de São Caetano do Sul.

Luiz Olinto Tortorello
Prefeito Municipal

RAÍZES

Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul

Ano VIII - Número 15
Publicação semestral
Distribuição gratuita

Publicação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Julho de 1997

Avenida Goiás, 600 - Térreo
CEP 09521-300 - São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 441-9008 e 441-7420

Editor/Jornalista responsável
Aleksandar Jovanovic
(MTb 13.165 - Sijesp 7.290)

Secretário de redação
Claudinei Rufini
(MTb 14.221)

Programação Visual e
Paginação Eletrônica
Flávio Ficarella
(MTb 11.020 - Sijesp 5.330)



Conselho Editorial

Ademir Médici, Antonio de Andrade, Aleksandar Jovanovic, Claudinei Rufini, Guido Fidélis, Henry Veronesi, José de Souza Martins, Nívio Tessitore, Oscar Garbelotto, Sônia Maria Franco Xavier, Valdenizio Petrolli.

Fotos

Antônio Reginaldo Canhoni
Fotolitos e Impressão
Imprensa Oficial

A revista Raízes está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



Capa: I cantastorie (Os cantadores populares de histórias), do pintor italiano Pietro Pajetta (1845-1911), natural de Serravalle, hoje Vittorio Veneto. Óleo sobre tela, 50 x 100. Coleção Fabrizio Bellini, Milão. No detalhe: brasão da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli

Índice

Artigos

4 *A influência da imigração eslava na arquitetura paulista*
Nívio TESSITORE

Construção robusta, de alvenaria, planta baixa de formato quadrangular, com quatro torres nas naves laterais e um central, a Igreja Ortodoxa Ucrainiana Autocéfala, mantém até hoje as características originais



7 *Saúde Pública é lei suprema que não pode nem deve ser desrespeitada*
Arnaldo TREBILCOCK

10 *Imagens e fatos de duas cidades-irmãs realçam seus laços*
Antonio Augusto COELHO NETO

16 *O passado revisitado através do olhar do tempo*
Caio MARTINS

18 *O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927)*
Oscar GARBELOTTO



Os festejos religiosos, realizados apenas dois anos após a chegada dos italianos, em 1877, demonstram a ferrenha vontade dos colonos em vencer na nova terra

25 *O Cruzeiro, TV, MASP... coisas de Chateaubriand*
Antonio de ANDRADE

29 *Histórias dos anos 40, na Agência da Prefeitura*
Henry VERONESI

33 *A educação de São Caetano já passou pela Tailândia*

35 *Lorenzo da Ponte, o filho mais ilustre de Vittorio Veneto*
Aleksandar JOVANOVIĆ

Depoimentos

40 *Nostalgia: carros de boi, milho, carvão...*
Gisberto GRIGOLETTO

42 *Walter Veronesi, um veterano relojoeiro*

45 *A Autonomia, vista por Verino Segundo Ferrari*

48 *No tempo da Casa Bancária São Caetano*
Hélcio Luiz LORENZINI

49 *Escoteiros do Senador Flaquer nos festejos de setembro de 1922*

50 *Academia de Letras da Grande São Paulo*
Rinaldo GISSONI

52 *Bruna Mazzoni de Melo: uma lição de amor e de vida para nossa geração*
Yolanda ASCÊNCIO

53 *A árvore da amizade. A presença de Paul Harris em São Caetano*
Jayme da Costa PATRÃO

54 *Família Scartozzoni, uma história de 1889*

58 *SESI, 26 anos de atuação no Município*

Esporte

59 *O que foi o futebol profissional do SCEC*
Narciso FERRARI

Em meio aos acontecimentos do movimento autonomista, o maior clube da cidade, o São Caetano Esporte Clube, anunciava o ingresso no campeonato da Segunda Divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol



63 *Cruzada: raízes na fé e no amor dos integrantes*
José Roberto GIANELLO

67 Memória Fotográfica

A influência da imigração eslava na arquitetura paulista

Nívio TESSITORE(*)

No resgate da memória dos costumes e dos hábitos de uma comunidade, encontramos alguns momentos nos quais as questões enfocadas pela preservação do patrimônio apresentam-se mais amenas, ou antes, menos marginalizadas diante da maioria das vezes. Em São Caetano do Sul, fato de destaque mantém-se como demonstração de preservação do patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e cultural: a Igreja Ortodoxa Ucraniana Autocéfal, que mantém, até hoje, em toda sua envergadura, as características originais do projeto do arquiteto Netschitailo, de janeiro de 1953.

Projeto complexo, indagam os sancaetanense quais os motivos culturais e as raízes primeiras que embasaram com tanta altivez e determinação o traço dinâmico desta igreja católica do rito oriental. Sob o ponto de vista da implantação, infelizmente, o espaço do seu entorno falta-lhe em dema-

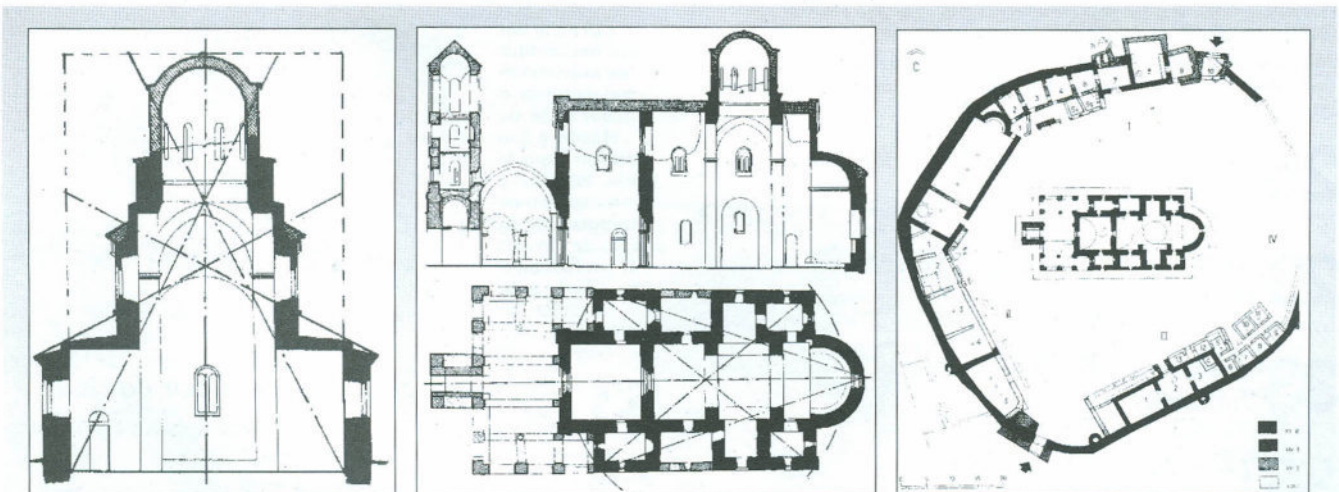
sia. Poderíamos imaginá-la em meio a uma praça imponente em uma ruidosa passagem obrigatória de veículos, de transeuntes curiosos, de contínua investida de pessoas interessadas num vaivém sem parar. Mas, pelo contrário, permanece há quase cinquenta anos quieta, no fundo na rua dos Ucrânianos, protegida pelos seus orgulhosos vizinhos, a silenciosa Igreja de São Volodymyr observa aqueles que se aproximam e os recebe com o mesmo ar austero da Igreja de Santo Basílio, na Rússia ou a Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla e já abrigou em suas dependências os trabalhos dos padres Petró Dobrenski, Mikhailo Khudanóvitch, Vassil Petrúk e Nicolau Milus.

Dos tópicos da arquitetura, alguns pareceres podemos apresentar: Construção robusta, de alvenaria, planta baixa de formato quadrangular, com quatro torres nas naves laterais e uma central. Iluminação natural por janelas de vãos envidraçados, muitos em for-

ma de arco. O campanário frontal com sinos apostos e todos os pináculos emoldurados por cruz. Cobertura característica nas torres e na sua totalidade de telhas tipo paulista.

A análise pormenorizada da edificação poderia ser apresentada caso ela já não existisse nem mesmo na memória mais longínqua ou se houvesse falta de registros fotográficos. No caso, não havendo condição nenhuma que prejudique o atual conhecimento da igreja, passemos aos pormenores pertinentes do texto.

Como forma de entendermos a edificação à qual nós ativemos até o momento, a Igreja de Santo Volodymyr, devemos estabelecer uma metodologia de análise. Para tanto, vamos nos reportar ao conhecimento adquirido pelos europeus referentes às catedrais cristãs romanas e com certeza nos colocará em condições de estabelecermos traços de comparação e dedutivos das igrejas cristãs ortodoxas, no rito oriental.



Cortes e planta baixa de uma igreja cristã ortodoxa, da Idade Média

As catedrais medievais são o que há de mais perfeito na arte e da geometria sagrada que se desenvolveu na Europa a partir do século XIII ao século XVI. As manifestações físicas da incorporação cósmica do universo, as catedrais, unidas em suas posições, orientações, geometria, proporções e simbolismo tentam criar a grande obra – a unificação do homem com Deus.

Geometricamente situados de maneira a poderem empregar as energias telúricas da terra e as influências astrofísicas dos céus, os círculos de pedra derrubados pelos cristãos foram amalgamados na estrutura das igrejas que as sucederam.

Sugeriram que as pedras antigas de estruturas megalíticas além de absorverem influências cósmicas e telúricas, também agiam como instrumentos de vibração. Esses instrumentos de pedra podiam acumular e ampliar as vibrações das ondas telúricas, agindo antes como uma caixa de ressonância. Essas energias ainda exigiam um ressonador que foi providenciado com o erguimento das paredes de pedra.

A aceitação universal da medida canônica: essas medidas eram cuidadosamente guardadas como segredos contra as possíveis alterações, empregadas nas construções e desenvolvimento da arquitetura.

A catedral era destinada a agir como um canal ressonador; não se poderia escolher nenhuma dimensão melhor que aquelas baseadas num sistema harmônico natural elaborado com medidas diretamente relacionadas ao comprimento telúrico das ondas.

Assim, as várias características da arquitetura gótica eram harmonizadas para criarem um todo que ligava completamente o homem com o Universo. A catedral tinha a função esotérica de incorporar as doutrinas ocultas e expressar as energias e geometrias inerentes ao local onde estavam construídas.

A geometria fundamental do projeto é sempre gerada diretamente do eixo principal da construção com orientação apropriada. A data da fundação estava

relacionada com a orientação da construção em função da posição do sol e a geometria sagrada.

No período em que as catedrais góticas foram erguidas, havia dois sistemas projetuais com base na geometria sagrada. O mais antigo era conhecido como *ad quadratum* e baseava-se no quadrado e nos seus derivados geométricos. O mais novo e em alguns aspectos o sistema mais dinâmico, baseava-se no triângulo equilátero e era conhecido como *ad triangulum*.

O *ad quadratum* era formado diretamente do quadrado da figura derivada, o octograma. Colocava-se por cima do quadrado inicial que era orientado segundo a maneira aprovada pelos geomantes encarregados da orientação um segundo quadrado do mesmo tamanho.

Na tradição hermética, essa figura foi criada por um mestre de Estrasburgo, Albert Argentinus. Nesses escritos, menciona-se a uma divulgação óctupla pagã antiga do compasso, o dia e o ano que eram imitados no edifício como um microcosmo do mundo. Postura bastante coerente para as bases do desenvolvimento do projeto de arquitetura, na época, que a partir da manutenção dos segredos podiam direcionar a aplicação desses conhecimentos gerando edificações com características sólidas, e duradouras.

As igrejas medievais não foram projetadas apenas como galpões que acomodassem um determinado número de fiéis; nem como se deduz frequentemente foram construídas à medida que eram erigidas. Exatamente como na prática arquitetônica moder-

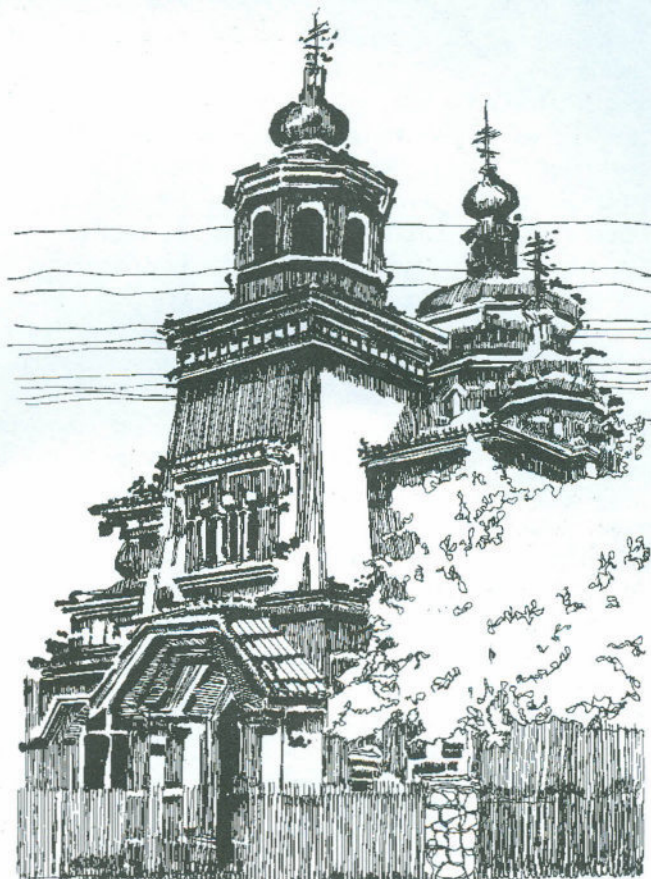
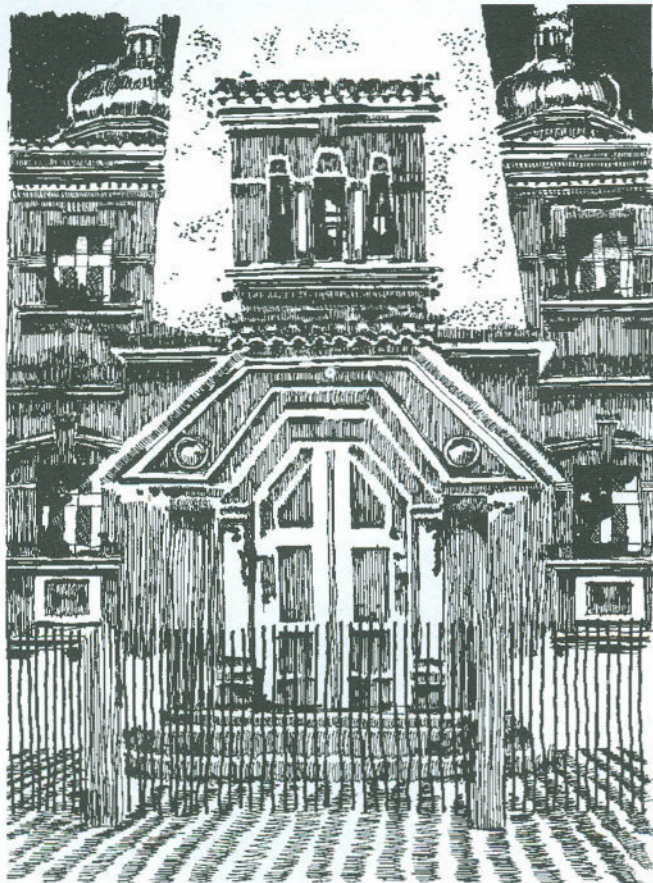


Ilustração: Nívio Tessitore

na, tudo era calculado para fazer avançar cada detalhe, toda e qualquer característica do edifício era determinada exatamente de acordo com a geometria sagrada. As peças até hoje existentes apresentam uma preocupação, por parte dos arquitetos, com dimensões e proporções precisas.

O homem no seu processo de conhecimento quer ver o mundo, quer seja real ou imaginário, e faz tudo por torná-lo visível e nesse contexto que os desenhos jogam o seu papel.

A idéia do homem cósmico é tomada para a ciência contemporânea no conceito de halograma, que demonstra que cada fragmento de um todo contém os componentes da estrutura global do todo. Ao mesmo tempo, enquanto pormenor parcial daquele todo, este pedaço expressa-se como indivíduo. Na ciência antiga, a aplicação metafórica da noção de antropo-



Ilustrações: Nívio Tessitore

cosmos era a base da filosofia astrológica, e pode encontrar-se também na alquimia, como busca da pedra filosofal – esta parte em que se pode encontrar o todo.

Mas devemos traçar rápido quadro sobre a prática da geometria. A geometria é o estudo da ordem espacial mediante a medição das relações entre as formas. Platão descreveu: “acaso não sabeis que os geômetras utilizam as formas visíveis e falam delas, embora não se trate delas, mas destas coisas de que são um reflexo, e estudam o quadrado em si, e o diagonal em si e não a imagem deles que desenhavam?”. É assim sucessivamente em todos os casos... o que realmente procuram é poder vislumbrar essas realidades que apenas podem ser contemplados pela mente”. (República, VII.)

Conforme se conclui na História, sempre houve uma relação direta entre a Arquitetura e a Geometria Sagrada.

As igrejas medievais foram projetadas segundo os principais esotéricos e os arquitetos seguiam rigidamente a geometria que representava as energias do Universo e a força do mundo místico.

Isto posto, é permitido concluirmos que a igreja de São Volodymyr mantém, conforme imagens publicadas nesta matéria, relações estreitas na conceituação do seu projeto com a conceituação do projeto elaborado na catedral de Reims, séc.XIII na Europa e em Sopotchani, mosteiro erguido no território sérvio, também no século XIII, ocupado pelo rei Vladislav (1233-1242) e seu irmão mais jovem Rei Úrosh I (1242-1276) descendentes do fundador da dinastia Nêmania, o grande conde Nêmania (c.1166-1195).

BIBLIOGRAFIA

Lawlor, Robert - Geometria Sagrada, Londres, Edições Del Prado, 1982
Boletim Departamento do Patrimônio Histórico PMSP.

Guénon, René - Os símbolos da ciência sagrada, São Paulo, Editora Pensamento, 1962

Pennice, Nigel - Geometria Sagrada, São Paulo, Editora Pensamento, 1980

Nelli, René - Os Cátaros, São Paulo, Edições 70, 1972

Perioud, Régine - Idade Média, O que não nos ensinaram, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1979

Jovanovic, Aleksandar - Ucrânianos, Sete Décadas de Presença Marcante, São Caetano do Sul, Revista Raízes nº 6, 1992

Representação Gráfica - Bico de Pena, Original 21.0 x 29,7cm - Nívio Tessitore - Títulos: Fachadas da Igreja Ortodoxa Ucrâniana Aurocéfala Representação Gráfica - Plantas e Perspectivas Técnicas, Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo; 1975.

(*) Nívio Tessitore é arquiteto com graduação e pós-graduação, em nível de Mestrado na área de concentração Estruturas Ambientais Urbanas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP).

Saúde Pública é lei suprema que não pode nem deve ser desrespeitada

Arnaldo TREBILCOCK (*)

A saúde pública, ou saúde do povo (aqueles milhões de brasileiros que os da esquerda radical classificam como miseráveis, pobres, deserdados...), tem sido assunto copiosamente debatido, insistentemente fustigado na *telinha* e inutilmente discutido em comissões e plenários por parlamentares que falam muito, propõem dezenas de soluções, sem encontrar nenhuma. O eminente professor Adib Jatene dissolveu seus muitos meses de excelente ministério numa cruzada filantrópica buscando um pouco de dinheiro novo para substituir o muito dinheiro velho que os nobres antecessores e quejandos gastaram tão profusamente, sem infelizmente encontrar solução alguma, tanto a ideal como a possível, o que muitos disseram por ter enfrentado problemas quase insolúveis... devido não à falta de energia, competência e honestidade deles e seus asseclas, mas à imensidão de território pátrio, ao contínuo aumento da população...pobre...doente, deste infeliz Brasil, hoje território de caça às fortunas pessoais ou familiares dos que tiveram a bonança de ocupar cargos e postos que lhes proporcionaram um rígido controle sobre o dinheiro que os orçamentos destinavam ao Serviço de Saúde – unificado, desmembrado ou desmantelado – conforme o capricho dos afortunados que sabiam – com extrema competência – escolher aquele serviço que melhor permitia canalizar as verbas para seu destino prioritário e urgente: a sacola de algumas centenas de grandes homens, com contas bancárias numeradas e geralmente fora das instituições financeiras nacionais... Isto é o que disseram e dizem as más línguas que sempre acusaram homens e algumas mulheres até que dirigiram governos nos três patamares e que muitas vezes souberam sacrificar parte de suas

vidas no ingrato mister de administrar os trabalhos para os quais foram eleitos ou contratados...

A saúde pública hoje, dois anos após os feitos do Plano Real estarem no comando, acha-se tão destituída como antes, principalmente para os pobres e miseráveis, os que ganham nada ou ganham o suficiente para nada terem, incluindo alguns milhões de aposentados que recebem algo em torno de cento e quinze reais.

Os escalões mais altos, os ricos ou abonados nada têm a queixar-se: para eles há hospitais de primeira linha, tão bons como os do primeiro mundo; hospitais que são verdadeiros modelos em organização, corpo médico, assistência ambulatorial e hospitalar e que dão um perfeito retorno ao muito que cobram aos que podem pagar. Esta camada da população - que não são povo como afirmam os rosadinhos - está com sua saúde perfeitamente salvaguardada.

As chamadas classes médias - A, B, ou C - de acordo com suas rendas - são os que mais sofrem nas mãos dos senhores médicos e hospitais por consulta direta e hospitalizações por própria conta, ou sugadas convenientemente pelas organizações com planos de saúde que muito prometem e dão sempre menos, lucrando bom dinheiro pelas taxas de admissão e mensalidades pagas em períodos de carência - meses ou anos em que o associado paga...paga...paga... para depois receber alguma coisa do que lhe foi prometido em coloridas campanhas promocionais pela TV e diários, ou pela lúbia profissional de centenas de corretores e corretores.

“Se algo progrediu nessa Babel foi o aumento das filas e das mortes, mau atendimentos em hemodiálises, em berçários...”

Desde os anos 50, o Brasil tenta or-

ganizar um atendimento efetivo e eficiente à saúde do povo. Após a derrocada do Inamps, recebendo do antigo e falido INPS, muitos foram os planos alinhavados e costurados, buscando o sistema ideal para uma boa assistência à saúde, sem que os doentes de baixa renda tivessem que amargar ou morrer em filas à porta de clínicas, médicos e hospitais.

Foram montados, planejados e organizados vários órgãos, com siglas mais ou menos legíveis, planos todos que em curtíssimo tempo tornaram-se refúgio de apadrinhados, muitos médicos de pouco valor ou recém-formados, transformados em funcionários públicos e competentemente nomeados por políticos tradicionais jejunos em questões de saúde, mas peritos em aproveitamento de verbas...

Passados quase 50 anos de planos, departamentos, ministérios, organizações, hospitais, casas de saúde, prontos-socorros e tudo mais, a saúde pública ainda está ao Deus-dará, formando uma Babel onde poucos se entendem e nenhum trabalha efetivamente. Se algo progrediu nesta Babel foi o aumento das filas e das mortes, em mau atendimento em hemodiálises, em berçários infectos ou simplesmente por omissão profissional. Não são poucos os hospitais que se tornaram amplas fontes de rendas para seus proprietários ou dirigentes, em vez de pontos de tratamento e salvação.

Ouvimos falar ou lemos quanto a centenas de milhões de reais, gastos de forma inadequada ou claramente apropriados por homens e mulheres sem escrúpulos, sem habilidade profissional; homens e mulheres que foram desmascarados ou apontados pela imprensa, alvo de severas diligências internas...e que continuam ou continuarão tranquilamente com seus trambiques enquanto inquiridos e diligências seguem seus

curtos lentos e gosmentos pelos canais competentes(!), uma das mais sagradas instituições brasileiras, formando dupla simbiótica com os cartórios que vendem a bom preço seus carimbos legalizadores...

“Surgiram então, com espaço de anos, dois médicos, cientistas de alto gabarito que deram um jeito, como se dizia então! ...”

Temos hoje um colar de siglas: SUS, SUD, SAD, PIS, PAS, (PUS?), etc., etc., mas não temos atendimento, medicação, tratamento, internações eficientes e bem estruturados, nem mesmo verbas regulares com aplicações seguidas e bem fiscalizadas, cujos montantes aparecem meses ou anos mais tarde nas crônicas policiais, todas terminando no limbo do esquecimento pelo cansaço e exaustão dos fiscais, policiais ou homens da Justiça, que acabam esquecendo os casos antigos sobrepostos por casos novos, de maior ou menor envergadura, mas sob o holofote da imprensa que busca, como é seu mister novas emoções, novas notícias, novas sensações que aumentam a venda de diários e de tempo na TV.

Devemos concluir, então, que a saúde pública, a *salus populi* está hoje em pior estado do que estava no início do século. Justifica esta nossa assertiva o fato que, lá pelo início do século, havia no Brasil uma série de doenças que, de forma epidêmica sazonal ceifavam milhares de vidas, ante a impotência dos poderes públicos que não tinham meios nem conhecimentos suficientes para evitar ou combater e vencer as epidemias... Surgiram então, com espaço de anos, dois médicos, cientistas de alto gabarito que deram um jeito, como se dizia então!! Oswaldo Cruz, em primeiro lugar, conseguiu o que parecia impossível: debelou a febre amarela e outras doenças de igual virulência, antes no Rio de Janeiro e depois em todo o Brasil. Vital Brasil seguiu-lhe as pegadas e por sua vez combateu e venceu outros males endêmicos. E o que fizeram Oswaldo Cruz e Vital Brasil? Não

consta que tenham solicitado ao governo federal imensas verbas para comprar (importar, teria sido o caso na ocasião) remédios caros, nem pediram a formação de batalhões de funcionários, não compraram capas, bicicletas ou guarda-chuvas aos milhares, não pediram maquinário sofisticado, não requisitaram depósitos, laboratórios especiais, nada... Dedicaram, em escala maior Oswaldo Cruz, à pesquisa, a estudos profundos uma boa parcela de suas vidas; à pesquisa e ao encontro de medicamentos e vacinas que lutassem eficientemente e vencessem as doenças... Não pediram também cargos oficiais, generosamente recompensados, não buscaram apoio político dos vários partidos para serem nomeados ministros... não fizeram nada disto, nada do que os cientistas de hoje fazem com tanto afoço e tanto sucesso...pessoal!

Na luta pela preservação e melhoria da saúde pública, trabalhavam também com toda dedicação os médicos da família, aqueles doutores que consultavam a domicílio e que cuidavam de seus pacientes com zelo e amor profissional, visitando os doentes seguidamente, dando um, dois ou mais retornos, cobrando uma única consulta inicial. Nas fazendas, nas roças, nos campos atuavam estes médicos, traçavam seus diagnósticos, faziam eles mesmos os exames de sangue e outros, monitoravam a temperatura e pressão arterial dos doentes. Eram realmente homens que punham em prática o lema *sedare dolorem opus divinum est*, praticando a Medicina pura, sem indagar se o paciente podia ou não pagar, podia ou não arcar com seus honorários... Os ricos (poucos, muito poucos no Brasil daqueles tempos...) e os abonados espontaneamente remuneravam melhor seus médicos. Os da roça muitas vezes pagavam a consulta parte em dinheiro e parte em produtos de suas glebas; aos médicos de então nunca faltavam um franguinho, umas frutas, meia dúzia de ovos ou um leitãozinho... que recebiam ou como parte de honorários ou como mimo, um sinal de gratidão ao médico por ter curado a dor de barriga prolongada

dos filhos, a falta de ânimo das meninas ou das fortes dores do casal. Às vezes, surpreendidos pela hora, assistiam a partos...inesperados.

Ante o descalabro, a bagunça, o apetite financeiro e, especialmente, a tremenda incompetência dos que mandam hoje na saúde da população, não seria o caso regredirmos um pouco e voltarmos à organização de antanho?

Até os anos 30, a saúde do povo era cuidada, e bem cuidada pelas Santas Casas que acolhiam em seus ambulatórios e deitavam em seus leitos quem as procurasse por um mal súbito ou recrudescimento de um mal crônico a impedir uma consulta médica ou um tratamento clínico, até mesmo uma cirurgia. Possuíam as Santas Casas, laboratórios para exames, enfermeiras bem aparelhadas, sendo as enfermeiras, muitas vezes, hábeis e pacientes irmãs de caridade.

Eram ambientes que hoje matariam de rir (ou de vergonha) qualquer doutor recém-saído das faculdades e pouco, muito pouco imbuídos do valor de ser médico...

“Doenças que hoje são raramente mortais, em que pese um recente recrudescimento da tuberculose, febres, malária...”

É verdade que, nos tempos idos, muitos morriam por doenças hoje facilmente curáveis: a tuberculose, a lepra, o nó nas tripas, o hoje bem conhecido tumor intestinal matavam, sem que os médicos, mesmo os melhores, soubessem como vencê-las ou tratá-las. Doenças que hoje são raramente mortais, em que pese um recente recrudescimento de tuberculose, febres, malária e outras...

Porque não é dado hoje o valor que merecem às Santas Casas? Por que não são elas hoje sustentadas como antigamente? Por que os ricos de hoje (muito mais numerosos do que antigamente...) não contribuem mensalmente para o orçamento das irmandades que dirigiam e tripulavam as Santas Casas? Por que uma parcela das grandes heranças não são destinadas às Santas Casas? Por que as propriedades dos que sobem ou

descem para suas moradas eternas e não deixam herdeiros hábeis, não são doadas às Santas Casas e não às universidades como ocorre normalmente? Por que há uma demanda por largas verbas para hospitais - públicos ou privados - e pouco ou nada às Santas Casas? E não digam que as Santas Casas atendem mal ou precariamente: nas Santas Casas, tanto na Capital como no interior o atendimento é ótimo: médicos e enfermeiras são dedicados e altamente profissionais, exercendo a Medicina e os serviços colaterais com competência, zelo e amor ao próximo. Pela experiência que tivemos pessoalmente e pelo que pesquisamos observamos e nos foi falado, podemos afirmar que as Santas Casas cuidam, medicam e curam tão bem como os não sofisticados hospitais. Se o ambiente é às vezes deprimente, se a precariedade das instalações é patente, deve-se isto à falta de espaço ou à idade dos móveis, macas, leitos, etc., que não podem ser renovados por falta de recursos. Falta hoje, e em alto grau, o espírito de solidariedade, de cooperação, de calor humano. Quanto à parte mística da Medicina, não há mais irmã de caridade ou o sacerdote visitante. A religião de hoje é infestada por um excesso de bispos, pastores (talvez deveriam ser chamados de obispos e pastoreantes) e semelhantes que muito falam, muito pegam e nada pagam...

“Nenhum soube dar aos serviços de saúde a organização, o aparelhamento e o dinamismo necessários...”

O quadro da saúde pública é hoje tão tenebroso como há décadas. Desde o colapso do Inamps, desde a falência do INPS, ministros da Saúde foram se sucedendo, foram planejando, foram pedindo, foram espinafando seus antecessores; alguns aceitáveis, um excelente, outro de uma mediocridade espantosa. Nenhum deles entretanto deu no couro. Nenhum soube dar aos serviços de saúde a organização, o aparelhamento e o dinamismo necessários para que realmente fosse cuidada a saúde pública.

Nenhum trabalho sob a égide sagrada: *Salus populi suprema lex est*. Talvez porque nenhum deles se sentisse portador do espírito divino que os levasse à prática de outro dogma: *Sedare dolore opus divinum est*. Esculápio e Hipócrates, quem eram afinal? Os doutores formandos de hoje devem ter cruéis dúvidas sobre estas mitológicas e humanas personalidades...

Uma das formas de resolver, ou mitigar o grave problema da saúde pública seria dividir a matéria em duas partes: 1) a preservação da saúde, 2) a medicação e cura dos males.

O ABC em números

São Caetano do Sul

População:141 mil
 Área:15 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 160 milhões
 % de moradores com água encanada: 100
 % de moradores com rede de esgoto: 100

Santo André

População:624 mil
 Área:174,38 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 483 milhões
 % de moradores com água encanada: 98
 % de moradores com rede de esgoto: 96

São Bernardo do Campo

População:630 mil
 Área:408 Km²
 Orçamento anual: R\$ 800 milhões
 % de moradores com água encanada: 97
 % de moradores com rede de esgoto: 80

Diadema

População:310 mil
 Área:30,7 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 170 milhões
 % de moradores com água encanada: 95
 % de moradores com rede de esgoto: 70

Mauá

População:342 mil
 Área:67 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 297 milhões
 % de moradores com água encanada: 99
 % de moradores com rede de esgoto: 70

Ribeirão Pires

População:120 mil
 Área:107 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 35 milhões
 % de moradores com água encanada: 88,3
 % de moradores com rede de esgoto: 84,8

Rio Grande da Serra

População:50 mil
 Área:31 Km²
 Orçamento anual: .R\$ 25 milhões
 % de moradores com água encanada: 70
 % de moradores com rede de esgoto: 20

Caberia ao Estado, esta entidade fluída e inconsistente, cuidar da primeira parte. À iniciativa privada caberia a segunda parte, cujos abusos e extorsões seriam punidos de forma exemplar e final pela Justiça, via Promotoria do Ministério Público.

O ponto inicial para preservar a saúde pública é sem dúvida o saneamento básico: água tratada, alimentos de boa qualidade, esgotos canalizados e tratados. Atendem os senhores do poder a um fato simples e inquestionável: é muito mais barato e exige muito menos mão-de-obra sofisticada e cara, a captação de água potável, a canalização e tratamento de esgotos, em qualquer cidade, vila ou povoado, do que a distribuição de remédios, as internações, as consultas periódicas por quem foi vítima de inflamações e infecções causadas pelos miasmas dos esgotos ou bactérias da água contaminada. E o passo inicial cabe aos municípios. A este cabe cuidar da água do esgoto, do controle de alimentos.

Poderiam os do poder mirar-se no exemplo de um município-padrão: São Caetano do Sul. Pelo quadro inserido aqui, publicado em 26 de janeiro pelo jornal *O Estado de São Paulo*, São Caetano do Sul recebe o galardão de único Município da grande São Paulo, quicá do Brasil todo, a ostentar a plenitude de saneamento básico: cem por cento. Ave...São Caetano do Sul.

()Arnaldo Trebilcock, brasileiro, estudou na Europa e terminou os seus cursos numa universidade italiana. Foi redator-chefe da Tribuna das Estâncias e redigiu os artigos de fundo da Tribuna Latina. Doutor em Ciências Comerciais, atua como agente-geral para o Brasil de empresas fabricantes de maquinário e equipamentos para indústrias petrolíferas, petroquímicas e farmacêuticas.*

Imagens e fatos de duas cidades-irmãs realçam seus laços

Antonio Augusto COELHO NETO (*)

Foram 19 horas de vôo. Parti do aeroporto de Cumbica em São Paulo, e após cruzar o Atlântico cheguei a Vittorio Veneto. Que agradável surpresa, pois a paisagem que se descortinava diante de meus olhos fazia-me repetir constantemente: Que coisa linda! Que coisa linda!

É interessante a integração a uma cidade desconhecida. Primeiro não se tem idéia de todo contexto, pois o primeiro contato é através de imagens congeladas por algumas fotos que revelam apenas uma tênue superfície. Fica-se sabendo que o número de habitantes é de 35.000 pessoas, o que revela alguns contra-sensos da vida. São Caetano. Com área bem inferior a Vittorio Veneto, suporta 150.000 habitantes e continua buscando o crescimento vertical...

Mas, voltando ao avião que levou-me até Roma, onde depois embarcaria em um outro que me deixaria em Veneza, vale dar uma dica. Quem quiser ir até Vittorio Veneto e poupar alguns trocados, chegando a Veneza,

tome um ônibus bem em frente ao aeroporto que o levará até a estação de trem Mestre (com uma hora de percurso), depois é só comprar a passagem de trem para Belluno, mas não esqueça de descer em Vittorio Veneto, mesmo porque, a paisagem poderá distraí-lo bastante.

Mas voltemos à viagem. Fiquei pensando durante o vôo, como é que pessoas localizadas em lugares tão no interior da Itália, com pouquíssimas referências de um país do outro lado do mundo, tendo que atravessar o Mediterrâneo e o Atlântico, e mesmo assim, lá nos idos de 1870, cheios de coragem, lançaram-se a caminho do Brasil. Fico impressionado só de pensar nisso, pois naquele tempo não havia Internet, televisão, videocassete, nem pensar; revistas coloridas, também não. Ora, do que estou falando! Se até mesmo a fotografia começava a dar os seus primeiros passos...

“Porém acredito que a necessidade que o homem tem de enfrentar o desconhecido ajudou muito...”

Foi uma demonstração de muita coragem, pois apenas com algumas promessas, essa gente enfrentou todo o tipo de adversidades e aqui chegou cheia de esperança. E como se isso não bastasse, teve de superar todo o tipo de problema também para adaptação e sobrevivência. Pensando no conforto e facilidades dos dias atuais, essa epopéia foi realmente espetacular. Porém, acredito que a necessidade de que o homem tem de enfrentar o desconhecido, ajudou muito, funcionando como mola-mestra, aliada, é claro, às pressões econômicas, políticas e religiosas.

Esses pensamentos passaram por mim tão rápido quanto a duração do vôo, e quando dei por mim cheguei a Roma, minha cabeça aterrissou junto. Para chegar ao meu destino peguei um trem com apenas três vagões, onde tive a impressão de que iria chegar a algum daqueles lugarejos tão comuns do Velho Oeste. Mas antes, na estação, procurei certificar-me se aquele trem de número 7507, com destino a Belluno, via Conegliano, com partida na Plataforma 2, às 14h05 (isso mesmo às quatorze horas e cinco minu-

Foto: Augusto Coelho



Biblioteca Municipal de Vittorio Veneto

Foto: Augusto Coelho



A Catedral, outro ponto central de Vittorio Veneto



**Prédio
do Paço
Municipal
de Vittorio
Veneto**

Foto: Augusto Coelho

tos), deixar-me-ia em Vittorio Veneto.

Aliás, essa coisa de horário é sagrada na Europa, o que é muito bom. Portanto, depois de uma hora cheguei a Vittorio Veneto, e pelas características da estação, pensei comigo mesmo, é realmente um lugar pequeno. Ainda porque, ao perguntar na pequena lanchonete ao lado da estação, onde ficava o Hotel Flora, fui informado de que deveria andar aproximadamente 50 metros à esquerda da estação. Essa pequena caminhada relevaram o que iria ver dali em diante. Um vislumbre.

Vittorio Veneto, nascida da fusão de duas cidades em 1866 conseguiu juntar, sem alterar as tradições culturais, tanto no aspecto arquitetônico e paisagístico, Ceneda e Serravalle. Duas gritantes diferenças, que parecem estar na dose certa da contemplação. Cortada pelo sinuoso e belo rio Meschio, Vittorio Veneto parece querer acompanhá-lo em sua trajetória sendo uma cidade comprida. Passagem obrigatória para quem vem de Veneza e vai a Val Belluno, a Val Pusteria ou à Áustria. Cercada por uma cortina de colinas e montanhas com as mais diversas tonalidades do verde, formando paisagens incríveis, preserva a sua fama histórica pela Batalha de Vittorio Veneto na luta pela resistência. Sua formação é datada do século III dada sua posição arqueológica, principalmente de Serravalle, construída sobre a colina de Santa

Augusta (patrona de Serravalle). Ocupada pelos Ostrogodos, verificou-se o domínio Longobardo. No século VII construiu-se em Ceneda o castelo de San Martino cercado de rochas. Depois de dois séculos de domínio, sob a tutela de Carlos Magno, sucedeu-se o domínio alemão. Serravalle teria todo o seu esplendor nos anos 400 e 500 com a construção de casas, palácios e jardins, inclusive a Loja da Comunidade, sede do Museu Cenedense desde 1938.

“Uma lenda narra que os restos do santo, contrariando as leis

Foto: Augusto Coelho



Museo Cenedese, na antiga Ceneda, que se uniu a Serravalle, para formar Vittorio Veneto

da física, viajaram contra a corrente das águas do Rio...”

Em 27 de setembro de 1866 passa a ser distrito da Província de Treviso. A glória de Vittorio Veneto espalha-se principalmente pela Batalha de 1918, frente italiana palco do primeiro conflito mundial, e da valorosa resistência prestada durante a Segunda Guerra Mundial.

Muito amada por escritores, atletas, poetas, Vittorio Veneto conserva, até hoje, junto com seu vivo testemunho histórico, o prazer pela cultura e pela arte através dos séculos. Vale a pena visitar seus pontos turísticos, a começar pelas suas inúmeras igrejas como a catedral, magnífico edifício neo-clássico (Madonna dell'Assunta), lá se encontra a cripta com as relíquias de São Tiziano (patrono da cidade). Uma lenda narra que os restos do santo, contrariando as leis da física, viajaram contra corrente das águas do Rio Meschio, indo parar junto a Ceneda.

A Igreja de San Giovanni Battista, construída no castelo romano-gótico com magníficos afrescos de artistas como Francesco da Milano e outros. A Igreja de Sant'Andrea como a construção mais antiga e bela da diocese com seus 25 afrescos todos dos séculos XV e XVI. Procure sempre prestar atenção nas *campanile* (as torres das igrejas com os sinos), além de suas belezas arquitetônicas, porque será através deles que você poderá identificar os *paises*, ou seja, as pequenas cidades ou povoados de Veneto.

O Santuário de Santa Augusta é uma das mais belas atrações de Vittorio Veneto, testemunha sincera de fé e piedade popular. Alvo de peregrinações, este santuário guarda os restos mortais de Santa Augusta que é a patrona de Serravalle. Contam os relatos que, uma vez, Santa Augusta, levada pelo seu enorme sentimento de caridade, mesmo contra a vontade do pai, o rei bárbaro Matrucco, levava pães aos pobres, e os guardas do castelo a quiseram surpreender. Levando os pães



**Vista do rio Meschio,
que corta Vittorio Veneto**

escondidos em seu véu, esses pães subitamente se transformaram em flores. A sua conversão ao cristianismo lhe custou o martírio até à morte.

Na igreja de Santa Giustina, de aspecto muito agradável, sobretudo no seu interior, onde pode-se encontrar também, além de belíssimos afrescos, o mausoléu construído em 1336 em honra de seu marido Rizzardo VI da Camíno. Suportado por quatro figuras de guerreiros orantes (a mulher, a filha e dois bispos), esta obra é toda em mármore branco.

Uma das praças mais importantes é a Piazza Giovanni Paolo I, onde se encontra uma fonte datada do ano de 1555, a Catedral e o Museu da Batalha, local onde estão contidas numerosas provas da história, principalmente da Primeira Guerra Mundial. Pertinho dali fica a Biblioteca Municipal, recanto cultural dentro da própria história, dirigida habilmente pelo meu amigo Vittorino Pianca, a quem devo muito deste trabalho, ele que também é diretor dos museus de Vittorio Veneto.

Bem no centro de Vittorio Veneto está o jardim público, local muito frequentado, cercado pelo Paço Municipal,

Estação Rodoviária e o Hotel Flora, além de uma enorme *gelateria* que proporciona a quem o visita momentos de reflexão e beleza com fontes, aves, parque infantil e muito verde, tendo sempre ao fundo as colinas.

O castelo de San Martino em um dos "topos" de Vittorio Veneto, revela uma esplêndida construção de origem longobarda. Reformado em 1420, é também uma visita obrigatória. Outro marco importante é o rio Meschio, onde há uma interessantíssima obra de hidráulica, realizada em 1598, depois de uma desastrosa inundação, provavelmente mudou o seu curso para o interior de Serravalle.

Ao lado de obras preservadas com todo carinho e que são um testemunho vivo da História, Vittorio Veneto possui uma estrutura também moderna com um pólo industrial muito interessante, centro desportivo, cinemas, restaurantes, hotéis, livrarias, escolas técnicas, enfim é muito bom passear por esse museu vivo, sabendo-se que também é possível desfrutar-se de muitas outras coisas. Assim, esse conjunto

harmonioso acaba por proporcionar à cidade, além de uma invasão romântica, inúmeras paisagens gostosas de se ver.

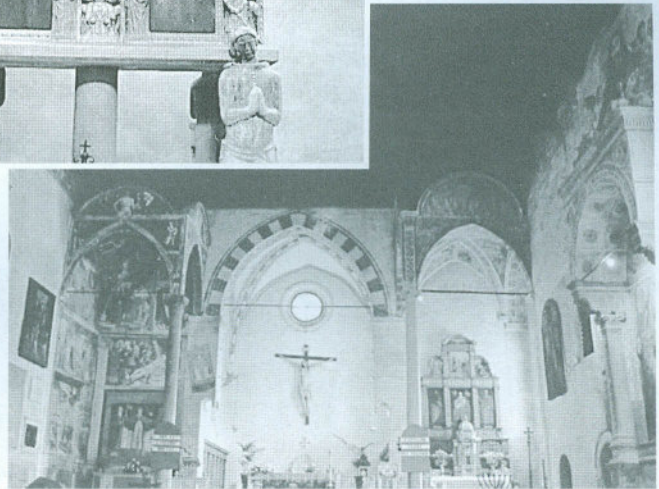
No Museu Cenedense além de encontrarmos inúmeros fósseis da era romana, é possível vermos maravilhosos afrescos, quadros, móveis e até mesmo pedaços de um avião alemão, feito de madeira. É incrível. Sem contar a sua fachada rica em detalhes e com dois relógios dos quais um, o inferior, descoberto somente à dois anos atrás. Ele estava escondido e representa as 24 horas do dia. O relógio superior tem mecanismo do século XVII.

Agora, se você gosta de ver antiguidades muito bem conservadas e em seus devidos lugares, o endereço certo é o Palácio Minucci de Carlo. Além de sua fachada solene e ao mesmo tempo harmoniosa, todos os seus móveis, tapetes, quadros, utensílios, foram deixados pelo Comendador Camillo de Carlo a uma fundação. É a única residência Serravalense aberta ao público que mostra o autêntico ambiente e atmosfera do primeiro decênio do sécu-



**Igreja de
Santa
Giustina:
mausoléu
de Rizzardo VI
da Camíno,
em Vittorio
Veneto**

**Interior
da Igreja
de San
Andrea,
em Vittorio
Veneto**



lo, com suas 13 salas. O fato curioso é saber que Camillo de Carlo fez parte do serviço secreto italiano ao fim da Primeira Guerra Mundial.

Por ser um assunto fascinante, poderíamos ficar aqui escrevendo durante vários dias sobre Vittorio Veneto e sua região, porque motivos não faltam. Do mesmo modo como é cativante saber que podemos trocar informações com essa gente que tem tanto para nos contar. Assim, foi com muito orgulho que fiz a exposição *Vittorio Veneto x São Caetano do Sul*, onde pude mostrar ao povo de São Caetano do Sul como vivem os vitorieneses.

“Penso que poderemos fazer com que o gemellaggio possa realmente crescer e dar frutos. Começando pela troca de...”

Nossa intenção agora é também mostrar ao povo de Vittorio Veneto como vivem os sancaetanenses (pois também temos muito para contar, e para isso já recebemos o convite da Prefeitura de Vittorio Veneto). Dessa maneira, penso que poderemos fazer com que o *gemellaggio* possa realmente crescer e dar frutos. Começando pela troca de informações, em todas as áreas, sejam elas industriais, comerciais, de saúde, de educação, ou até mesmo pessoais, para que possamos chegar a uma joint-venture.

Entre a visita a Vittorio Veneto e a realização deste texto, recebi um convite, e fui até à cidade, também irmã de São Caetano, de Thiene.

A cidade de Thiene, situada em uma planície fértil cercada pelas colinas do Prealpi, com uma superfície de 20 quilômetros quadrados e cerca de 20.000 habitantes. Thiene teve origem provavelmente com a uma tomada de posse dos romanos por volta de 180 a.C. Isso fez com que a cidade tivesse grande influência em suas construções. Dados específicos sobre a história de Thiene não são facilmente encontrados até o século XII; no entanto



Paisagem alpina nos arredores de Vittorio Veneto



Entrada da cidade-irmã, com identificação e monumento

o seu aparecimento deve-se à invasão dos hunos, ostrogodos e em particular dos lombardos, em 565. Já em 912, o rei Berengário I concede ao bispo de Padova, Sibicone, o direito de edificar um castelo na própria diocese de Thiene.

Debaixo de um sucessivo domínio viscônteo, Thiene conhece um período de admirável crescimento econômico e social. Como foi sempre importante centro produtor de manteiga e queijos, destacou-se também pelo

seu artesanato durante os séculos XVII e XVIII.

Atualmente Thiene é importante não só pelos seus queijos, manteiga e artesanato, mas também um centro industrial com várias pequenas indústrias e pelo menos três grandes.

Uma das construções mais importantes da cidade é o castelo chamado de Villa Da Porto-Colleoni (agora Thiene), construído em 900, teve suas obras completadas em 1476 por Giovanni Da Porto, depois em 1816 passou por sucessões hereditárias a Orazio Colleoni da Bergamo e sucessivamente, em 1918 passou a fazer parte do patrimônio do Conde Antonio Thiene, pai do atual proprietário. A cidade caracteriza-se principalmente pelas suas igrejas, como a Igreja da Natividade de Maria Virgem, a Catedral de Thiene, o templo de São Caetano, tendo a seu lado a Igreja de São Rosário. Um marco saliente e identificante da cidade é sem dúvida a campanário de Serlio (a Torre Cívica), que juntamente com a Piazza Giacomo Chilesotti forma o principal cartão postal de Thiene.



Flagrante da Prefeitura da cidade de Thiene

“O teatro, uma pinacoteca inteligentemente montada, transformou o local em uma agradável passagem...”

Uma das pérolas da cidade é o Teatro Comunale di Thiene, inaugurado em 1905 com a apresentação da ópera Rigoletto sob a regência do maestro Antonio Guarnieri. As atividades artísticas do teatro prosseguiram até 1930, quando as estruturas já começaram a pedir restaurações. Somente em 1981, através de um complexo trabalho de restauração, que levou alguns anos e proporcionou aos thieneses um maravilhoso centro de cultura, reinaugurado em 27 de março de 1985, com a peça Rei Lear, dirigida por Glauco Mauri. O teatro, uma pinacoteca inteligentemente montada, transformou o local em uma agradável passagem obrigatória de muito bom gosto.

Muitas outras igrejas compõem o cenário de Thiene. Assim não poderíamos deixar de mencionar o Santuário Della Madonna, onde encontramos sua nave revestida com um reluzente mosaico, cuja construção foi iniciada em 1530 e terminada em 1611, com belíssimos afrescos e revestimentos em mármore.

Três arcos serlianos elevam-se, um para o presbitério e outros dois para as

capelas laterais.

A Igreja de São Vincenzo, verdadeira jóia, considerada como a edifício mais antigo de Thiene, foi inaugurada em 5 de maio de 1333, conforme as inscrições colocadas na fachada da igreja.

Na rua Garibaldi, podemos encontrar verdadeiras relíquias da arquitetura local, como o edifício Liberty e o Palazzo Pesavento, assim como um balcão de ferro batido de Caicevich.

O escritório do Lanifício Ferrarin, na rua Pastorelle, também é um belo exemplo, chamado La Palazzina. Aliás, também na Família Ferrarin, um aviador, Arturo Ferrarin ficou famoso pelos seus memoráveis vôos: Roma - Tóquio em 1920, e Itália - Brasil em 1928.

Outra peculiaridade acontece no primeiro sábado de cada mês, quando se pode comprar antiguidades no mercado do centro histórico (Piazza Giacomo Chilesotti), e por 1.000 liras você terá o Portafortuna Brasiliani.

Agora, se você gosta de pães e doces, então não deixe de entrar em uma das *pasticeries* e provar uma *Treccia D'Oro*, verdadeira obra-prima da indústria panificadora thienense. E por falar em indústria, fiquei impressionado com o número delas na região e principalmente com o seu tamanho. Tivemos ocasião de visitar duas delas,



Casetta Rossa, a Casa da Cultura de Thiene

uma fiação onde se perde de vista a quantidade de máquinas, a Ziche. Outra que me chamou atenção foi a Lerolin, que fabrica cinco mil cadeiras por dia, com exportação para 85 países.

Vale a pena salientar o trabalho do Instituto Lattiero Caserio, um grande laboratório, super-equipado com os mais modernos instrumentos, responsável pelo controle de qualidade dos produtos do leite. Outro contato importante foi a visita a uma das escolas técnicas de Thiene, onde o diretor Marcassa fez questão de nos passar o e-mail da escola para mantermos contato através de nossas escolas.

Vale ressaltar também os prédios de apartamentos mantidos pela Prefeitura. Nestes edifícios vivem pessoas idosas que não conseguem manter a família. São pequenos apartamentos com cozinha e refeitório comunitários, salão de jogos, quadras de bocha, bar, sala de estar e um ateliê onde um artista-escultor leciona aos moradores a sua arte. No parque público está um marco lembrando o *gemellaggio* feito entre as duas cidades de São Caetano do Sul e Thiene, em 21 de junho de 1977. E isto não deve somente ficar em papéis ou monumentos em praças, mas principalmente no nosso dia-a-dia, no estreitamento das relações entre povos-irmãos que muito têm a

aprender. Será preciso que tomemos consciência do benefício que isto poderá trazer para todos. Pois são inúmeros os detalhes do nosso cotidiano que podem fazer com que mudemos a nossa qualidade de vida.

Acredito que todo bom propósito tem sempre uma boa causa.

“Existe muita expectativa por parte dos italianos em manter esta troca de informações...”

Assim como em Vittorio Veneto, a região de Thiene possui também inúmeras pequenas indústrias, com no máximo 40 funcionários cada; isto faz com que o risco de quebra se torne menos agressivo, podendo se pulverizar os funcionários para outras indústrias.

Em visita a outras cidades na região, estivemos na pequena e acolhedora Schio, localizada sete quilômetros de Thiene, Verona, Valdástico, Maróstica (cidade-irmã de São Bernardo do Campo) e a incrível Vicenza.

Em Schio fomos recebidos pelo prefeito Giuseppe Berlatto Sella, em San Pietro Valdastico pelo prefeito Giorgio Slaviero; ambos ficaram muito entusiasmados com o nosso trabalho e colocaram-se à nossa disposição. Existe muita expectativa por parte dos italianos em manter esta troca de informações de uma maneira bastante efetiva.

Em Thiene, de onde veio o convite oficial para fazermos este trabalho, fui recebido como um irmão distante que não se via há muito tempo. Isso nos sensibilizou e quero agradecer a Marina Maino, prefeita de Thiene, que visitou São Caetano do Sul no ano passado, juntamente com uma delegação de Thiene, quando da realização dos Festejos dos 119 anos, e que nos colocou à disposição um verdadeiro exército de pessoas cultas e extremamente dispostas a mostrar-nos a cidade. Os amigos Alberto, Leonardo, Saverio, Gabriela, Danilo, Claudio, Carmem, os Fillipi, enfim as pessoas que tornaram possível a realização dessa jornada.

Foto: Augusto Coelho



Piazza Giacomo Chilesotti, em Thiene

Foto: Augusto Coelho



Interior da Igreja de São Caetano e a estátua do santo, em Thiene

E como concretização desse resgate cultural através das lentes de uma máquina fotográfica, foram realizadas exposições nas cidades de Thiene, e Vittorio Veneto. A primeira aconteceu em 23 de abril em Thiene, evento ligado simultaneamente a São Caetano via Internet, e a segunda em 2 de maio em Vittorio Veneto. Em maio também estive no Brasil uma delegação de empresários italianos, por outro lado, Vittorio Veneto quer trazer uma ima-

gem de São Tiziano padroeiro da cidade, para São Caetano do Sul, o que demonstra um estreitamento cada vez maior dessas cidades-irmãs. Enfim, como podemos ver a linha está ligada, basta apenas que apertemos alguns botões. *Andiamo.*

(*) Antonio Augusto Coelho Neto, formado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, é professor de Fotografia e autor de diversas exposições de fotografia, inclusive internacionais.

Foto: Augusto Coelho



Vista do Teatro Comunale de Thiene

O passado revisitado através do olhar do tempo

Caio MARTINS (*)

Não vejo a necessidade de roteiros prévios, nada pelo estilo. Ainda mesmo São Caetano do Sul era algo distante, sem maior expressão que uma cidade onde havia o jardim da infância e a garotada que freqüentava lá pelos idos de 1951 o Senador Fláquer. A vida era bem mais dinâmica e interessante na Vila Califórnia, com seus morros e lagoas, peixes e passarinhos. Por mais incrível que possa parecer, eu costumava pescar no Tamandateí, um riozinho caprichoso, águas esverdeadas, rico em lambaris, traíras, carás, bagres bigodudos. Havia marrecos, paturis, patos d'água, garças, frangos d'água, biquinhos-de-lacre, tico-ticos, rolinhas, sabiás, até um que outro nhambuzinho.

Pequenos e atrevidos, nós chegávamos a transpor o rio, para “desbravar” a área onde está, hoje, o galpão da Villares. Posteriormente, tudo foi sendo modificado, os morros aplainados, as pedreiras detonadas, as lagoas aterradas e o rio canalizado. Na ligação entre a Vila e São Caetano, havia uma ponte de madeira, cuja amurada foi espetacularmente derrubada em 1962 por minha irmã, Araceli. O noivo estava ensinando-a dirigir, sobre a ponte perdeu o controle, e lá fomos nós para a água. Nessa época, já não havia ali o menor vestígio de vida, pois as indústrias da região usavam o rio para escoadouro de detritos e esgoto de poluentes. Foi só um grande susto.

A noção de cidade e sua vida, foi surgindo a partir da primeira série ginasial, no mesmo Senador Fláquer. As figuras da época, nesse meio estudantil, representavam para nós, os *calças-curtas* da primeira série, modelos a se-

rem imitados. Salvador e Waldemar Zambrana, Paulo Joe, Dario e Ivan Bernardes, Ageu Fernandes, Fuad e Ramis Sayar, João Cordeiro, quantos outros influenciavam o modo de ser dos calouros recém-saídos do primário. Estávamos em plena época JK, e o desenvolvimentismo marcava as atitudes dos líderes estudantis. Pensava-se em grandes realizações, a expectativa da mudança para o colégio novo, na Avenida Goiás, estimulava a criatividade dos mais velhos. Nós não entendíamos bem o que ocorria, estávamos mais preocupados em mostrar que não éramos tão crianças, em aprender a fumar e arrumar uma namoradina para ficar passeando para cima e para baixo no viaduto ao lado, mas seguíamos o pique dos “veteranos”.

“Já em 1961, esse espírito decaiu, não entendíamos, mas sentíamos a gravidade da situação do país, com a...”

Inaugurado o Bonifácio de Carvalho, destacaram-se no espírito da época, os irmãos Sayar. Na direção do Grêmio Estudantil 28 de Julho, passaram a realizar campeonatos, bailes, eventos culturais, grande número de atividades que contavam com a participação entusiasta da garotada. Já em 1961, esse espírito decaiu, não entendíamos, mas sentíamos a gravidade da situação do país, com a renúncia de Jânio Quadros. Política, para nós entre os onze e os dezesseis anos, era artigo supérfluo e galáxia distante. Bailinhos, esporte, festas, namoricos, eram temas muito mais interessantes. Nesse meio, nesse ambiente e circunstâncias, a vida exigia-me, no mínimo, duplicidade. Morava na Vila Califórnia, lá meus amigos eram pobres, sem escolaridade

digna do nome, sem outros atrativos que o futebol literalmente de várzea, as correrias pelo que restava dos morros, as guerras contra os meninos das outras vilas, tão ou mais pobres que nós. Ficávamos, já aos quinze ou dezesseis anos, até de madrugada em batucadas e gafieiras na vila, no momento seguinte estávamos entre a garotada da classe média e alta de São Caetano; o comportamento num e noutro lugares era completamente diferente.

Mas a cidade ia, lentamente, tornando-se o centro das atividades de todo o tipo, desfrutava de pujança comercial e industrial, culturalmente despontavam movimentos pontualizados na Associação Artística e Cultural, no 28 de Julho viu-se praticamente abandonado por sua diretoria. Havia a ameaça de o auditório e a sede serem desocupados e utilizados pela Prefeitura, pairava no país a ameaça de violência, já éramos militantes de esquerda e aqueles líderes realizadores de poucos anos atrás não mais atuavam, após entrada na faculdade ou mercado de trabalho. Greves, passeatas, intenso movimento sindical, política tensa e acalorada marcavam o cenário. Víamos com tristeza o fim de uma época brilhante em nossa cidade, principalmente no meio bem delineada pelos irmãos Sayar. Assim mesmo, num pequeno grupo, assumimos a direção do Grêmio, impedimos o desalojamento pela Prefeitura, regularizamos patrimônio e finanças, terminamos ganhando as eleições para o exercício de 1964. Competi com Milton Martins, sabendo que o mais produtivo teria sido aliar-nos. Dado o envolvimento na luta contra o regime militar, a que implicava a ação política clandestina e intensa dedicação, afora os riscos, houve o desligamento da direção do



Instalações do Grêmio 28 de Julho, na avenida Goiás, em 1958, hoje ocupados pelo Auditório Santos Dumont e a Academia de Letras do Grande ABC

28 de Julho. A tendência, agora, era para alguns eminentemente política, enquanto os demais passavam a acompanhar o que havia de moda, viver segundo os padrões que o regime passo a passo impunha.

De um lado, em São Caetano, tivemos a ação da Acasc e do Centro Acadêmico, que sacudiram o manto de inércia cultural da época. De outro, uns poucos, dedicamo-nos a conspirar contra o regime. 1966 e 1967, já se configuravam como etapa perigosa, pois na medida em que as estratégias tecnocratas não davam os frutos pretendidos pelos militares, a repressão começou a recrudescer. A cidade seguia seu caminho sem grandes sobresaltos, a política local continuava resolvendo-se em termos de caciques mais ou menos inteligíveis, apenas o intenso movimento cultural a diferia dos outros municípios. Dois vetores revelavam-se entre a juventude: os que aceitavam modas e modismos, como a Jovem Guarda, por exemplo, e os que brigavam pela cultura popular brasileira. Destacou-se, na época, o Pier Luigi Pega, com seus shows de música e poesia, os Concursos de Oratória estimulados pelo professor

Guilherme de Azevedo, além da Acasc e do Centro Acadêmico. O pequeno grupo esquerdista atacava com recitais de poesia e MPB onde tivesse oportunidade de fazer-se ouvir.

“Novamente a dualidade. Em São Caetano, nem uma palavra a respeito de política; fora, o engajamento clandestino...”

A entrada na faculdade levou-me a outros territórios. Com a crescente atividade do movimento estudantil, o aguçamento da repressão, a militância contra a ditadura assumiu caráter muito mais sério do que pensávamos possível. A ligação com grupos que propunham a luta armada exigia, ao mesmo tempo, atividade legal e pública sem comprometimento. Novamente, a dualidade. Em São Caetano, nem uma palavra a respeito de política; fora, o engajamento clandestino que poderia ter-me custado a vida, mas que resultou em 10 anos de exílio.

São Caetano moveu-se contra o regime de exceção especialmente através da cultura. O teatro apresentado na Acasc e no Centro Acadêmico teve, sempre, caráter libertário, inde-

pendente e elevado. Ao mesmo tempo, jovens como Denilson, do Bonifácio de Carvalho terminaram presos, amargando quase uma década de detenção. Ou ainda Noemi Kogan, presa durante distribuição de panfletos contra o Acordo MEC-Usaid, e posteriormente exilada no Uruguai. Ou, ainda, o professor João Leonardo da Rocha, também do Bonifácio, preso, trocado pelo embaixador americano Charles Elbrick e posteriormente morto no interior da Bahia, após ter passado por Cuba e retornado clandestinamente ao Brasil. Não tem importância histórica ou documental que, na época, tenhamos sido tachados de terroristas dentro da própria cidade. Tem, sim, importância o resgate da ação dessas pessoas, posteriormente muito elogiadas até por eventuais detratores, quando terminou o período ditatorial. O saldo positivo é a presença da reação da cidade, não importa em que nível, diante de um regime de exceção.

O regresso, após o exílio, foi traumático. Não apenas em relação à cidade onde nasci e vivi, mas em termos de Brasil. O país que os exilados tínhamos na cabeça não coincidia, não encaixava com o país real. As regras do jogo, para a imensa maioria de nós, não eram aceitáveis. Tanto assim que, de cerca de dezesseis mil exilados e presos, apenas uma dezena ou pouco mais dedicam-se, hoje, às atividades políticas.

O regresso, também, levou-me a voltar às origens, à cidade e aos amigos como Cláudio Geri, Giro Striani, Nelson Rela, Luiz Cicaroni, Ramis e Fuad Sayar, entre tantos outros. E é reconfortante constatar que os amigos não se perderam, as origens e a história igualmente continuam vivas, havendo, porém, muito dessa trajetória a ser resgatado.

() Caio Martins foi estudante do Colégio Bonifácio de Carvalho e ex-presidente do Grêmio 28 de Julho. Atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano.*

O Núcleo Colonial e sua evolução vista pelas Festas de São Caetano (1883-1927)

Oscar GARBELOTTO (*)


I - A Primeira Festa de São Caetano

Há razões significativas para acreditar que, desde os primeiros anos após a chegada dos italianos em São Caetano, em 1877, os festejos religiosos tornaram-se uma realidade. Afinal, e isso é preponderante, o italiano trouxe, entre suas características muito pessoais, um profundo espírito religioso e a alegria contagiante expressada, quase sempre, em canções.

Muitos textos já foram produzidos comprovando e demonstrando, com riqueza de detalhes, a fé e a alegria dos colonos. Apenas dois anos após terem chegado, até mesmo a organização da Irmandade de São Caetano, oficializada em 8 de maio de 1879 pelo bispo de São Paulo, dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, demonstra a ferrenha vontade dos colonos em torno da religião. Para eles a Irmandade significava a auto-ajuda, a solidariedade cristã, atividades sociais e religiosas. Conforme já tratamos em recente artigo A centenária festa do padroeiro da cidade, (Raízes nº 10, pp. 36/40) a Irmandade de São Caetano era, seguramente, uma organização destinada a suprir todas as necessidades dos colonos e da própria colônia, graças às atividades representativas que exercia junto às autoridades provinciais. O compromisso da Irmandade, de 1879, aponta como seus fundadores: Celeste Pantalio, Gaetano Garbelotto, Francesco Coppini, Giuseppe Ferrari e Giovanni Peruch. (1)

Dentro de suas funções, estabelecidas pelo compromisso oficial, a Irmandade obrigava-se a fazer, no dia de São Caetano, 7 de agosto, “missa cantada e mais atos de adoração e festividade que puder e quiser fazer o Provedor e

Acervo: O Estado de São Paulo



S. Paulo Railway Company
Festa de S. Caetano

Devendo ter lugar esta festa no próximo domingo, 12 do corrente mez, na colonia de S. Caetano, as pessoas que a ella quizerem assistir poderão seguir pelos seguintes trens :

			M.
Trem especial	S. Paulo	part.	8.30
	Braz	»	8.45
	S. Caetano	cheg.	8.47
	»	part.	9. 0
	Braz	»	9.11
	S. Paulo	cheg.	9.15
			M.
Trem ordinario de passageiros	S. Paulo	part.	10. 0
	Braz	»	10. 5
	S. Caetano	cheg.	10.17
	»	part.	1.15
	Braz	»	1.26
	S. Paulo	cheg.	1.30
			T.
Trem especial	S. Paulo	part.	4. 0
	Braz	»	4. 5
	S. Caetano	cheg.	4.47
	»	part.	5. 0
	Braz	»	5.11
	S. Paulo	cheg.	5.15

Preços das passagens

4ª classe singela	940 rs.
2ª »	440 rs.
1ª » ida e volta	48620 rs.

Superintendencia, S. Paulo, 10 de agosto de 1883.
John Barker,
Superintendente interino.

Publicação do jornal A Província de São Paulo, sábado, 11 de agosto de 1883, participando do horário de trens “especiais” e “ordinários” para a primeira Festa de São Caetano, no núcleo colonial. A estação do núcleo havia sido inaugurada em maio deste mesmo ano (pesquisa recente de Ademir Médici na Biblioteca Mário de Andrade)

Provedora”. (2) Assim começaram, sistematicamente, as festividades religiosas em São Caetano do Sul.

O pesquisador Ademir Médici, em recente depoimento na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, citou a existência de notícias jornalísticas do século passado, testemunhando as fes-

tas do núcleo colonial. Atendendo a nosso pedido e devido ao seu interesse no assunto, Ademir obteve as cópias solicitadas, comprovando as mais do que centenárias festas de São Caetano. Todos os textos são do jornal *A Província de São Paulo*, atual *O Estado de São Paulo*, e de real interesse para nossa comunidade.

“A festa consta de missa cantada e procissão e a banda Vinte e Quatro de Maio vai tocar durante a festa...”

Os primeiros textos pesquisados são de 1883. Vamos comentá-los em ordem cronológica: num sábado, dia 11 de agosto de 1883, uma grande publicação da São Paulo Railway Company (SPR), que havia inaugurado a estação de São Caetano em maio daquele mesmo ano, informava os horários de trens, especiais e ordinários: em vários horários, partindo da estação da Luz até São Caetano, para atender à Festa de São Caetano. O comunicado foi assinado pelo superintendente interino da SPR, John Barker.

Na edição de domingo, dia 12, havia comentários sobre o evento, lembrando os horários dos trens e acrescentando: “A festa consta de missa cantada e procissão e a banda Vinte e Quatro de Maio vai tocar durante a festa, tendo se oferecido gratuitamente”. O último texto do ano a respeito, em 15 de agosto de 1883 publicava, ainda sob o título *Festa de São Caetano*, os agradecimentos dos organizadores ao público desta capital que concorreram à festa“(…) “à Superintendência da Estrada Inglesa que, com toda boa vontade, proporcionou trens especiais para facilitar maior concorrência pública a dar mais impulso àqueles colonos desprotegidos” e, finalizando, agradecem “às redações



São Paulo Railway Company

Festa de São Caetano

Para facilitar a concorrência pública às novenas de S. Caetano, faço público que esta estrada de ferro fará correr trens de passageiros entre as estações da Luz e Braz e a estação de S. Caetano, nos dias e conforme o horário abaixo especificado.

Horario dos trens especiais

nos dias 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 do corrente

	T		T
S. Paulo partida	4.30	S. Caetano chegada	1.50
S. Caetano "	5.25	S. Paulo "	3.50
S. Paulo "	7.10	S. Caetano "	7.30
S. Caetano "	8.00	S. Paulo "	8.30

Esses trens param, tanto na ida como na volta, na estação do Braz.

Passagens de ida e volta a preços reduzidos—700 rs. sem distinção de classe.

Estes bilhetes são somente validos nos trens especiais que correrem nos dias acima.

Devido ter logar no dia 15 de Agosto corrente a festa de S. Caetano, opportunamente será publicado o horario dos trens especiais que correrão nesse dia.

Superintendencia, S. Paulo, 3 de Agosto de 1888

William Speers, Superintendente.

(4, 5, 7, 9, 11.)

5-3

Em 7 de agosto de 1888, bem como em anos anteriores, o jornal *A Província de São Paulo* repetia a oferta de trens especiais para facilitar a freqüência no núcleo colonial, por ocasião da Festa de São Caetano

em 8 de maio de 1879. José de Souza Martins, em *Subúrbio*, no capítulo “O Mútuo Socorro” no nascimento da classe trabalhadora, traça o perfil da Irmandade criada para amparar as famílias dos colonos em suas vicissitudes, humanas e materiais, e para atuar também como verdadeira representante dos interesses da colônia. Suas funções, portanto, eram muito além das meramente religiosas, da caridade, do social. Tudo indica que foi criada diante da orfandade gerada pela precipitada emancipação do núcleo colonial decretada pelo governo em 3 de junho de 1879, naturalmente já sabida pelos colonos com alguma antecedência.

“A Festa de São Caetano foi a primeira destas manifestações organizada pela Irmandade.

É o que diz o texto abaixo...”

A partir de 1879, a Irmandade surgia em todos os atos importantes da colônia. Natural, portanto, era sua movimentação em torno de procedimentos que gerassem recursos para suas finalidades, já que não podia contar só com contribuições dos “irmãos e irmãs beneméritos e contribuintes”. A Festa de São Caetano foi a primeira destas manifestações organizada pela Irmandade. É o que diz o texto do abaixo-assinado, quando afirma, textualmente: “Os abaixo-assinados, iniciadores da Festa de São Caetano...” “E ainda: as duas pessoas signatárias dos agradecimentos, Lamberto Cesar Andreini e Emílio Rossi, eram respectivamente, provedor e tesoureiro da Irmandade (4). Por outro lado, o caráter beneficente da festa está bem caracterizado também no abaixo-assinado, quando afirma, ao agradecer à Estrada Inglesa os trens especiais que proporcionara...” maior concorrência pública e dar mais impulso àqueles colonos desprotegidos...”

Observamos na expressão “colonos desprotegidos” toda precariedade e dificuldades enfrentadas pela colônia, a ponto de sensibilizar a população da capital para seus problemas, como veremos. É certo que a Irmandade foi criada

da *A Província de São Paulo e Correio Paulistano*. O abaixo-assinado como foi designado, data de 14 de agosto de 1883 e vem assinado por Lamberto Cesar Andreini e Emílio Rossi.

Estas recentes pesquisas nos conduzem a algumas considerações importantes sobre as condições dos colonos. Eram grandes as dificuldades, o real estado era de pobreza e o abandono: a falta de assistência às famílias dos colonos italianos que aqui chegaram em 1877 é fato mais do que comprovado pelos inúmeros estudos já publicados em livros e em *Raízes*, particularmente por José de Souza Martins e Ítalo Dal’Mas. O abandono mais se agravou após a emancipação do núcleo colonial, em 3 de junho de 1879,

quando o governo provincial deixou os colonos à própria sorte, sem cumprir os compromissos assumidos. Moravam em casas provisórias de madeira ou de taipa cobertas de junco, não tinham assistência médica e era difícil a atividade religiosa (os padres tinham que se deslocar do Brás); os lotes de terra que ocupavam não eram demarcados e muito menos legalizados (apenas em 1886 uma Comissão Governamental foi designada para demarcar e legalizar os lotes, o que começou a ser feito em 1888). (3)

A primeira reação organizada coletivamente para amenizar esse estado de abandono foi a criação da Irmandade de São Caetano, fundada pelos italianos e oficializada, como já foi mencionado,

Società di Mutuo Soccorso "PRINCIPE DI NAPOLI" di S. Caetano



Alguns diretores da Príncipe di Napoli em 1927. Entre estes, três: Matteo Constantino, Saverio Perrella e Luigi Martorelli, fizeram parte da Comissão Organizadora do Cinquentenário, juntamente com Giuseppe Paolone, Ettore Lantieri e Antônio Barille

por iniciativa dos italianos locais, mas graças a alguns fatores, souberam motivar grande número de pessoas de fora. No abaixo-assinado referido, surgem dois nomes: Lamberto Cesar Andreini, farmacêutico da capital (até hoje não temos outras referências) e Emílio Rossi, intérprete e primeiro administrador nomeado pelo governo para colaborar com os imigrantes. (Segundo Renato Bellucci, em *Pagine di verità e di Vita*, opúsculo de 1927). Rossi, desde 16 de dezembro de 1882, era dono do lote urbano nº 12, no núcleo, onde plantava uvas para fabricar seu vinho, marca São Caetano, vendido por ele mesmo na capital, à rua Tesouro, nº 9. Aqui viveu muito tempo, casado com Magdalena Braido, filha de Giuseppe Braido (5). A liderança de Emílio Rossi na colônia, dada a sua condição de intérprete e de homem culto, é fato incontestável. Aqui radicado, exercendo atividade profissional também na capital e casado com uma imigrante, era natural que exercesse essa liderança em benefício da colônia.

Talvez seja por aí, através de Rossi, a razão das estreitas ligações da Irman-

dade com tantas pessoas da capital. Outra razão plausível, e que possivelmente se complete com a atividade de Rossi, tenha sido o trabalho particularmente do padre Adelino Montenegro, muito presente na colônia.

“Entre tantas outras funções administrativas, apenas uma foi destinada a alguém de São Caetano: a de tesoureiro...”

Por intermédio de notícia do jornal em 22 de janeiro de 1884, deu-se conta da instalação da mesa administrativa da Irmandade, que era, por estatuto, presidida pelo vigário do Brás. Sua composição aponta o farmacêutico Lamberto como provedor e como provedora a senhorinha L. da Gama. Entre tantas outras funções administrativas, apenas uma foi destinada a alguém de São Caetano: a de tesoureiro, para Emílio Rossi. A notícia informou ainda que a Irmandade estava composta de dois irmãos beneméritos, 45 irmãos fundadores, 31 irmãs contribuintes, num total de 186 pessoas. Considerando que a população de São Caetano, em 1879 era de 169 habitan-

tes e, em 1887, de 251 habitantes (6), não é difícil imaginar que o número de contribuintes da Irmandade fosse, praticamente, igual ao número de habitantes da colônia.

O certo é que a Irmandade movimentava-se, procurando apoios importantes para manter seus objetivos. E entre eles também o de reformar e manter a velha capela. Assim, após alguns anos de existência, puderam realizar a primeira reforma no templo religioso. Há pequena divergência quanto ao ano: José de Souza Martins (*Subúrbio*, p. 54) afirma que foi em 1883, o que coincidiria com a primeira Festa de São Caetano de agosto, enquanto que Renato Bellucci, em obra citada, aponta o ano de 1884, quando teria finalidade (7). Não há dúvidas, portanto, que a reforma foi realizada com o lucro da primeira Festa de São Caetano.

O ano de 1883 trouxe outros dois fatos positivos para a colônia: a inauguração da estação da estrada de ferro, em maio, e a criação das duas primeiras classes escolares, uma masculina e outra feminina.



Emílio Rossi, interprete e líder dos primeiros colonos italianos de São Caetano. Exerceu notável influência no desenvolvimento do núcleo, sendo um dos idealizadores da primeira Festa de São Caetano, juntamente com seus “irmãos”, membros da Irmandade de São Caetano, em 1883(Foto circa 1878)

II) A Festa de 1884

Em 13 de agosto de 1884, A *Província de São Paulo* noticiou a segunda Festa de São Caetano que começaria com a novena no dia 11. Já anunciava como seriam os festejos do “próximo domingo”: solenidade religiosa, fogos, leilão de prendas, etc. Na sexta, dia 15 de agosto, o secretário da Irmandade, P.G. Dente assinava um grande comunicado “de ordem do nosso irmão provedor”, sobre trens especiais, nos dias 11, 12, 13, 14, 15 e 16, com preços das passagens reduzidas a 700 réis, sem distinção de classes. Só para comparar, em 1883, as passagens foram de 940 réis. Era a estrada de ferro, mais uma vez, contribuindo para o sucesso da festa. A publicação saiu com um pouco de atraso, mas supõe-se que outros meios de divulgação tenham sido utilizados, particularmente na igreja do Brás.

“A estrada de ferro emitiu naquele dia (domingo, dia 16) nas estações da Luz e Brás, cerca de 3.000 bilhetes...”

Outra reportagem, de 1884, comentou, de forma mais completa a real dimensão da festa. Vale a pena reproduzir, textualmente, um trecho:



Placa de mármore inaugurada em 31 de julho de 1927, marcado os nomes dos chefes de famílias fundadoras de São Caetano. A relação foi organizada por Giuseppe Paolone

“Constaram de missa cantada, sermão, procissão, jogos, leilão de prendas, etc. A estrada de ferro emitiu naquele dia (domingo, dia 16) nas estações da Luz e Brás, cerca de 3.000 bilhetes para outros tantos romeiros. “(...)” toda a área achava-se coberta de arcos, havendo espalhadas diversas barracas,

onde se vendiam iguarias(...) À parte da capela, estava instalado o coreto onde a Sociedade 24 de Maio executou peças de seu repertório e de onde foram apreoadas as prendas do leilão. A colônia de São Caetano parece que será em breve uma nova povoação paulista de certa importância, pois para tal se encaminham os esforços do Lamberto Andreini e Emílio Rossi, este residente na Freguesia”.

Dois fatos chamam a atenção neste texto jornalístico. O primeiro é o número de pessoas que se deslocou do Brás e da Luz para São Caetano. Três mil, enquanto a população local, como já foi dito, ficava entre 169 (em 1879) e 251 habitantes (em 1887). O número de visitantes, extremamente significativo, demonstra a fama que a festa já gozava em seu segundo ano. O segundo fato diz respeito à maneira que se realizava a festa. A tradição, até inconscientemente, vem sendo mantida e, basicamente tudo se reflete nas recentes Festas Italianas: tríduo a São Caetano, missa solene, sermão procissão, barracas de iguarias, fogos, música, só faltando o leilão... Quando escrevemos em *Raízes* 10 sobre a Centenária Festa de São Caetano, tínhamos indícios e alguns depoimentos que levavam à longevidade da Festa de São Caetano surgiu há exatamente 113 anos. Não importa que tenha adotado mais recentemente a denominação de Festa Italiana, eis que se trata de iniciativa da comunidade para recuperar as tradições. E isso está acontecendo...

A colaboração da estrada de ferro praticamente consolidou-se. Pelo menos até 1888, quando se encerrou a presente pesquisa. Em 15 de agosto de 1885, William Speers, superintendente, fazia publicar o anúncio dos trens especiais nos dias 15 e 16 de agosto. Sempre com tarifas reduzidas. O mesmo ocorreu em 7 de agosto de 1888, quando a oferta de trens especiais foi para todo o decorrer da festa dos dias 6 e 14 de agosto. Para o dia 15, seria feita nova publicação.

III) As Festas Juninas

Houve tempo, no entanto, em que



“Alguns componentes da atual Sociedade de Mutuo Socorro Principe di Napoli, fundada em 11 de dezembro de 1892”. Foto de 1927, publicada no álbum de Roberto Capri sobre o Cinquentenário de São Caetano

graças ao fervor dos italianos por Santo Antônio, a igreja realizava quermesses iniciadas no dia de Santo Antônio (13 de junho) e se prolongava até o dia de São Caetano (7 de agosto), em todos os finais de semana. Durante o período, festejava-se, também, o dia de São João, de São Pedro e, a partir de certa época não bem identificada, o dia da fundação da cidade, 28 de julho. Nicol-la Perrella deixa bem clara a situação: “As festas juninas aproximavam-se... era a festa de Santo Antônio, a festa de São João, a grande festa de São Pedro e, por fim a inesquecível festa do Padroeiro... eram meses que se festejavam”. (8)

O fervor religioso do italiano era tão intenso que a maioria das famílias adotava para seus descendentes aos nomes dos santos Caetano ou Antônio. Na minha família (descendente do colono Antônio Garbelotto, aqui estabelecido em 1877) consta o nome Antônio ainda na sexta geração.

“Depois, enquanto os adultos conversavam ao redor das iguarias juninas e vinho, as crianças divertiam-se...”

A fé dos antigos era inabalável. Durante várias décadas, as famílias organizavam festas particulares realizadas no próprio dia de Santo Antônio em louvor a este santo.

Lembro-me, ainda, da grande família Garbelotto, na década de 30, no terreno da rua 28 de Julho... Primeiramente, todos os membros se reuniam para orar. Depois, enquanto os adultos conversavam ao redor de iguarias juninas e vinho, as crianças divertiam-se com os rojões, busca-pés e fogos giratórios que eram pregados, para girar, nos balaustres do poço d’água situado bem no meio do terreno. A noite, sempre fria e com neblina, tornava a festa marcante, repleta de lembranças para mim...

IV) As Festas do Cinquentenário

Num determinado momento, a Festa



A foto registra o momento da chegada da procissão em louvor a São Caetano e que fez parte dos festejos comemorativos do Cinquentenário de Fundação de São Caetano. Foi tirada por amador postado de costas para a igreja, sobressaindo o grande número de senhoritas que pertenciam à Pia União das Filhas de Maria (de véu e trajes brancos). A procissão foi realizada no domingo, dia 7 de agosto de 1927

do Padroeiro começou a ganhar maior ênfase ao juntar-se com a data mais próxima: a de 28 de julho. Até o momento, não há documento escrito que deixe claro a partir de que ano iniciaram-se os festejos comemorativos da fundação da cidade. A memória dos mais antigos indica que, antes de 1927 (ano que marcou o cinquentenário da fundação) tais festas eram organizadas pela Sociedade Beneficente Príncipe di Nápoli. Fundada em 1892 pelos colonos italianos e legatária de suas tradições, a Príncipe di Nápoli procurava marcar o dia 28 de julho. Em 1926, porém, resolveu investir em festejos que marcassem, definitivamente, a data.

O ano de 1927, teve início com a continuidade dos preparativos para a grande comemoração dos 50º aniversário da cidade, tanto que a Società di Mutuo Soccorso Príncipe di Nápoli até nomeou uma comissão especial para organizar o evento.

Devemos lembrar que, naquela época, São Caetano era mero distrito do

Município de São Bernardo que abrangia todo o território hoje conhecido por Grande ABC. Assim, a Príncipe di Nápoli, mantenedora das tradições dos colonos italianos desde dezembro de 1892, quando foi fundada, preocupava-se com as comemorações do dia 28 de julho, sem qualquer ajuda do poder público.

Aquele ano, em particular, merecia maior atenção: era o cinquentenário.

Giuseppe Paolone, membro importante da Società, farmacêutico e representante consular italiano, fora incumbido de pesquisar a história da fundação da colônia e apontar os nomes dos fundadores que deveriam ser homenageados. Seu trabalho foi publicado no opúsculo *Pagine di Verità e di Vita*, de Renato Bellucci, publicado especialmente para o cinquentenário. (9)

O mesmo trabalho seria publicado posteriormente, no álbum de Roberto Capri intitulado “O 50º aniversário da fundação de São Caetano”.

“A programação envolveu o trabalho conjunto da igreja, clubes, associações, escolas e toda a comunidade. O jornal...”

A comissão especial era constituída por diretores e conselheiros da Príncipe di Nápoli. Eram eles Saverio Perrella, Antônio Barile, Ettore Lantiere, Giuseppe Paolone, Luigi Martorelli, Mateo Constantino e Gian Domenico Perrella. A programação envolveu o trabalho conjunto da igreja, clubes, associações, escolas e toda a comunidade.

O jornal *Fanfulla* (10), do qual Paolone foi correspondente, editado em São Paulo, dirigido a toda colônia italiana, publicou fartas reportagens sobre o cinquentenário. Primeiramente, no dia 28 de julho, reproduziu a pesquisa realizada pelo próprio Paolone; no dia 29, sob o título *Come San Gaetano ha commemorato ieri la sua data fatídica*, reproduziu longa reportagem sobre os festejos que tiveram início no dia anterior, com cerimônia classificada como “a mais importante” das comemorações. Vale a pena seguir o noticiário:

A Missa Campal do Cinquentenário foi celebrada no campo do São Caetano Esporte Clube à rua 28 de Julho, onde situa-se um dos pavilhões da Fábrica de Louças Claudia, do grupo Matarazzo. Ao fundo pavilhões do mesmo grupo: oficina Mecânica (prédio mais alto) e Carpintaria. Observa-se o grande número de pessoas presentes à missa, oficiada pelo Padre Giovanni Pelanda, primeiro vigário da Paróquia de São Caetano. Seu coadjutor era o Padre Alexandre Grigolli



“Eram 18 horas quando o cav. Uff. Barbarisi, 1º vice-cônsul geral da Itália em São Paulo, acompanhado do representante consular em nossa cidade, Giuseppe Paolone, foram recebidos na casa paroquial, que se situava, à época, no segundo quarteirão da atual rua 28 de Julho, pelos padres estigmatinos. Aguardava-os numeroso cortejo popular, precedido pela Comissão Organizadora dos Festejos, portanto a bandeira da Príncipe di Nápoli e a Banda Musical. Logo após os cumprimentos formais, a comitiva dirigiu-se em direção à Igreja Matriz. Antes, porém, pararam diante da sede do São Caetano E.C. (situado no primeiro quarteirão da 28 de Julho, em prédio ainda existente) quando um orador do clube proferiu um breve discurso. Na igreja assistiram ao solene *Te Deum*, em ação de graças, celebrando pelo vigário, padre Pelanda. Terminada a cerimônia religiosa, novamente o grande cortejo formou-se rumando para a rua Perrella entrando no Cine Central que, num instante, ficou literalmente tomado.”

“Às 20 horas inicia-se a parte especialmente organizada pelo padre Alexandre Grigolli: *Entretenimento Músico Literário*, com a participação de crianças e jovens e cujo programa consta em ilustração deste artigo.

“Quando o vice-cônsul, o Prefeito Municipal e outras autoridades entraram no Cine Central, a orquestra tocou...”

Naquele momento estavam as mais altas autoridades locais, que se juntaram aos demais: Coronel Saladino Cardoso Franco, prefeito municipal de São Bernardo; Francisco Perrone, presidente da Câmara Municipal; o coletor estadual, Manoel Joaquim de Lima; Nicolau Arnoni, diretor do jornal *Folha do Povo*, o subdelegado local, Constantino Moura Batista, Presidentes de todas as associações de São Caetano, além de toda a diretoria da Príncipe di Nápoli. Quando o vice-cônsul, o prefeito municipal e outras autoridades entraram no Cine Central, a orquestra tocou o Hino Nacional e, logo em seguida, a Marcha Real Italiana. A parte musical teve como principal figura, ao piano, o maestro Gioachino Capocchi, o mesmo que esteve dirigindo durante anos, a Banda Musical Casa de Savóia, da Príncipe di Nápoli.

A presença do maestro em São Caetano, em 1927, é prova suficiente para atestar suas profundas ligações com a cidade e com a Igreja Matriz, corroborando com as recentes declarações de sua filha Margarida, que acompanhava o pai, geralmente aos domingos, até a

igreja do Bairro Fundação. Capocchi, antes de mudar-se definitivamente para Santos, morava em São Paulo, mas, desde o início do século, e por longo período, emprestou sua notável competência musical à nossa cidade. Atestam o jornal *Fanfulla* e depoimentos de pessoas que assistiram às apresentações, a beleza e o sucesso do espetáculo tão bem organizado pelo padre Alexandre, tendo sobre o programa músico-literário, o jornal traça longas considerações religiosas à “conferência” do padre Alexandre Grigolli, um dos pontos altos da noite. Afirma que “... soube ele interpretar profundamente a paixão e a fé que animaram as primeiras famílias venetas, colonizadas desta terra próspera e viçosa”. E ainda: “Toda a alma italiana do padre Alexandre Grigolli... toda sua argúcia de seu espírito vêneta, toda sua profunda fé de sacerdote e de patriota... contribuíram para fazer de seu discurso, um verdadeiro hino de amor sobre aquelas famílias... que a transformaram (a fazenda de São Caetano) nesta poderosa e pulsante cidade atual”.

As festividades da noite terminaram na sede da Príncipe di Nápoli, onde foram oferecidos “refrescos” às autoridades e convidados. Na oportunidade, outros discursos se fizeram ouvir: Constantino Moura Batista falou em nome da Príncipe di Nápoli e recordou a ad-

mirável figura de D. Pedro II, que iniciou a colonização italiana no Brasil; Nicolau Arnoni discursou em nome do Prefeito Municipal e, finalizando, o cav. Barbarisi, vice-cônsul da Itália, recordou o feliz discurso do padre Alexandre, recomendando à colônia italiana de São Caetano, “a união e a concórdia, virtudes que não poderão faltar no futuro e que permitirão comemorações mais significativas do que a do centenário”.

Foi ainda através desta edição jornalística que se conheceu a seqüência dos festejos do cinquentenário:

“Giorno 31 Luglio – Ore 5: Sveglia coi 21 colpi di prammatica ed allegre marcie della Banda Musicalle; – Ore 10: Solene Messa campale nel campo del São Caetano E.C. coll’ intervento di tutte le società co relativo standardo. In seguito scoprimento della ricca lápide commemorativa collocata nella facciata della Chiesa Matrice, parlando per la circostanza un apposito oratore. – Ore 13: Brillante giuoco di foot-ball nel campo del São Caetano E.C. in beneficio delle sue società di beneficenza locali. Nei due importanti ginocchi le ricche coppe “Cinquantenario” (offerta da tutti i clubs sportivi) e Società Príncipe de Nápoli” (offerta dalle società de be-

neficenza locali). In seguito vi saranno vari concerti della Banda e divertimenti di vario genere. – Ore 20: Spettacolo cinematografico umorístico all’aria libera al Largo della Matrice ed altri divertimenti. 1º Agosto – Cominceranno in questo giorno le Novene di preparazione per la Festa Patronale, realizzandosi tutte le notti alle ore 19. Rosario. Preghiere al Santo. Litanie e Benedizione con il Santissimo. Giorno 4,5,6 Agosto - Triduo solene, avendosi, oltre le dette pratiche, uma predica fatta da un noto oratore. Giorno 7 Agosto - Festa del glorioso São Caetano – Ore 5: “Alvorada” di stile. – Ore 7:30 – Messa di devozione con comunione generale. – Ore 8:30 – “Bando precatório” raccogliendo doni per la vendita all’incanto, in beneficio delle feste. – Ore 10 – Messa solenne con orchestra. All’Evangelho, orazione panegirica. – Ore 14 – Grandiosa processione che percorrerà le vie del paese, con il concorso di tutte le associazioni e confraternite, con i relativi standardi, gagliardetti e distintivi. All’estrada della Matrice, benedizione col Santissimo e Inno del Patrono. Seguirá la vendita all’incanto di ricchi oggetti e concerto musicale. Alla fine della vendita saranno sorteggiati i ricchi

premi della tombola. Dopo saranno accesi dei bei fuochi d’artificio dall’abile pirotecnico signor “José Albanese”.

Wanderley dos Santos (11) fez referência que bem demonstra a importância que foi dada ao Cinquentenário: “A Comissão Promotora... entendendo tornar mais solene e significativa... pede para ser celebrada uma missa campal, que se realizará em um pátio particular fechado, com todas as garantias, portanto, para melhor decoro da sacra cerimônia”. Isso numa época em que as missas deveriam ser realizadas apenas nos templos.

REFERÊNCIAS

- 1- **Martins**, José de Souza - Subúrbio, PMSCS, Ed. Hucitec, 1992, p. 182.
 - 2- idem, p. 182.
 - 3- **Martins**, José de Souza - A imigração e a Crise do Brasil Agrário. Pioneira, 1984.
 - 4- **A Província de São Paulo** de 22 de janeiro de 1884, nº 1881
 - 5- **Xavier**, Sônia - Raízes nº 9, p. 25.
 - 6- **Martins**, José de Souza, não citada, p. 137.
 - 7- **Henrique J.** (Ademir Médici) - Igrejas do Grande ABC. Diário do Grande ABC de 22 de abril de 1979. Referência do Livro de Tombo da Paróquia de Santo André.
 - 8- **Perrella**, Nicola - Entre as Torbas de São Caetano.
 - 9- **Bellucci**, Renato - Pagine de Verità e di Vita. Tip. Argus, S.P. - 1927, p 1 e 2.
 - 10- **Jornal Fanfulla** - acervo da Fundação Pró-Memória, recorte. de Giuseppe Paolone. Doação Mafalda Lorenzini
 - 11- **Santos**, Wanderley dos - Antecedentes históricos do ABC Paulista: 1550 - 1892. PMSBC, 1992, p. 146.
- (*) *Oscar Garbelotto é advogado e professor de Direito do IMES. Ocupou, na administração pública municipal, as funções de Diretor do Departamento de Educação e Cultura, Diretor do IMES e presidente da Fundação Pró-Memória. Colaboração e revisão de Morisa Garbelotto Rodegher.*

Acervo: Fundação Pró-Memória



Após a Missa Campal da manhã de domingo de 31 de julho de 1927, o povo reuniu-se defronte à igreja para a inauguração da lápide em homenagem aos chefes de famílias fundadoras de São Caetano

O Cruzeiro, TV, MASP... coisas de Chateaubriand

Antonio de ANDRADE(*)

Poucas biografias, inspiradas em personagens da história recente do Brasil, foram tão comentadas, e vendidas, como o recente e já clássico *Chatô, o rei do Brasil*, de Fernando Morais, autor de outros dois best sellers, *A Ilha* e *Olga*. Este último, uma alentada biografia de Olga Benário Prestes, praticamente abriu caminho para um vigoroso surto editorial que trata da memória nacional, prova física de que o assunto, por muitos considerado inviável, é comercialmente viável; portanto, é interessante e dá dinheiro. Num país em que, dizia-se, não se preza a memória e onde a tiragem média de um livro raramente ultrapassa os 5.000 exemplares, é reconfortante registrar o fato de uma obra, de conteúdo não ficcional, atingir vendas acima de 100.000 exemplares.

No circuito das denominadas Ciências da Comunicação a espera foi longa, um projeto ansiosamente esperado, enquanto o autor cuidava de sua trajetória pelos meandros imprevisíveis da política e da administração pública. Valeu a espera. O autor confessou em entrevista à *Revista de Comunicação* sofrer com pesadelos em que o espírito de Chatô aparecia para cobrar de Morais a conclusão da demorada biografia: esta porcaria de livro sai ou não sai?. A obra fornece informações preciosas que conduzem a uma compreensão mais acurada de importantes fatos, políticos e culturais, ocorridos no país a partir da década de 20, em especial, o caráter e papel exercido pelos meios de comunicação social (jornais, revistas, rádio e televisão) na eclosão e desenrolar de acontecimentos que determinaram

a trajetória seguida pelo país até o final dos anos sessenta.

"A história de vida de Chateaubriand, da forma como Morais situa o biografado, esclarece acontecimentos..."

Este caminhar, em busca de um destino melhor, deve ser entendido como a somatória de um complexo de fatores, não o ato isolado de heróis ou vilões que surgem aqui e ali como expressão idealizada de um destino inevitável. A história de vida de Chateaubriand, da forma como Morais situa o biografado, esclarece acontecimentos fundamentais da moderna história da sociedade brasileira, dando sentido a fatos aparentemente insignificantes ou secundários ou mesmo pouco estudados como a incestuosa convivência entre o poder e

a indústria cultural. O todo poderoso magnata da imprensa, um autêntico Roberto Marinho daquela época, surge assim como uma espécie rara, um Barão de Mauá do século XX, um quase que esquecido elo que, desvendado e interpretado, coloca sentido e lógica nesta interminável sucessão de conluios e farsas que explicam o caráter do país.

Figura destacada num ambiente permeado pela corrupção deslavada, entreguismo e fisiologismo explícitos, Chatô prosperou e transformouse numa espécie de mestre, verdadeiro rei, ao compreender e manipular com tato e habilidade homens e instituições que constituíram a elite do poder no Brasil. Chateaubriand teve a clarividência de localizar nestas elites uma profunda vocação pelo atraso. O subdesenvolvimento não é contingência, é obra secular construída e



Nesta foto de 1955, aparece uma chamada de programa, para a primeira transmissão de São Caetano, provavelmente um evento esportivo

reelaborada no cotidiano de exploração e submissão. Desta elite perversa e imprevisível, Chatô extraiu a seu modo o possível que viabilizasse um mínimo de racionalidade e modernidade, utilizando métodos eticamente não recomendáveis, embora os únicos de conhecimento de seus pares de dominação.

“Não havia. Seu estilo e modos foram assim definidos por Arnaldo Jabor na *Folha de S.Paulo* (edição de 27 de setembro de 1994): sua sensibilidade de arquipicareta, de transcendental oportunista, fecundava as possibilidades. Fernando Morais escapou da armadilha de retratar o biografado, unicamente pelo seu lado exótico e folclórico, que é verdadeiro, amplo e deliciosamente cômico, mas capaz de obliquar seu verdadeiro papel e grandeza, como agente de vanguarda rompendo estruturas e mentalidade incapazes de acompanhá-lo. O próprio Chatô, em um de seus 11.870 artigos publicados em seus diversos jornais, fulminou seus poderosos parceiros: “São verdadeiros botucudos estes burgueses burros; estou tentando salvá-los e eles não entendem. Paradoxalmente, é com este linguajar despojado e iniciativas polêmicas que acabou contribuindo de maneira fundamental para a transformação do Brasil.” Se traços de modernidade ainda sobrevivem neste país que teima em chafurdar no atraso, no corporativismo e nacionalismo xenófobo, busque-se a fundo e lá se encontrará um personagem no estilo de Chateaubriand.

“Não havia espaço no Brasil da época para mentalidade avançadas deste tipo: prevalecia, e ainda...”

Oriundo das entranhas paupérrimas do gigante adormecido - Umbuzeiro, Estado da Paraíba - aflora este capitalista de Terceiro Mundo um verdadeiro aventureiro, aquele tipo que Fernando Henrique Cardoso classificou como capitão de indústria, em

contraponto ao *manager* norte-americano, este sim caracterizado pela racionalidade, eficácia, especialização e competência. Não havia espaço no Brasil da época para mentalidade avançadas deste tipo: prevalecia, e ainda sobrevive aqui e alhures, o estilo coronelismo sinônimo de exploração, subserviência e irracionalidade. Gago, baixo e iletrado até os doze anos, seria notícia ao morrer em 1968, no poderoso *New York Times* que lhe reservou um necrológico de meia página com o título: *Morre Chateaubriand, o brasileiro que construiu um império.*

E que império. Em setembro de 1959, pouco antes do derrame que o deixaria tetraplégico, Chatô assinou escritura pública legando 49% de suas propriedades a 22 de seus empregados e criando o chamado Condomínio Associados, no fundo um artiloso instrumento jurídico, até hoje motivo de demandas e disputas nos tribunais. Segundo o próprio Chateaubriand, dos 22 condôminos, tirando um ou dois, metade da lista poderia ser egressa de um manicômio e a outra metade de uma penitenciária. Naquele momento, o império de comunicação denominado Diários Associados englobava um número estimado de 40 jornais e revistas distribuídos por todos Estados brasileiros, incluindo o semanário *O Cruzeiro* que chegou a vender em bancas até 700.000 exemplares, ressalvando-se que na época o Brasil tinha um terço da atual população e não havia no mercado o sistema de assinaturas.

O Cruzeiro com uma edição em castelhano, com 300.000 exemplares distribuídos desde o México até o extremo sul da Argentina, concorria diretamente com a poderosa norte-americana *Life* em sua edição latina. A idéia de um Mercosul cultural já rondava pela cabeça de Chatô décadas antes de sua concretização. Abrigava ainda o Condomínio dos Diários Associados seis estações de TV, incluindo a lendária TV Tupi de São Paulo inaugurada em setembro de 1950, a primeira da América Latina e uma das cinco pri-

meiras em todo mundo. Restavam 28 estações de rádio distribuídas ao longo de todo território nacional; uma agência de notícias, Meridional, agências de propaganda; nove fazendas; indústrias químicas e farmacêuticas e propriedades espalhadas pelo mundo, inclusive um castelo na França, onde funcionou a Fundação D. Pedro II, destinada a abrigar e apoiar estudos acadêmicos sobre a história do Brasil. Para diversas publicações internacionais, como a revista *Time*, tratava-se do similar sul-americano de Willian Hearst, o magnata da mídia norte-americana, no qual Orson Wells inspirou-se na realização do clássico filme *Cidadão Kane*.

Este monumental legado não se resumia ao império das indústrias e das comunicações. Incluía outras realizações, surpreendentes para a época, concretizadas em um país cuja economia era direcionada segundo a ótica da agricultura e onde a idéia de modernização era encarada com suspeitas. Tal fato originou a debilidade na constituição de uma classe média ativa sem a qual a cultura e imprensa deixam de exercer seu papel integrador e transformador da sociedade, facilitando a centralização patriarcal e autoritária na forma de ação dos aparelhos e instituições do Estado.

“Daí a lógica na ausência da racionalidade e lentidão da ação do estado, alvo frequente das críticas de...”

Nesse contexto, o surgimento de um caudilho no estilo de Getúlio Vargas não somente era inevitável, como desejável, pelos políticos conservadores e mesmo pela débil média das décadas de 30 a 50, constituída em seu estrato inferior pelo funcionalismo público e acima pelos apaniguados dependentes das benesses do compadrio estatal. Daí a lógica na ausência da racionalidade e lentidão da ação do Estado, alvo freqüente das críticas de Chatô, que ali percebia muito mais

que um quadro de dependência e incompetência e sim uma opção política e ideológica. Tanto quanto Vargas, Chatô entendia a fundo este processo, o qual combateu até morrer em 1968, ao contrário de Vargas que trocou a vida pela permanência do estilo. Com este - a quem sempre chamou de ditador - manteve um relação que oscilava entre o apoio incondicional e o ódio extremado. No fundo - escreveu em um de seus artigos - Vargas gostava de mim porque eu era um canalha igual a ele. O único estímulo possível de mudança nas estruturas carcomidas - fora do contexto revolucionário - caberia à própria burguesia, desde que integrada a um processo modernizado e de constituição de uma sociedade de massa onde à Indústria Cultural caberia um papel fundamental de formação de uma consciência moderna. Este o papel revolucionário a que Chatô se propunha. Mas como explicar isto à burguesia de São Paulo, para ele era constituída por sapateiros da Fiesp e fazedores de crochê da Federação do Comércio?

Chatô foi persistente; suas desavenças com capitalistas que classificava como botucudos - Matarazzo, por exemplo - marcaram época pela crueldade e o inusitado. Destas brigas surgiram ganhos para São Paulo. De sua obstinação, surgiu o Museu de Arte de São Paulo (MASP), cujo acervo é avaliado ao redor dos 3 bilhões de dólares - um dos mais importantes do mundo - e cuja história polêmica, incluindo a inusitada parceria com Pietro Maria Bardi, é dissecada ao longo do livro de Fernando de Moraes. Incluem-se também as iniciativas de caráter educacional, como a criação da Escola Superior de Propaganda e Marketing, a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, os cursos, seminários e exposições no portentoso prédio da Rua 7 de Abril, onde surgiu a Cinemateca Brasileira. Aconteceram também as antológicas "campanhas" comandadas pessoalmente por Chatô, como a da doação, por parte dos empresários, de

pelo menos um avião a cada aeroclube instalado no Brasil. Evidente que os aviões eram vendidos e revendidos pelo próprio Chatô. A campanha contra a poliomielite, que levou à erradicação desta doença entre nós, foi comandada pelas Associadas.

Os métodos para conseguir recursos para tantas iniciativas eram os mais prosaicos oscilando da simples chantagem - contrariar um pedido de Chatô poderia ser o início de uma campanha de desmoralização pelo complexo de comunicação - até ameaças físicas. Não raro - para desespero dos magnatas paulistas - promovia jantares e ao final distribuía aos convivas cotas de contribuição: tal quadro para o MASP, um avião para determinado município, tanto milhões de publicidade em um de seus jornais, revistas, rádio ou televisão. Na visão de Carlos Heitor Cony (*Folha de São Paulo, 11 de setembro de 1994*), três teriam sido os reis do

Brasil: além de Chateaubriand, deve-se incluir Getúlio Vargas e Percival Farquhar, este último, personagem pouco lembrado e que esteve à frente dos maiores investimentos do capital internacional no Brasil ao longo das primeiras décadas do século, incluindo-se a Light and Power (empreendimento fundamental para o desenvolvimento de São Paulo ao trazer a energia elétrica em 1900), inúmeras ferrovias, portos, indústrias e extração de minérios.

"Assim, na Revolução de 30, Chautebriand foi um conspirador ativo. Trabalhar para Farquhar, e para, ..."

Ferrenho defensor do capital externo, foi exatamente trabalhando para Farquhar que Chatô começou sua carreira de advogado no Rio, peitando os nacionalistas radicais, reunidos ao redor dos presidentes Arthur Bernardes



Como símbolo da PRF-3-TV, Tupi-Difusora, Canal 3, surgiu a figura do indiozinho, mais tarde chamado "Tupiniquim"- Logotipo criado por Álvaro Moya, e adotado desde a inauguração da emissora

e Washington Luís. Assim, na Revolução de 30, Chateaubriand foi um conspirador ativo. Trabalhar para Farquhar, e para o capital internacional, afirmava Chateaubriand, era uma verdadeira cruzada cívica. Escreveu em determinado momento: "Fora outro o nível mental de nossa gente e o aniversário da Light and Power seria celebrado como feriado nacional." Seu relacionamento com Vargas teve início quando este, Ministro da Fazenda do governo de Washington Luís, de olho na sucessão presidencial, foi cativado pelo megalômano sonho de Chatô de lançar uma revista semanal, nos moldes das mais modernas existentes na Europa e Estados Unidos e que atingisse todas as bancas do território nacional no mesmo dia. Isto em um país que não dispunha de um parque gráfico apto à impressão pelo sistema de rotogravura e a distribuição terrestre e aérea era aquela imaginável ao Brasil de 1928. Getúlio conseguiu - e garantiu - os empréstimos necessários. Em 10 de dezembro de 1928, com uma tiragem de 50.000 exemplares a revista *Cruzeiro* (ainda sem a letra "O") e com 64 páginas era encontrada - e disputada - em todas as bancas do Brasil. O primeiro exemplar impresso chegaria diretamente às mãos de Vargas que, dois anos após, estaria dando início à mais longa permanência de um político na presidência do Brasil (1930 a 1945 e 1950 a 1954).

Curiosamente, a crise que iria conduzir à decadência do império de Chateaubriand situa-se no período pós-Vargas, quando começa a minguar a torrente de recursos vindos dos cofres públicos e um empresariado de novas feições, essencialmente pragmático, racional e moderno - como queria Chatô - passa a ocupar espaço e enfrentar, ou mesmo desprezar, aquele fantástico cipoal de vaidade e venalidade que caracterizava a linha jornalística dos Associados. Aos poucos Chateaubriand deixa de ser necessário e temido. Novas parcerias entravam no jogo da comunicação, agora regida

segundo os manuais e ditames da moderna administração. Nada que pudessem lembrar o estilo jagunço de raspar o dinheiro que estivesse nos cofres de suas empresas deixando como recibo, para perplexidade dos contadores, bilhetes quase que inelegíveis e um lacônico...*leveí tudo*. No governo JK as simpatias governamentais dirigiram-se para Adolpho Bloch e sua revista semanal *Manchete*, em circulação desde 1952, e em franca competição com *O Cruzeiro*.

JK que assumira a presidência no início de 1956 tinha - como todos os outros candidatos, dívidas e favores com os Associados. A fatura foi saldada com a concretização de um velho sonho: a Embaixada de Londres para Chateaubriand. Segundo Fernando Morais, somente as festas oferecidas na Embaixada ficaram mais famosas que as gafes cometidas durante sua passagem pela Inglaterra: destaque-se a inusitada Ordem do Cavaleiro Jagunço com a qual condecorou o todo poderoso Winston Churchill, que atônito viu um enorme chapéu de couro depositado em sua cabeça. Conspirador de primeira hora contra Goulart, acompanharia constrangido o governo militar caminhar para aquilo que mais odiava; o nacionalismo estatizante que classificava como um jacobismo mexicano e peronista.

Defensor histórico da abertura econômica ao capital externo, acompanhou a decadência de seu império frente ao rival Roberto Marinho, a quem se referia como crioulo alugado. Marinho financeiramente apoiado pelo poderoso grupo norte-americano *Time-Life* iniciava um intenso programa de modernização e ampliação do grupo capitaneado pelo jornal *O Globo*. Segundo Chateaubriand, agora na posição de vítima do capital internacional, a luta contra os contratos *Globo/Time-Life* era um combate de vida ou morte. Perdeu a batalha e a guerra. Amargou a perda do tradicional *Repórter Esso* que passa para a emissora de Marinho. Rapidamente o *cast* de artistas exclusivos das Associ-

adas vai sendo transferido a peso de ouro para outras emissoras. Em outra frente um duro golpe vem com o lançamento, em abril de 1966, da revista *Realidade* e a preparação do lançamento da semanal *Veja*, frutos da rápida expansão do grupo Abril de Victor Civita - um apátrida (...) não passa de outro tentáculo do *Time-Life*. Para Chateaubriand não havia dúvidas, tratava-se de uma manobra organizada interna e externamente para sua destruição.

"A resposta vem no estilo ferrenho do infatigável jornalista que dedica a Castelo Branco umde seus famosos..."

O golpe final viria através de um decreto-lei, assinado por Castelo Branco, dias antes de passar o cargo presidencial para Costa e Silva. Tal documento limitava a cinco o total de emissoras de televisão que poderiam pertencer a um mesmo grupo. A resposta vem no estilo ferrenho do infatigável jornalista que dedica a Castelo Branco um de seus famosos editoriais alusivo ao seu último dia na presidência: Administrador de Cemitérios.

Chateaubriand foi um homem de seu tempo. Imagine-se hoje o velho jornalista na disputa de espaço com jornais que distribuem brindes e sorteiam prêmios; redações informatizadas e gerenciadas por manuais de redação; ombudsman fiscalizando o comportamento politicamente correto do próprio jornal, obrigatoriedade de diploma universitário, sindicatos atuantes...Logo ele, que deixava claro o espaço de liberdade dos jornalistas que trabalhavam para ele: nos meus jornais, só eu posso ter intenções.

Morais, Fernando

Chatô, o rei do Brasil

Companhia das Letras. São Paulo, 1994.

() Antonio de Andrade é mestre em Comunicação Social; professor nos cursos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, e membro do conselho diretor da Fundação Pró-Memória.*

Histórias dos anos 40, na agência da Prefeitura

Henry VERONESI (*)

Na década de 40, o município de Santo André, para efeitos fiscais e administrativos, era dividido em distritos. Compunham o município os distritos de Paranapiacaba, de Ribeirão Pires, de Mauá, de São Bernardo, de São Caetano e de Santo André, onde estava instalada a sede da Prefeitura Municipal.

A administração municipal de Santo André, tendo em vista que São Caetano era um distrito (2º distrito do município) próspero e um pouco distante da sede, instalou na localidade uma agência que tinha por finalidade fiscalizar e arrecadar os tributos municipais, além de administrar os serviços burocráticos, como entrada e tramitação de processos e papéis e demais rotinas administrativas.

Essa agência, já em 1937, funcionava na rua João Pessoa, na casa nº 10, transferida, posteriormente para a rua Perrella, quase em frente da Padaria Leone, junto da linha de manobras da Estrada de Ferro São Paulo Railway (antiga "Inglês").

O quadro de servidores públicos que trabalhava na agência era composto de pessoas, quase todas, residentes em São Caetano. Era o José Américo Garcia (mais conhecido por *Terezina*) que ocupava o cargo de fiscal do distrito; Luvigino Nery que ocupava o cargo de 3º escrivão-recebedor; Casério Veronesi, que ocupava o cargo de fiscal de obras; Norberto de Oliveira, que ocupava o cargo de fiscal sanitário; Sebastião Antônio da Silva, que ocupava o cargo de zelador dos Cemitérios Velhos e Necrópole da Saudade; Natal Martinetti (apelidado de *orecchione*, que em dialeto italiano quer dizer orelhudo, e que por corruptela era chama-

Foto: Álbum de São Bernardo



Agência da Prefeitura de Santo André, em São Caetano, por volta de 1937

do de *Requiom*) que ocupava o cargo de contínuo; Luiz Bálsamo (apelidado de *Vinte e sete*) que ocupava o cargo de feitor de turma; Octacílio Faustino, que ocupava o cargo de motorista. Além desses servidores, havia os que exerciam trabalhos braçais, como cozeiros, laçadores, etc.

Em 7 de outubro de 1940, em pleno regime político de exceção, implantado pelo ditador Getúlio Vargas, Ademar de Barros que exercia a Interventoria no Estado de São Paulo, nomeou, para o município de Santo André o Interventor José de Carvalho Sobrinho, conhecido, apenas por Carvalho Sobrinho, engenheiro de profissão, considerado no meio político-administrativo "homem de linha dura".

"Era o homem de confiança do governo estadual e do federal e por isso, fazia e desfazia o que achava melhor ..."

Essa nomeação não agradou nada aos políticos do município. No funcionalismo foi criado um clima de pavor. Os servidores, em geral, tremiam, só ao ouvirem o nome do Interventor.

Os servidores de São Caetano, embora não tivessem contato direto com ele, temiam-no, também, em só saberem das atitudes que tomava em relação à classe e a política local. Era o homem de confiança do governo estadual e do federal e, por isso, fazia e desfazia o que achava melhor para o município.

As visitas do Interventor em São Caetano eram raras, por isso; os servidores daqui, trabalhavam mais tranquilos, daqueles da sede que estavam diretamente ligados a ele.

O grupo de servidores municipais que prestava serviços em São Caetano era muito unido, pois a maioria dos seus elementos morava aqui há muitos anos e se conhecia de longa data. Por isso, entre eles reinava uma grande amizade, motivo de trocas de trotes e gozações, mesmo na hora do expediente administrativo.

Certa tarde, em pleno expediente, o telefone da Agência tilintou. O Natal Martinetti, que era o servidor incumbido de atender os telefonemas, atendeu: Prefeitura Municipal de Santo André, agência de São Caetano.

– Quem está falando aqui é o Prefeito Carvalho Sobrinho. Chame-me, imediatamente, o senhor José Américo Garcia.

O Natal Martinetti (*Requiom*) sabia que o José Américo Garcia não estava na agência, mas para não dizer que ele não se encontrava, precisava dar uma desculpa: – Pois não Excelência, um momento que vou chamá-lo. Voltou dizendo: – O Américo no momento não se encontra na agência, mas deve estar por aqui por perto, pois o seu paletó está na cadeira.

– Eu não quero saber se o paletó dele está na cadeira ou não. Diga-lhe que preciso, imediatamente, falar com ele, dentro de no máximo, cinco minutos. Se ele não me telefonar, dentro de cinco minutos, você e ele irão para o olho da rua, ouviu?

– Sim, Excelência. Vou procurá-lo já.

O José Américo Garcia, que era o

que estava fazendo a ligação, desligou o telefone bravo. Aguardou cinco minutos e tornou a ligar para a Agência. O Natal Martinetti atende.

– Aqui quem está falando é o Prefeito Carvalho Sobrinho. Eu quero saber se o José Américo Garcia já foi encontrado...

– Não doutor, ele não foi encontrado, porque...

– Mas o paletó dele não está na cadeira dele?

– Sim, mas...

– Não tem nada de mais, nem de menos. Eu já vou para aí e vou encontrar esse homem, pô-lo na rua e você, também.

– Mas, Excelência, eu não tenho culpa.

“Ô, seu paspalho! Aqui quem está falando é o Terezina, o teu chefe José Américo Garcia. Desligou o telefone...”

O José Américo, não agüentando o que estava fazendo, soltou uma gargalhada e disse: Ô, seu paspalho! Aqui quem está falando é o Terezina, o teu chefe José Américo Garcia. Desligou o telefone.

Não é preciso dizer que o *Requiom* bateu com o fone no gancho e soltou aquele rosário de impropérios que conhecia.

O José Américo Garcia, o Terezina, logo depois de ter passado o trote no Natal Martinetti, o *Requiom*, imediatamente dirigiu-se à Agência e a gozação foi geral, inclusive pelo *Requiom*, pela forma como o Terezina apresentou o fato.

O *Requiom*, um gozador inveterado, não ligou muito pelas graças dos colegas e logo esqueceu a brincadeira.

Durante algumas semanas, as rotinas administrativas desenrolavam-se normalmente, quando o telefone toca novamente.

O *Requiom* atende: Prefeitura Municipal de Santo André, agência de São Caetano.

– Quem está falando?

– É o *Requiom*.

– Eu quero falar com o funcionário dessa agência, Natal Martinetti.

– Pois não. Pode falar, eu sou o Natal Martinetti.

– O senhor está brincando comigo? Quem está falando daqui é o Prefeito Carvalho Sobrinho. Eu quero falar com o senhor Natal Martinetti.

Sem dar oportunidade para que o *Requiom* falasse qualquer outra coisa, continuou:

– Olha aqui seu moleque, eu já vou para aí e vou te mostrar que com o Carvalho Sobrinho ninguém brinca.

– Mas doutor, eu...

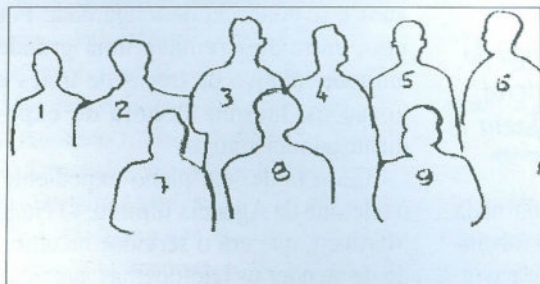
– Não tem nada de doutor.

– Mas, excelência...

O Terezina não agüentando a brincadeira, solta nova gargalhada e diz: Ô seu idiota! Te peguei novamente. Quem está falando aqui é o teu querido chefe Terezina. Seu puxa-saco...

O *Requiom* desligou o telefone e não contou nada para ninguém.

Foto: Álbum de São Bernardo



Servidores públicos de Santo André, que prestavam serviço no Distrito de São Caetano. Pela ordem: 1- Octacílio Faustino; 2- Casério Veronesi; 3- Natal Martinetti; 4- Luiz Bálsamo; 5- Sebastião Antonio da Silva; 6- ? 7- Luvigino Nery; 8- José Américo Garcia; 9- Augusto Palazzini, funcionário de Santo André, Primeiro Distrito.



José de Carvalho Sobrinho, interventor no Município de Santo André

Na chegada do *Terezina* na agência, nova gozação, em cima do *Requiom*.

O *Requiom* justificava-se. Eu juro que era a voz do Carvalho. Podem estar certos, noutra ele não vai me pegar.

Passados poucos dias do segundo trote, o telefone da agência toca e, como de costume, o *Requiom* atende: Prefeitura Municipal de Santo André, Agência de São Caetano.

– Quem está falando aqui é o Prefeito Carvalho Sobrinho. Chame o senhor José Américo Garcia, urgente.

“É ele, desta vez não me pega.

Tirando a mão do bocal, responde: Pois não, mas enquanto eu for chamá-lo...”

O *Requiom* que já tinha sido vítima de duas gozações telefônicas, tapando o

bocal do telefone, fala para o colega que se encontrava ao lado. É ele, desta vez não me pega. Tirando a mão do bocal, responde: Pois não, mas, enquanto eu for chamá-lo, vai até a esquina e veja se eu estou lá.

– Aqui é o Prefeito de Santo André quem está falando.

– Se aí é o Prefeito de Santo André Carvalho Sobrinho, aqui quem está falando é o Ademar de Barros, Governador do Estado de São Paulo. Aguarde no telefone. Eu vou ver se ele pode atendê-lo.

Colocou o telefone na mesa, por alguns segundos, voltou e disse, com voz de deboche: Ele mandou dizer-lhe que está muito ocupado e mandou você telefonar mais tarde. Ato contínuo desligou o telefone, olhou para os colegas com ar de vitória: Desta vez, o *Terezi-*

na estrepou-se comigo. Eu não disse que não cairia mais nos trotes idiotas dele?

Nesse mesmo instante, ia entrando na repartição o Casério Veronesi e ouvindo a conversa, retrucou. Oh! *Requiom*, desta vez não foi o Terezina que te telefonou, ele esteve comigo até agora e eu não o vi fazendo ligação telefônica alguma, mesmo porque, onde estivemos não havia telefone algum para ligar.

O *Requiom*, desconfiado do que o Casério estava falando, porque ele era um dos maiores gozadores da agência, não deu importância e continuou a vangloriar-se do contra-trote que tinha passado no *Terezina*. Momentos depois, entra o *Terezina* e o *Requiom* rindo: Gostou da resposta que te dei? Por essa você não esperava, hein?

O *Terezina*, espantado: Eu não sei do que você está falando. Não sabe, é? Tadinho dele, não sabe!!!

Já irritado, o *Terezina*: Desembucha logo, qual é a graça de tanto riso?

– O telefonema, belezoca que você fez imitando o Carvalho.

– O telefonema??? Você esta biruta, eu não te telefonei. Estive a tarde toda com o Casério, onde não existe nem luz, quanto mais telefone.

Enquanto conversaram, alguém vem e diz: O carro do Prefeito está parando em frente à Agência.

O *Requiom* só teve tempo de falar: Então é verdade o que vocês estão dizendo? Vou me matar. Pegou o paletó e saiu pela porta lateral.

O carro trazia o Prefeito Carvalho Sobrinho, que por sua vez trazia a portaria de demissão do *Requiom*.

A brincadeira telefônica inocente do Terezina tornou-se um pesadelo para o inocente *Requiom*.

José de Carvalho Sobrinho, ao assumir, como Interventor a Prefeitura Municipal de Santo André, encontrou a organização administrativa com muitas deficiências. O controle das contas de despesas e receitas deixava muito a desejar, pois era feito de forma manual ou baseado no empirismo

peçoal, ensejando fraudes e injustiça fiscal, respectivamente, para a Prefeitura e para o contribuinte.

Justificava-se esse desequilíbrio administrativo em razão do enorme território, mais de 800 quilômetros quadrados, que possuía e os diversos núcleos urbanos espalhados dentro dele.

Carvalho Sobrinho que veio para Santo André como Interventor, com todos os poderes outorgados pelo, também, Interventor do Estado, Ademar de Barros, iniciou seu governo, expedindo ordens de serviços, portarias e decretos, normalizando rotinas administrativas que achava saneadas.

Uma delas foi a de exigir que as folhas de pagamento dos servidores municipais, no ato do pagamento mensal, fossem assinadas pelos próprios servidores, uma vez que, até aquela data, eles só decalcavam na folha de pagamento a digital do polegar. Esse sistema, além de ser arcaico, sujo e inconveniente, podia causar fraudes e conseqüentes prejuízos para a Caixa Pública.

A Ordem de Serviço baixada pelo Prefeito-Interventor era para valer, pois, "quem não soubesse escrever o seu nome, não poderia receber pagamento da Prefeitura e seria demitido".

Essa determinação pôs em polvorosa a classe dos servidores municipais, porque a maioria, principalmente os que trabalhavam nas turmas de manutenção, portanto operários, era analfabeta.

O jeito encontrado para que não houvesse demissões foi o de que, cada servidor alfabetizado, ensinasse um operário ou servidor da administração que não soubesse assinar, desenhasse o nome e o sobrenome.

Um dos operários que não acreditava que o Prefeito pudesse aplicar aquela ordem que tinha emanado, não tomou qualquer providência, no sentido



Natal Martinetti

de aprender a desenhar, pelo menos, o seu nome e sobrenome. Nas vésperas do pagamento, verificando que a norma iria ser aplicada, começou a interessar-se para aprender a desenhar o seu nome.

"Nas vésperas do pagamento, verificando que a norma iria ser aplicada, começou a interessar-se para aprender..."

Procurou o servidor Casério Veronesi e pediu-lhe que o ensinasse a desenhar seu nome. O Casério, que estava muito ocupado, mandou que ele se sentasse. Ele se sentou bem em frente, aguardando a aula que seria ministrada. Numa folga, o Casério pegou um papel em branco e de frente para o servidor, lhe disse: - Preste atenção como vou escrever o seu nome. Ato contínuo, escreveu o nome do operário. Você seria capaz de copiar? Sim, disse o operário. Então leve esse papel para casa e treine bastante, porque amanhã será o dia do

pagamento e você terá que assinar a folha perante o pagador que vem de Santo André.

O operário retirou-se.

No dia seguinte, voltou a falar com o Casério: - Seu Casério, olha as cópias que fiz, está bom assim?

O Casério notou qualquer coisa estranha. Logicamente não iria exigir que assinatura saísse perfeita.

- Quero ver como você escreveu. Sente-se aí na minha mesa e faça algumas assinaturas.

Quando o operário começou a desenhar o seu nome e sobrenome, o Casério percebeu por que tinha estranhado as assinaturas que o operário tinha feito em casa. Ele desenhava, no centro da pauta de cabeça para baixo, começando da direita indo para a esquerda.

Ele tinha aprendido a escrever, olhando de frente para o Casério, enquanto ele o ensinava.

Foi tentado ensinar-lhe a forma correta, porém, como estava na hora de pagamento, o jeito, na hora da assinatura daquele servidor na folha de pagamento, era colocá-la na sua frente de cabeça para baixo.

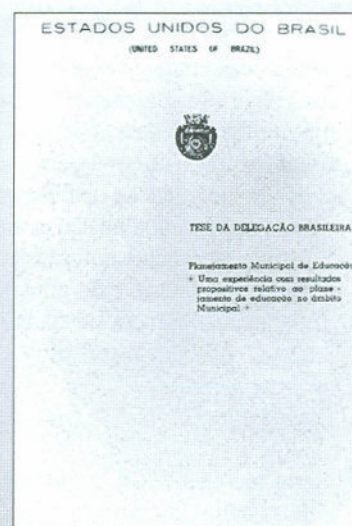
Nunca mais foi possível ele aprender a assinar de forma correta. Na hora de desenhar a assinatura, era preciso virar a folha de pagamento ou ele passar para o outro lado.

Mas... nada mais era importante. Importante era que a ordem do Prefeito estava sendo cumprida e o operário continuava na Administração, recebendo o seu salário.

() Henry Veronesi é advogado, administrador de empresas, ex-radialista, ex-diretor do programa ABC em Marcha, ex-presidente da Ordem dos Advogados (Subseção de São Caetano do Sul), ex-diretor de Administração da Caixa Pensões dos Funcionários Públicos Municipais de Santo André, ex-presidente da Comissão de Licitação e Reforma Administrativa da Prefeitura de Santo André, ex-diretor da Fazenda e de Administração na Prefeitura de Santo André, e ex-diretor do Departamento de Administração da Prefeitura de São Caetano do Sul. É membro do Consel-*



Alécio Strabelli, no Congresso de Bangkok, passando uma flâmula de São Caetano do Sul para o representante da Nigéria



Capa da tese da Delegação Brasileira

A educação de São Caetano já passou pela Tailândia

Recentemente a imprensa nacional, incluindo rádio e TV, divulgou dados estatísticos sobre a educação em nosso Município, agradando muito aos caetanenses, deixando-os orgulhosos com os números e satisfeitos com a projeção do nome da cidade no cenário nacional. O que poucas pessoas sabem é que toda esta situação gratificante de hoje não aconteceu por acaso, e teve na sua origem, entre outros fatos, a participação de uma delegação de São Caetano do Sul apresentando-se na Conferência Internacional de Planejamento Governamental de Bangkok, capital da Tailândia, no nordeste asiático. Isto aconteceu em fevereiro de 1967, e a tese que a delegação da cidade apresentou tinha o seguinte título: *Planejamento Municipal de Educação: uma experiência com resultados propostos relativos ao planejamento de educação no âmbito municipal*. O representante de São Caetano do Sul na delegação foi o professor e jornalista Alécio Strabelli, que na ocasião ocupava o cargo de assessor de Imprensa na

administração do prefeito Walter Braido (1965 - 1969).

“Nem mesmo possui área rural, à qual emprestaria sua fisionomia social peculiaridades educacionais...”

A tese é muito interessante. Na introdução, há um parágrafo quase profético, que é um alerta aos desprevenidos: “Não estamos induzindo regras gerais a todos os municípios brasileiros, mas sim partindo de um exemplo muito particular do país, ou seja, o objeto dos estudos enfocados que constitui uma área particularíssima, exemplificando o caso de um município altamente industrializado, com um adensamento predial inédito em todo país, dispondo, além disso, de condições singularíssimas, no que concerne à sua vida econômica, já que, intensamente industrializado. Nem mesmo possui área rural, à qual emprestaria a sua fisionomia social peculiaridades educacionais análogas a outras áreas municipais mistas”. E, no penúltimo parágrafo da introdu-

ção, arremata: “... para os estudiosos da Sociologia, o caso do município de São Caetano do Sul, oferece uma variedade muito atrativa de ensinamentos no campo educacional, que derivam de sua posição geograficamente transitiva, localizada que é entre outras áreas municipais altamente industrializadas e o município de São Paulo”.

Após essa introdução, a tese completa-se em 40 páginas com mais quatro tópicos: 1) Considerações Gerais sobre o problema; 2) Descrição sucinta dos resultados da pesquisa; 3) Conclusões particulares para o caso do município de São Caetano do Sul e; 4) Conclusões Gerais - Neste tópico chama a atenção o parágrafo III - Descrição dos resultados da pesquisa: “Um exaustivo trabalho de campo e de gabinete deu início à investigação tendente à determinação exata da estrutura física e demográfica da cidade, através do levantamento aerofotogramétricos, quanto ao trabalho das equipes voltadas para o cadastro imobiliário utilizados na pesquisa.”

Em 12 tópicos, fica delineada a substância da tese:

- 1) Numa comunidade economicamente desenvolvida, ficam patentes as defasagens registradas entre o ensino primário e secundário;
- 2) Em municípios mais atrasados, a diferença acima descrita é ainda mais melancólica;
- 3) Em nosso país, as condições econômicas de custeio não permitem que a grande massa de adolescentes se dedique, durante o dia, aos regimes escolares, já que os rendimentos de seu trabalho são essenciais à sua própria sobrevivência;
- 4) Somente as escolas noturnas poderão proporcionar à grande massa de adolescentes o ensino secundário e do grau médio essencial à demanda do mercado de trabalho;
- 5) Toda atenção deverá ser dada aos cursos primários noturnos, já que a simples alfabetização não satisfaz às aspirações comunitárias, no sentido de um alto padrão educacional;
- 6) É necessário organizar em todos os municípios o Conselho Municipal de Educação e Cultura;
- 7) Seria recomendável, a todos os municípios brasileiros, a formação de Centros de Cultura como instrumento específico para a educação popular;
- 8) Os Centros de Cultura deveriam observar as bibliotecas municipais, associando-se também à televisão pública, cinema educativo, teatro estudantil, etc;
- 9) O Centro de Cultura Municipal deve ser a figura mais avançada no rumo do processo das comunidades;
- 10) É fundamental o uso de televisão em circuito fechado, no que se refere à educação de adultos, de adolescentes e crianças;
- 11) O Ensino Técnico deverá desdobrar-se em áreas onde a produção local propicie condições naturais de direto trato com os equipamentos, processos, matéria-prima e condições particulares de comercialização e,
- 12) Nas áreas desenvolvidas as contingências de valorização do homem e melhores oportunidades valorativas.

Este resumo da análise e de uma tese defendida por São Caetano do Sul, em 1967, em Bangkok, na área educacional, prova que a importância da Educação em São Caetano vem desde aquela época despertando a atenção de políticos e educadores, e que o fruto que colhemos hoje nesta área, como provaram as manchetes dos jornais, é apenas porte de um longo processo de estudos e análises que precisam ser investigados e analisados à luz da nossa própria memória histórica.

BIBLIOGRAFIA

(*) Pesquisa e texto a cargo do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.



Manchetes de alguns jornais brasileiros em agosto de 1994, registrando as estatísticas do Relatório das Nações Unidas para a Infância (Unicef), sobre São Caetano do Sul

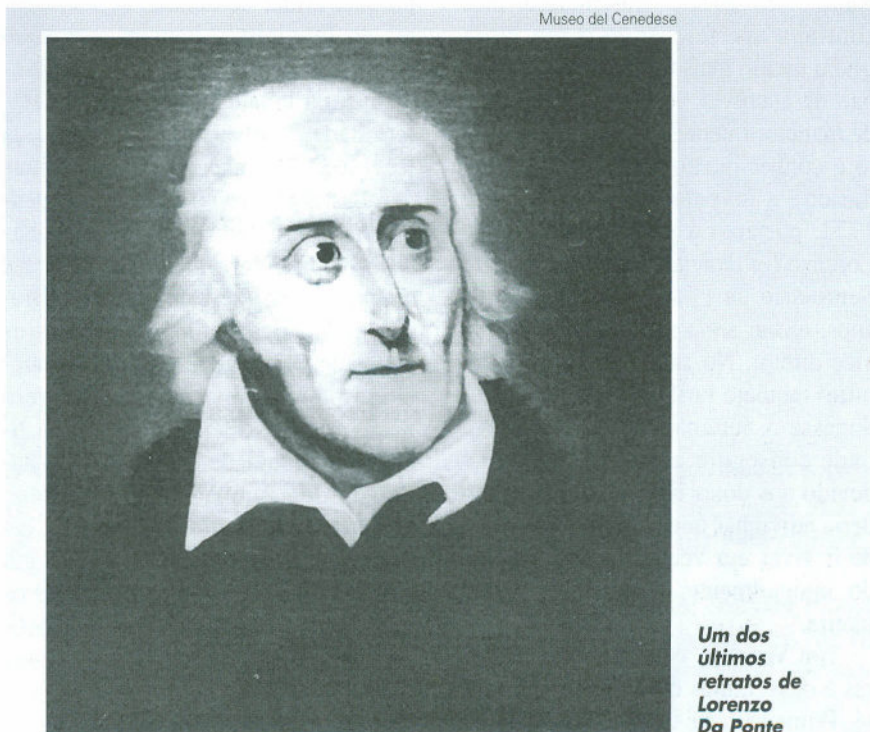
Lorenzo Da Ponte, o filho mais ilustre de Vittorio Veneto

Aleksandar JOVANOVIC (*)

Lorenzo da Ponte (1749- 1838), com certeza, é o filho mais famoso da pequena cidade de Vittorio Veneto, encravado no sopé dos Alpes italianos e pólo de origem das primeiras famílias que chegaram ao Núcleo Colonial de São Caetano, em 1877. Por ter sido autor dos libretos de algumas óperas magníficas de Wolfgang Amadeus Mozart, Da Ponte ficou conhecido apenas por uma das diversas facetas de seu caráter: aquela ligada à música erudita. Já não seria pouco ter sido colaborador de um dos maiores compositores de todos os tempos. Contudo, Da Ponte foi mais do que um libretista: poeta, seminarista, professor, livreiro, bibliófilo, divulgador da cultura italiana do Trecento e Quattrocento, um homem que acabou expulso da pátria, reconhecido no exterior, e cuja vida esteve pontilhada de aventuras. Também viveu no Império dos Habsburgos, em Viena; depois foi para a Inglaterra e, finalmente estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde morreu. E mais: foi o primeiro professor de língua e literatura italianas da Columbia University e o responsável pela introdução de Dante Alighieri nos Estados Unidos.

“Aos 14 anos, em 24 de agosto de 1763, durante a festa de São Bartolomeu, Emanuele foi convertido ao catolicismo...”

A historiadora inglesa Sheila Hodges, autora de uma densa biografia de Da Ponte, lembra, num artigo, que o poeta italiano possuía, em 1803, em sua livraria londrina, nada menos do que 15 mil livros, antigos e contemporâneos, inúmeras raridades e primeiras edições valiosas [1.]. Esse dado, com



certeza, ilustra bem a extensão dos interesses de Da Ponte, homem capaz de encomendar coleções de livros sobre os mais diversos assuntos científicos com absoluta precisão e conhecimento de causa.

Nosso personagem nasceu no *ghetto* de Ceneda [2.], em 10 de março de 1749, com o nome de Emiliano Conegliano. Provinha de uma família judaica relativamente modesta [3.]. Aos 14 anos, em 24 de agosto de 1763, durante a festa de São Bartolomeu, Emanuele foi convertido ao catolicismo juntamente com os dois irmãos – Baruch e Anania – e o pai, Geremia. E tomava o nome de seu padrinho, o bispo local, Lorenzo Da Ponte. Em suas *Memorie*, ele pouco fala a respeito da juventude, mas é certo que os três irmãos ingressariam no Seminário de Ceneda logo após a

sua conversão ao cristianismo. Assim, passaram a ter acesso à grande biblioteca. Em menos de dois anos, Lorenzo já escrevia versos em latim e a chegada do abade Cagliari di Altivole ao Seminário de Ceneda deve ter exercido influência sobre o seminarista, uma vez que o professor estudava e ensinava as obras de Dante, Petrarca, Virgílio e Horácio (coisa rara na época).

“Lorenzo estuda Filosofia e Matemática, mas continua aperfeiçoando o seu latim (meio século mais tarde...”

No ambiente novo em que havia sido colocado, o jovem Lorenzo revelou imediatamente sua habilidade para escrever - principalmente poesia - e sua decisiva paixão pelos livros. Pou-

co tempo depois, os três irmãos foram transferidos para o Seminário de Portogruaro (situada entre Ceneda e Veneza). Em 1769, decidia-se em Portogruaro que Lorenzo e um dos irmãos deveriam tornar-se padres. Lorenzo estuda Filosofia e Matemática, mas continua aperfeiçoando o seu latim (meio século mais tarde ainda seria capaz de escrever versos nessa língua, de maneira fluente, tais foram o manejo e conhecimento adquiridos por ele durante a juventude). Entre 1770 e 1772, portanto a partir dos 21 anos, Lorenzo foi indicado para dar aulas no Seminário de Portogruaro e, aos 23 anos, tornar-se-ia nada menos do que vice-diretor. No ano seguinte, seu espírito inquieto faria com que ele abandonasse o Seminário de Portogruaro, onde conseguiu ascensão meteórica devido aos dotes intelectuais. Mal poderia adivinhar que ao tomar a decisão de ir viver em Veneza estaria mudando, integralmente, o curso de sua vida inteira.

Em Veneza, começam as aventuras e desventuras de Lorenzo Da Ponte. Primeiro, apaixona-se por Angiola Tiepolo, de um ramo mais pobre dessa família nobre e antiga da cidade. Empregou-se como professor de filhos de famílias importantes devido ao grande conhecimento de que já dispunha. Em breve, sua ligação amorosa mostrou-se um desastre: Angiola levou Lorenzo para uma vida dissoluta, coroada por sucessivas apostas no jogo de cartas. As diversas cenas de ciúme por ela protagonizadas causaram a demissão do jovem professor, que ficou sem trabalho e sem dinheiro, mas sempre vigiado, de maneira febril, por Angiola. Em 1774, com a ajuda de um dos irmãos, Lorenzo vai a Treviso para empregar-se como professor de literatura do seminário local. Treviso, na época, não era somente um local em que os venezianos passavam o verão, mas também sediava um dos mais famosos teatros da Itália [4.]. Pois bem, versando em italiano e latim, Da Ponte escolhera para si o tema inspirado no fi-

lósofo francês Jean-Jacques Rousseau: “O homem é mais feliz quando vive no estado natural ou quando vive no interior de uma sociedade qualquer?”. Claro que o poeta optaria pela fórmula de Rousseau. Eram idéias “perigosas”, porque, afinal de contas, os pensadores do Iluminismo haviam espalhado pela Europa e pelas Américas as sementes da igualdade, liberdade e fraternidade, que se tornariam lema da Revolução Francesa, mas que, duas décadas antes, inspirariam a independência dos Estados Unidos e acabariam inspirando a independência das antigas colônias espanholas e do Brasil, na América Latina. Publicados os textos de Da Ponte, o poeta foi denunciado pela Inquisição. De qualquer maneira, essas idéias e o lema da liberdade, igualdade e fraternidade haveriam de acompanhar Da Ponte ao longo da vida, nos diversos meios em que haveria de viver e sobretudo em Viena, onde começou a freqüentar os mesmos círculos filosóficos e beneficentes que os célebres compositores Mozart e Josef Haydn e o também poeta e libretista Emanuel Schikaneder (autor do texto da ópera *A Flauta Mágica*).

*“Para não perder o hábito,
Lorenzo imediatamente
descobre uma bela jovem –
austríaca ou eslovena, ...”*

Mas nada lhe aconteceu durante dois anos e meio, quando acabou sendo denunciado - mais uma vez e anonimamente - dos mais variados crimes que jamais havia cometido. Em setembro de 1779, as autoridades da Sereníssima República de Veneza determinaram a prisão do escritor e professor, que continuava a não levar a sério o que lhe acontecia. Sobretudo porque havia saído do território veneziano, tendo encontrado refúgio no Império dos Habsburgos, em Gorizia, 35 quilômetros ao norte de Trieste. Era uma cidadezinha agradável e de excelente nível cultural: autores como Cimarosa,

Paësiello, Salieri ou Marcello apresentavam-se no teatro local e a comunidade era um centro de edição de livros [5.]. Para não perder o hábito, Lorenzo imediatamente descobre uma bela jovem – austríaca ou eslovena, não se sabe – com quem passa a ter uma forte ligação amorosa. Ele não falava uma palavra de alemão ou esloveno, e ela não sabia uma única sílaba de italiano, mas... De outro lado, escreve poesias e dedica uma delas ao conde Guidobaldo di Cobenzl, o mais eminente morador de Gorizia. Assim, nasce um relacionamento amistoso e o conde coloca Lorenzo sob a sua proteção. Meses depois, era fundada uma Academia Literária em Gorizia, presidida pelo conde, amante das artes, e onde Da Ponte ingressa sob o pseudônimo de Lesbonico Pegasio.

*“Não se sabe ao certo a data
de sua chegada, mas é provável
que tenha sido antes de 1781,
porque, no final...”*

Ainda jovem, Lorenzo Da Ponte havia feito algumas amizades que durariam a vida toda. Entre eles, estava Carlo Mazzolà que se havia estabelecido em Dresden, num dos pequenos estados alemães, como poeta do teatro da corte do príncipe-eleitor. Passando por Gorizia, Mazzolà reencontrou o amigo de juventude e convidou-o a acompanhá-lo a Dresden, onde poderia arrumar-lhe trabalho. O espírito aventureiro e inquieto de Lorenzo imediatamente mostrava-se inclinado para o novo desafio. E o próprio conde Cobenzl ajudou Da Ponte a tentar a sorte longe dali, com dinheiro e uma carta de recomendação. Em Dresden, o emprego esperado não apareceu e Da Ponte continuava abrigado pela hospitalidade de Mazzolà. Por fim, decidiu tentar a sorte em Viena, capital do grande império dos Habsburgos e importante centro musical e cultural, na época. Não se sabe ao certo a data de sua chegada, mas é provável que tenha sido antes de 1781, porque, no

final desse ano, já era publicado ali o seu poema de inspiração ovidiana *Fillemone e Bauci*. A publicação rendeu-lhe a possibilidade de encontrar-se com Pietro Trapassi (1698- 1782), aliás Metastasio, que foi o poeta da corte imperial austríaca durante nada menos que meio século. Em seguida, uma rápida fama começou a cercar Da Ponte, porque Metastasio não era dado a receber pessoas e além de permitir ao estranho que se avistasse com ele, elogiou-lhe (e muito) o talento artístico [6.].

*“Não se sabe ao certo de quem teria sido a idéia de musicar a comédia *Le nozze di Figaro*, originalmente escrita ...”*

Pouco tempo depois, sem dinheiro e necessitando de trabalho, Da Ponte recorreu a Salieri, cuja recomendação valeu-lhe a nomeação para poeta da Corte, em 1783. Não era uma situação qualquer, porque o imperador José II, déspota esclarecido e reformador liberal e tolerante, além de ser amante das artes, também falava bem o italiano, conhecia música e tocava vários instrumentos. A notoriedade advém logo depois de um ano, com o drama jocoso *Il ricco d'un giorno*, musicado por Salieri e o ápice do sucesso vem com *Le Nozze di Figaro* (1786), cuja estréia foi realizada em maio do mesmo ano, em Viena; *Il Don Giovanni* (1787), com estréia no ano seguinte, no Teatro Nacional de Praga e *Così fan tutte* (1790), apresentado pela primeira vez em Viena, nesse mesmo ano. Foram as três óperas bufas de Mozart. O encontro de Da Ponte com Mozart teria ocorrido na casa do barão Raimund von Planckenstein Wetzlar, rico comerciante e protetor de Mozart. Não se sabe ao certo de quem teria sido a idéia de musicar a comédia *Le nozze di Figaro*, originalmente escrita por Beaumarchais. Da Ponte prometeu eliminar todas as referências políticas que pudessem interferir na autorização da Corte de Viena para que o trabalho

fosse levado adiante. Assim, a ópera foi concluída como resultado de um trabalho febril tanto do compositor quanto do libretista [7.] Como observa o historiador britânico Norman Davies [8.], a colaboração entre Mozart e Da Ponte tornou-se um dos grandes marcos do desenvolvimento musical europeu.

No início de 1791, Lorenzo sai de Viena por causa de aventuras amorosas e vai para Trieste. No ano seguinte volta a Viena. Quando retorna a Trieste, no mesmo ano, casa-se com Anna Celestina Ernestina Grahl, que ele apelida de Nancy, e que se torna sua esposa fiel até o final da vida. Partem para Paris. Giacomo Casanova convence-o a estabelecer-se em Londres, aonde chega em outubro de 1792. Torna-se libretista para óperas italianas do King's Theatre, em Haymarket. Em 1798, retorna à Itália para uma visita a Ceneda e a Veneza e para ver o pai idoso. De volta à Inglaterra, inicia uma atividade editorial e abre uma livraria de livros italianos. Tem problemas financeiros. Decide partir para os Estados Unidos em 1805 com a mulher e os quatro filhos.

“Em Nova Iorque, abriu uma escola de língua italiana e em 1821 abre um pensionato destinado a acolher...”

Assim, aos 56 anos, inicia vida nova num país estranho. Primeiro, esteve em Nova Iorque. Depois, chegava à histórica cidade de Filadélfia, onde foi redigida a Declaração de Independência americana; era uma cidade com 68 mil habitantes, comunidade urbana de comerciantes e construtores de navios, sede da conhecida Sociedade Filosófica da América. Possuía uma biblioteca pública, um museu de Arte, outro de História Natural, livrarias, teatros, etc. Nesse ambiente refinado, embora quase nada tenha dado certo na nova vida que Da Ponte desejava construir, ficaram algumas amizades e sua figura emergia como a de um intelectual im-

portante. Viveu em New Jersey, Nova Iorque, Sunbury e em 1819, retornou definitivamente para Nova Iorque. Na Pennsylvania, havia se tornado comerciante de medicamentos; ensinou italiano e continuava vendendo livros de seu país natal. Em Nova Iorque, abriu uma escola de língua italiana e em 1821 abre um pensionato destinado a acolher estudantes. Coleta junto aos amigos americanos ricos mais de 150 mil dólares para construir a Italian Opera House, de Nova Iorque, um dos mais belos e elegantes teatros da América, segundo testemunhos de época. Os insucessos financeiros, contudo, continuam a persegui-lo em sua vida pessoal. Nos últimos vinte anos de sua existência, passados em Nova Iorque, também foi atingido por alguns grandes golpes sentimentais: a morte de duas filhas e da esposa. A despeito disso tudo, continua trabalhando, de forma incansável, nas mais diversas atividades. Em 1825, a Columbia University confere-lhe o cargo de professor de italiano. Morre em 17 de agosto de 1838, aos 89 anos. Viveu uma vida atribulada, cheia de grandes aventuras, mas por onde passou deixou sua marca inapagável.

A volumosa produção literária de Da Ponte não foi iniciada durante os anos em que esteve na Corte, em Viena. Na verdade, já entre 1763 e 1766, escrevia sonetos e um poema mais longo numa competição interna do seminário. Até 1780, prossegue escrevendo versos - mais longos ou mais breves - em italiano e em latim e também traduz, com o irmão Girolamo, do francês. Todavia, sua atuação literária deve ser contextualizada: chega a adaptar obras escritas em francês e inglês, por exemplo, difundindo nomes com Shakespeare e Voltaire, por exemplo. Ao mesmo tempo, trabalha baseado em textos dos autores da Antiguidade clássica e também de alguns escritores italianos importantes, o que simplesmente comprova a vasta cultura de Da Ponte, sua qualidade de leitor insaciável e uma criatividade ilimitada.

da. Os libretos que deixou são mais numerosos ainda, se se pensar no volume textual necessário para as óperas. Começa em 1781, com *Ati e Cibele*, cujo original foi escrito pelo francês Philippe Quinault; Da Ponte traduz para o italiano e realiza a adaptação, juntamente com o amigo Mazzolà.

“Em 1794, redige o libreto
Il matrimonio segreto,
musicado por Cimarosa;
I contadini bizzarri,...”

Em 1783, é a vez de *Ifigenia in Tauride*, que Da Ponte também traduz e adapta do original francês. A ópera de Gluck estréia em Paris, em 1779, com o texto de François Guillard, mas na apresentação feita em Londres, em 1796, já é o texto italiano de Da Ponte que acaba sendo empregado. No ano seguinte, redige o libreto de *Il ricco d'un giorno*, que acaba sendo musicada por Salieri. Dois anos depois, produz nada menos do que seis textos, a saber: *Il burbero di buon cuore*, que adapta de um texto de Carlo Goldoni [9.] e que é musicado pelo espanhol Martin y Soler; depois, *Il finto cieco*, uma adaptação do *L'aveugle clairvoyant*, de Légrand; segue-se o texto de *Le nozze di Figaro*, baseado no *Le mariage de Figaro*, de Beaumarchais [10.], musicado por Mozart; depois *Il demogorgone ovvero il filosofo confuso*; no mesmo ano, ainda, escreve o libreto de *Una cosa rara o sia Bellezza ed onestà*, musicado por Martin y Soler e, finalmente, *Gli equivoci*, adaptação do *Comedy of Errors*, de Shakespeare.

Em 1787, mais três textos: *Il Bertoldo*, *L'arbore di Diana*, musicado por Martin y Soler e *Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni*, ópera de Mozart. No ano seguinte, produz *Axer, rè d'Ormus*, adaptação do *Tarare* de Beaumarchais, ópera de Salieri e *Il Talismano*, baseado num texto de Goldoni, também musicado por Salieri. Em 1789, outros três libretos: *Il pastor fido*, musicado por Salieri; *L'ape musi-*

cale, outra adaptação de um texto de Goldoni e *La cifra*, adaptação da *La dama pastorella*, de Petrosellini, musicada por Salieri. Em 1790, escreve o texto da ópera *Così fan tutte ossia la scuola degli amanti*, de Mozart, e ainda *Nina ossia la pazza per Amore*, musicada por Paësiello, e *La caffettiera bizzarra*, outra adaptação de Goldoni, musicada por Weigl. No ano seguinte, seguem-se mais quatro textos: *I voti della nazione napoletana*; *Flora e Minerva, uma cantata, musicada por Weigl*; *Il Davide*, musicada por um compositor desconhecido e, finalmente, *L'ape musicale rinnuovata*. Entre 1781 e 1791, escreve, também, os versos de duas cantatas – *Il sogno* e *Il sacrificio di Jefe* e *Il ritorno felice*. Em 1794, redige o libreto *Il matrimonio segreto*, musicado por Cimarosa; *I contadini bizzarri*, conhecido também como *Le gelosie villane*, musicado por Giuseppe Sarti (1729-1802) e Paësiello. Vem, ainda, *Il capriccio drammatico*, musicado por Cimarosa; *La bella pescatrice*; *La prova dell'opera*; *La Semiramide*; *La frascatana* e a cantata *La vittoria*, todas musicadas por Paësiello

“Naturalmente, há mais obras:
a tradução italiana de uma
obra de Lord Byron; crítica
relativa à obra ...”

Já em 1795, escreve *La scuola de'maritati*, musicada por Martin y Soler; *Alceste ossia Il Trionfo dell'amor coniugale*, adaptação de um texto de Calzabigi, musicado por Gluck; *L'isola del piacere*, musicado por Martin y Soler e *La bella Arsène*. No ano seguinte, compõe outros quatro textos para ópera: *Antígona*, *Il tesoro*, *Zemira* e *Azor* (adaptado de um texto francês) e *Il consiglio imprudente* (adaptado de um texto de Goldoni). Em 1797, escreve *Evelina*, a cantata *Le nozze del Tamigi e Bellona*, *Merope* (adaptação de um texto de Voltaire). Em 1798, redige *Cinna*; em 1801, *Angelina*, musicado por Salieri; no

ano seguinte, *Armida*; um ano mais tarde, *La grotta di Calipso* e, em 1804, *Il trionfo dell'amor fraterno* e *Il ratto di Proserpina*.

Naturalmente, há mais obras: a tradução italiana de uma obra de Lord Byron; crítica relativa à obra de Dante Alighieri; uma História da Língua e Literatura Italianas, publicada em Nova Iorque, em 1827 e, dentre tantos outros textos, os quatro volumes de suas Memorie.

“Como afirma o próprio Sera,
somente na última década é
que os estudos e pesquisas
universitários conseguiram...”

Seria possível fazer um interessante jogo de palavras com o sobrenome de nosso personagem [11.] e o papel que exerceu: Da Ponte, na verdade, acabou se tornando uma espécie de ponte intelectual e afetiva entre a Europa e os Estados Unidos e, mais especificamente, entre a sua Itália natal e a nova pátria que adotou. Como afirma o próprio Sera, somente na última década é que os estudos e pesquisas universitários conseguiram lançar novas luzes sobre a figura complexa, mas extraordinária, desse homem que, ao longo de quase noventa anos de vida, semeou obras em dois continentes e inúmeros países.

NOTAS

[1.] Hodges, Sheila - Lorenzo Da Ponte bibliophile, printer and publisher. In: *Il Ritorno di Lorenzo Da Ponte / saggi di Bruno Brizi et al.* [a cura di Vittorino Pianca e Aldo Toffoli]. Vittorio Veneto, Città di Vittorio Veneto, 1993, p. 65.

[2.] Ceneda e Serravalle eram duas comunidades vizinhas e independentes até que acabaram unificadas sob o nome de Vittorio Veneto, em 1866. Obviamente, o sobrenome original da família de Da Ponte poderia indicar, segundo algumas fontes, que o pai devia ser proveniente de Coneglia-

no, próximo a Ceneda. No entanto, essa versão é desmentida por Ruzza. Ele afirma que a família Conegliano, de origem judaica, antigamente era denominada Conian, depois Conejan e finalmente Conegliano. O autor lembra que os membros dessa família transferiram-se de Conegliano para Ceneda por volta de 1580, enquanto outros ramos emigraram para Pádua e Veneza e observa que quase todos foram médicos e rabinos. Vide: Ruzza, Vincenzo - Dizionario Biografico Vittorioso e della Sinistra Piave, Vittorio Veneto, Dario de Bastiani, Editore, 1992, p. 135. Lorenzo era filho de Geremia Conegliano e Rachele Pincherle. Ficou órfão de mãe aos cinco anos. Depois de uma década de viuvez, Geremia decidiu esposar Orsola Pasqua Paietta, cristã. Para tanto, converteu-se ao catolicismo, juntamente com os três filhos do primeiro casamento: Geremia tornou-se Gasparo; Baruch tornou-se Girolamo; Anania, Luigi, e Emanuele tornou-se Lorenzo.

- [3.] Havia dois séculos que famílias judaicas viviam em Ceneda, submetidos a inúmeras restrições, como, por exemplo, a proibição de que exercessem determinadas profissões ou se casassem com cristãos; em viagem, os homens deveriam usar um barrete vermelho e as mulheres, um xale da mesma cor.
- [4.] O tenor irlandês Michael Kelly chegou a cantar no teatro de Treviso. Para poder avaliar-se a importância desse fato e o peso que o teatro local deveria ter, basta lembrar que Michael Kelly, entre tantas outras coisas, interpretou dois personagens da ópera *As Bodas de Figaro*, de Mozart, durante a estréia, no Burgtheater, de Viena, em 1 de maio de 1786. Kelly foi amigo pessoal de Da Ponte.
- [5.] Para se ter uma idéia do que a presença desses nomes significava no contexto cultural, é preciso recordar alguns dados gerais da biografia de cada um deles. O

veneziano Benedetto Marcello (1686-1739) é um dos nomes mais famosos da História da Música. Seu *Estro poetico-armonico* (1723-1727) é composto por 50 salmos, na paráfrase italiana (um pouco também em dialeto vênето) de Lionardo Giustiniani, postos em música para uma a quatro vozes, com acompanhamento de violoncelo e baixo-contínuo, alguns a capela. O compositor napolitano Domenico Cimarosa (1749-1801) foi maestro da capela imperial russa, em Petersburgo. Depois, esteve em Viena. Compôs, entre outras, as óperas *Il matrimonio segreto*, *Olimpiade*, *Gli Orazi* e *I Curiazi*. Giovanni Paësiello (1740-1816) foi compositor da corte da imperatriz Catarina, a Grande, da Rússia, e depois de Napoleão Bonaparte; daí, inclusive, a grafia afrancesada com que aparece geralmente o seu sobrenome. Compôs a ópera *Il barbiere di Seviglia* (1782), anos mais tarde desalojada pelo *Barbiere de Rossini*. Antonio Salieri (1750-1825), discípulo do grande Christoph Willibald Gluck (1714-1787), foi professor de Beethoven e Schubert, e acabou sendo vítima de uma das mais infelizes lendas da História da Música ao ter sido acusado – erronea e injustamente – de ter envenenado Mozart. Na verdade, a lenda começou com a peça teatral escrita pelo grande poeta russo Aliexánder Púchkin (1799-1837) – *Mozart e Salieri* – e transformada em ópera pelo também russo Nikolai Andréievitch Rimski-Korsákov (1844-1908).

- [6.] O prestígio de Lorenzo Da Ponte no mundo intelectual vienense e europeu, de forma geral, pode ser medido não somente pelo fato de ter se tornado um dos libretistas de Mozart e de ter convivido, na Corte, com alguns dos melhores intelectuais de sua época, mas também pelo fato de ter se tornado amigo de Metastasio, aclamado como um dos maiores poetas do Velho Continente, amigo de Ranieri Calzabigi (1714-1795), de Livorno, colaborador e libretista de Christoph Willibald

Gluck e amigo de Giacomo Casanova (1725-1798), outra figura de fama européia, aventureiro, escritor que viveu entre Paris, São Petersburgo, Londres e Viena. Além do mais, até respeitáveis historiadores da Literatura Italiana mencionam Da Ponte, como é o caso de Sapegno (vide: Sapegno, Natalino – *Disegno Storico Della Letteratura Italiana*, Firenze., La Nuova Italia, 1948, pp. 401 e ss.)

- [7.] A esse respeito, vide: Feist, Hildegard - *Mozart - a tragédia da ironia*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1986, pp. 55 e ss.
- [8.] Davies, Norman – *Europe. A History*. New York, Oxford University Press, 1996, p. 670.
- [9.] Carlo Goldoni (1707- 1793), dramaturgo italiano, nascido em Veneza, autor de mais de 150 comédias (escrevia tanto em toscano, o dialeto italiano que se tornou a língua literária, quanto no dialeto vênето), o que o transformou no criador da moderna comédia italiana no estilo de Molière. Chegou a trabalhar na Corte francesa, antes da Revolução de 1789.
- [10.] Pierre Augustin Caron de Beaumarchais (1732-1799), filho de um relojoeiro, teve uma vida tão cheia de aventuras quanto os personagens de seus textos mais famosos: *O Barbeiro de Sevilha* e *As Bodas de Figaro*. Além de escritor, também esteve no serviço secreto dos reis franceses, vendeu armas para os revolucionários que proclamaram a independência dos Estados Unidos e editou, pela primeira vez, as obras completas de Voltaire.
- [11.] Sera, Luigi - *Trans-Pontem: Lorenzo Da Ponte: un Ponte tra Europa e America*. Il Flaminio (Rivista di studi della Comunità Montana delle Prealpi Trevigiane). Vittorio Veneto, De Bastiani, 6: pp. 3-15.

(*) Aleksandar Jovanovic, professor da Universidade de São Paulo, doutor em Linguística, jornalista, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano

Nostalgia: carros de boi, milho, carvão, lenha.....

Gisberto GRIGOLETTO (*)

Estava eu na varanda de minha casa, observando os pardais e o colibris, aqueles ciscando, estes sugando o néctar das flores, a chuva fina e teimosa, caindo sem parar, folheando alguns números de **Raízes**, deparei com o número 1 e no artigo de Henry Veronesi, com o título *No tempo da Gabiroba*.

A leitura desse trabalho fez-me retroceder algumas décadas (1915/1925), revendo pequenas coisas, que não mais existem em São Caetano do Sul. Aquelas frutinhas silvestres, tais como o araçá, caraguatá, o maracujá, a gabiroba, a mutinha, as amoras, as bananas do brejo, etc., todas muito gostosas, sobressaindo porém, entre elas a gabiroba (de arbusto, não de árvore), miúda, amarelinha, de pele aveludada como a de pêsego, de sabor delicado, agradável ao mais exigente paladar, uma delícia de fruta. Somente quem as saboreou pode avaliar o quanto ela é gostosa.

Em nossas andanças pelos campos, catando essas frutinhas, era comum depararmos com cobras, tatus, lagartos, ninhos de passarinhos ou de galinhas, estes geralmente com alguns ovos.

As ruas descalças, cheias de pó, que no verão, após as chuvas características da época, exalava um cheiro de "terra molhada". As correntes de vento, quando em forma de espiral, produziam pequenos "ciclones" que, de acordo com sua intensidade, levantavam para o alto, junto com a poeira, folhas secas, pedaços de papel, trapos, gravetos, que retornavam ao chão, tão logo o efeito das espirais de vento se desfizessem. Também as boiadas e as tropas de burros procedentes de São Bernardo do Campo

ou Piraporinha, passavam por elas, com destino a Santo Amaro ou Mogi das Cruzes.

Era nessas ruas descalçadas, ou nos terrenos baldios, que brincávamos despreocupadamente: de acusado, unha-namula, sela-corrente, barra-manteiga, pula-corda, pica-pau, roda, amarelinha, pião, fubeca, como também as infalíveis "peladas" com bolas de meia.

"As hortas, os pomares, as hácaras, as cercas de arame farpado, as vacas, os burros, os cavalos, as cabras, pastando..."

Ao invés das antenas de TV nos telhados das casas, existiam as chaminés, que fumegavam quando as donas de casa acendiam a lenha no fogão, para o preparo do café ou das refeições. Nessas chaminés as corujas costumavam pousar, principalmente nas noites de luar.

Desapareceram as famosas olarias, uma das principais causas do progresso deste Município, também as matas que se alastravam até a Estrada do Mar (Anchieta), o capão mais ou menos denso, entre as ruas Amazonas, Niterói, Rio Grande do Sul, Avenida Goiás. As hortas, os pomares, as chácaras, as cercas de arame farpado, as vacas, os burros, os cavalos, as cabras, pastando livremente pelos arredores.

Os lendários carros de bois, que transportavam milho, carvão, lenha. E, com seus varais, eixos e rodas inteiriças de madeira, que, em virtude do artrito com o eixo, rangiam, cada carro produzindo um som próprio, característico, distinto, denunciando ainda distante, quem, com a vara fina e comprida, munida com roseta na ponta, vinha tangendo os bois.

Certa vez, na hora do recreio, uma das professoras do Grupo Escolar Senador Flaquer, ainda na rua Perrella, alertou suas colegas dizendo: "Venham ver um carro de bois passar, faz muito tempo que eu não vejo". Momentos depois passava o carro de boi, rangendo, carregado de lenha, puxado por duas juntas; provavelmente ia entregar a lenha em alguma olaria da redondeza.

"Desse local., vimos os fogos de artifícios queimados nas proximidades do Museu Ipiranga, quando..."

Do alto da então Vila Monte Alegre, mais ou menos na altura da rua Rio de Janeiro com a rua Amazonas, podia-se ver as vilas Bela, Califórnia, Prosperidade, Barcelona, Meninos, São João Clímaco, Ipiranga. Desse local, vimos os fogos de artifícios queimados nas proximidades do Museu Ipiranga, quando dos festejos do Centenário da Independência em 1922. Alí também fazia parte de nosso dia-a-dia ouvir a ressonância do eco; era só pronunciar em voz alta qualquer vocábulo que o mesmo seria repetido, logo em seguida, pelos quatro-cantos, uma dezena de vezes.

Hoje não é possível, mas podia-se beber a água do Rio dos Meninos, onde costumávamos nadar. As suas margens, em toda a extensão, eram cobertas de árvores nativas, de pequeno e médio porte. Nos pastos da redondeza, proliferavam os tico-ticos, os bicos de lacre, os pintassilgos, os papa-cupins, os canários da terra, os quais ao amanhecer e ao entardecer, com seus melodiosos gorjeios, deliciavam os ouvidos de quem estivesse por perto.

Devido à sombra das árvores e da



umidade provocada pelo rio, nasciam em suas margens, muitos cogumelos, volta e meia, bois iam comer, geralmente após a chuva, íamos catar, eram bem mais saborosos do que os que compramos hoje.

Como não poderia deixar de ser, lembrei-me também do Grupo Escolar Senador Fláquer, na rua Maximiliano Lorenzini e o atual da rua Heloísa Pamplona. Do diretor Jorge Perenoud, do servente Lima (apontou o meu lápis muitas vezes), do professor Waldemar Freire, das professoras Dona Isaura, Dona Eulália, Dona Hermínia, todas abnegadas, enérgicas, persistentes, dando suas aulas com muita paciência, muito amor, muito carinho, procurando inculcar nas cabecinhas ocas, um pouco de História, de Geografia, os primeiros números, as primeiras letras. Recordo que no meu primeiro dia de aula, Dona Amélia, nossa professora, desenhou algo no quadro negro, em seguida perguntou o que representava

aquele desenho. Eu disse que era um passarinho, outro um pato, outro ainda um camelo. Ninguém sabia, Dona Amélia explicou que o desenho representava os contornos do Estado de São Paulo, onde a maioria de nós havia nascido. Com o decorrer dos meses, aquelas cabecinhas deixaram de ser ocas, já dominavam as letras, os números, lendo, escrevendo, contando. Algum tempo depois começaram a resolver problemas, frações, algarismos romanos, números complexos, regra de três.

“Como a maioria das professoras residia em São Paulo, muitas meninas iam até a estação esperar a ...”

Tanto o diretor como todas as professoras, faziam questão de comemorar com muito patriotismo, os dias festivos, tais como; 25 de Janeiro, 21 de Abril, 13 de Maio, 28 de Julho, 7 de Setembro, 15 e 19 de Novembro, o Dia da Árvore, etc. Assim, um dia por semana, às quartas-feiras, a professora, Dona Hermínia, reunia todos os alunos no corredor do Grupo, para ensaiar o canto dos hinos pátrios; porém, antes de iniciar, ao sentar-se diante do piano dizia: “Gisberto não cante; fique quietinho em seu lugar”. Minha voz era e ainda é muito melodiosa.

Os meninos estudavam no período da manhã, as meninas à tarde. Como a maioria das professoras residia em São Paulo, muitas meninas iam até a estação esperar a chegada do subúrbio e aguardar as professoras, disputando entre si qual seria a escolhida para carregar a pasta de sua mestra.

O Grupo Escolar Senador Fláquer ainda continua funcionando na rua Heloísa Pamplona, mas aquelas abnegadas professoras não mais se encontram entre nós. Devem estar no Paraíso, bem próximas de Deus, talvez, quem sabe, dando aulas para as crianças que foram para lá, sem conhecer as primeiras letras, os primeiros números.

Os pardais continuam ciscando, os colibris continuam sugando o mel das flores, a chuva fina e teimosa continua caindo sem parar, eu de olhos abertos, sonhando com as coisas de São Caetano do Sul que não mais existem, as frutinhas, os animais, os pássaros, os rios de água limpa, boa para beber...

() Gisberto Grigoletto nasceu em 1911, em Jaguari (atual Jaguariúna). Veio para São Caetano do Sul aos três anos de idade. Passou a residir em casa construída pelo pai, João Grigoletto, onde é hoje a rua Rio de Janeiro; foi a quarta construída no bairro Monte Alegre. Grigoletto foi secretário e duas vezes presidente do Clube Esportivo Lazio, entre 1932 e 1936. Ainda jovem, começou a trabalhar nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Unidade Água Branca, em 1925, como simples mensageiro, tendo se aposentado na mesma empresa, em abril de 1967,*

Walter Veronesi, um veterano relojoeiro

Quem passa apressado pela rua Rio Grande do Sul não imagina que ali, no número 167, exatamente na Relojoaria Walter, possa encontrar o mais antigo relojoeiro da cidade: Walter Veronesi. Em pequeno salão de porta única e através de corredor ladeado de vitrines recheadas de bijuterias, anéis, relógios, canetas, chaveiros, etc., chega-se ao pequeno balcão para atendimento ao público, e logo atrás quase escondido e mergulhado no conserto de relógios, aparece a figura simpática e sempre risonha de Walter Veronesi. Desde 1937, envolvido com relógios de todas as procedências marcas, tipos e modelos. São 60 anos de atividades profissionais no ramo, 20 anos em São Paulo, e 40 em São Caetano do Sul.

É uma vida profissional fascinante, a deste relojoeiro descendente de uma antiga família caetanense, pioneira dos transportes coletivos, desde a década de 20, época das charmosas jardineiras.

A família Veronesi entrou para a história de São Caetano do Sul como a primeira a introduzir linhas de ônibus para os diversos bairros da cidade, numa época de rápida urbanização da periferia.

A chegada dos Veronesis, dos ônibus, (não confundir com o outro ramo dos Veronesis, descendentes do patriarca Valentim Veronesi) em São Caetano aconteceu em 1913, oriundo da cidade de Mogi das Cruzes. O primeiro a chegar foi Luiz Veronesi que aqui se estabeleceu com um armazém de secos e molhados no bairro Cerâmica. Em 1930, além da linha Cerâmica, passaram a explorar a linha Monte Alegre, Vila Barcelona, Rudge Ramos, Vila Arapuã, e do Ipiranga à Vila Alpina.

Esta geração dos Veronesi não enriqueceu com o negócio dos transportes coletivos. Em 1951, quando após três anos de emancipação da cidade, muitos empresários voltaram suas vistas para a cidade e a política encarre-

gou-se de destruir 30 anos de sacrifícios e pioneirismos, e quando ainda em 1966, num terreno baldio da rua Gonzaga, alguns ônibus velhos ainda lembravam os tempos de heroísmo dos irmãos Alfredo, Hugo, Enias e Francisco Veronesi; outra geração dos Veronesis já trilhou caminhos diferentes, entre eles Walter Veronesi, filho de Francisco Veronesi.

Walter Veronesi nasceu no bairro Cerâmica, em 15 de setembro de 1924. Seus primeiros anos escolares foram cursados na antiga escola mantida pela Cerâmica São Caetano e concluídos no 2º Grupo Escolar, que funcionava na rua Monte Alegre.

“Eles compravam o chassi da General Motors, e meu pai, que era carpinteiro, fazia a carroceria de madeira...”

Tranquilo o com uma memória digna de um historiador, Walter Veronesi gosta de lembrar suas origens, contando a saga da família:

Acervo: Walter Veronesi



Fachada da relojoaria da rua do Seminário em São Paulo, onde Walter Veronesi iniciou-se na profissão. Ele aparece junto à porta trajando calças curtas. Foto de 1937

Acervo: Walter Veronesi



Relojoaria da rua Libero Badaró, onde Walter Veronesi trabalhou de 1942 a 1953. Ele aparece com as mangas da camisa arregaçadas. Por coincidência, nesta foto aparece caminhando pela calçada o técnico de futebol Oswaldo Brandão. Foto de 1953



Foto de 1996.
Walter Veronesi diante de sua loja, à rua Rio Grande do Sul, 167



Walter Veronesi e seus irmãos em foto recente. Da direita para a esquerda: Mário, Walter, Ada e Sara

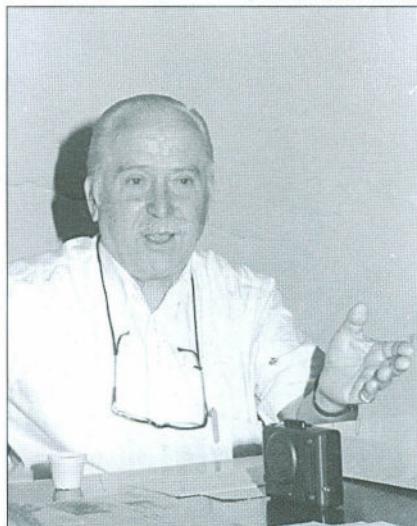


Foto de 1996. Walter Veronesi e sua esposa, Maria Rosário Veronesi, dentro da relojoaria

“Meu avô, Luiz Veronesi, chegou da Itália por volta de 1913, e junto com os meus tios implantaram uma pequena linha de ônibus. Eles compravam o chassi da General Motors, e meu pai, que era carpinteiro, fazia a carroceria de madeira, completando o ônibus. A linha desses ônibus era da estação de São Caetano até à Cerâmica. No começo, havia apenas um ônibus, depois dois, três e chegou a dez, o preço da passagem era 200 réis. Minha família, além dos ônibus, dirigia um armazém de secos e molhados, que funcionava na rua São Paulo esquina com a rua Senador Roberto Simonsen, antiga rua Santo Antônio. Tive mais três irmãos: Mário Veronesi, Sara Veronesi e Ada Veronesi. Todos nasceram e foram criados no bairro da Cerâmica. Após a conclusão do curso primário, em São Caetano, minha mãe levou-me para São Paulo para estudar no Liceu de Artes e Ofícios, na avenida São João esquina com a rua Apa, no bairro de Santa Cecília. Estudava lá em período integral, porque morava na rua Veridiana, próximo tam-

bém à Santa Casa de Misericórdia, e lembro-me que, precisando operar das amígdalas, fui a pé até o hospital e voltei a pé. No Liceu, as minhas atividades eram divididas em dois períodos: nas manhãs eu tinha aulas teóricas e, às tardes, aulas de oficinas para aprender uma profissão, entre as quais havia as de entalhador, ceramista,

Acervo: Walter Veronesi



Walter Veronesi, durante o depoimento na Fundação Pró-Memória

marceneiro, e um dos professores na época era o famoso Ricardo Del Picchia. Nessa época, surgiu a oportunidade de trabalhar na relojoaria da rua do Seminário, através de um tio materno que era ourives, pois um amigo dele, dono da relojoaria precisava de um garoto, o qual lhe ensinaria a profissão. Fui encaminhado para lá, e com quase 13 anos comecei a trabalhar. Meus chefes eram profissionais, chamavam-se Mustrodi e D’Alessandro, dois sócios, e meu professor na prática era Mustrodi, que me ensinou os primeiros passos nesta profissão. Eu era o único empregado, e com a firma crescendo chegou a ter três relojoarias e um armazém para vendas ao atacado localizado na rua Antonio de Godói, centro de São Paulo. Nesta época, eu já trabalhava com relógios elétricos, principalmente de paredes, relógios de ponto, relógios públicos, mas na oficina da rua do Seminário os relógios que mais consertávamos eram de marca Ômega, Cyma, Zenith, todos importados, principalmente relógios de bolso, pois os de pulso eram pouco

utilizados. O meu contrato de trabalho era normal, eu já contribuía com o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPC).

Tenho muitas saudades daquela época, pois sou saudosista, devido ao respeito que dava ao próximo, e como também se era respeitado, até hoje eu tenho o hábito de chamar as pessoas de senhor ou senhora, como um verdadeiro vício.

“Foi a partir daí que realizei o meu sonho de me tornar um profissional liberal e montar a minha própria relojoaria.”

Fiquei nesse emprego até 1942, quando me transferei para outra relojoaria localizada na rua Libero Badaró, onde permaneci até 1956, quando voltei definitivamente para São Caetano. Aqui na cidade instalei minha relojoaria na rua Amazonas, no dia 6 de setembro, e só saí deste local devido à duplicação da avenida Goiás, que atingiu o prédio onde eu estava instalado, o que me obrigou a procurar outro local, que é este aqui na rua Rio Grande do Sul, onde estou até hoje. Aos 18 anos, trabalhando na rua

Libero Badaró, era obrigado a vir a São Caetano para servir o Tiro de Guerra, que naquela época só havia em Santo André; devido a isso não consegui prosseguir os estudos. Em 15 de abril de 1950, casei com Maria Rosário Veronesi, e fui morar na rua Gonzaga esquina com a rua Amazonas, próximo ao antigo armazém do meu avô. Foi a partir daí que realizei o meu sonho de me tornar um profissional liberal e montar minha própria relojoaria. A minha profissão, a esta altura dos acontecimentos, passou por mudanças significativas devido à alteração dos costumes, pois o relógio perdeu aquela aura de objeto sagrado, que era passado de pai para filho, e começou a massificação com modelos de plástico, de bateria, mais simples, chegando a ponto de termos hoje relógio de R\$ 3,00. Para se ter uma idéia da mudança de hábitos, vendi um relógio de cinco reais para uma criança de cinco anos. A minha clientela é formada por amigos, cuja amizade é cultivada há 40 anos, diferente dos clientes que consomem relógios de sacola das vindas do Paraguai. Um dos meus orgulhos é ser lembrado por pessoas à procura de um relojoeiro

antigo.

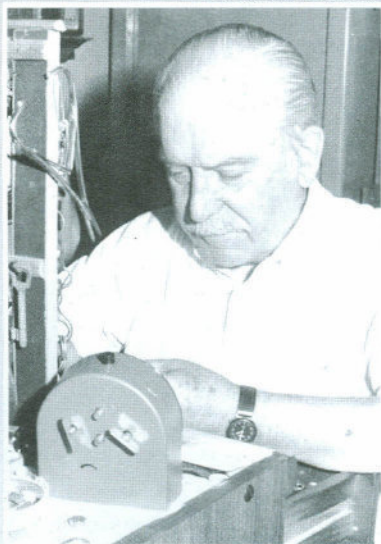
Recentemente passei por diversos problemas de saúde, e consegui me restabelecer, apesar dos problemas modernos que me atingirem, pois fui vítima de cinco assaltos à mão armada, e consegui sobreviver. Tenho três filhas, Tânia, Sueli, e Lilian, e quatro netos, Juliana, Michelly, Amaslee, e Norberto.

Em 40 anos de comércio de São Caetano, nunca me envolvi em política partidária; sou maçom, fundador da Loja 28 de Julho; como esportista joguei no São Caetano Esporte Clube, no 7 de Setembro, no Ipiranguinha e no Tamoio.

Uma das minhas alegrias sempre foi participar de bailes, danço até hoje no Clube Renascença da Terceira Idade, onde aliás fui homenageado como o Pai do Ano em 1993. Viajei muito pelo Brasil, pretendo fazer novas viagens, sendo que a próxima será para São Lourenço, em Minas Gerais, onde junto com os meus amigos do Clube Renascença vou dançar com a maior satisfação e felicidade. ”

(Depoimento tomado na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 18 de novembro de 1996).

Fotos: Reginaldo Canhoni



Walter Veronesi em atividade em sua relojoaria



A Autonomia vista por Verino Segundo Ferrari

“**N**unca fui chapa-preta” – revela o ex-vereador da primeira legislatura de São Caetano do Sul, Verino Segundo Ferrari. Nascido em São Caetano, no dia 2 de janeiro de 1911, Ferrari diz nunca ter se interessado por política. Ferrari afirma ter dedicado toda sua vida à educação e, principalmente, ao Instituto Sagrado Coração de Jesus onde trabalhou como diretor por 13 anos, foi tesoureiro por 20 anos e lecionou durante 47 anos.

No escritório da escola, local que considera sua segunda casa, o ex-vereador conta suas experiências, alegrias e principalmente as frustrações causadas pela política. Fatos interessantes sobre mais uma parte da história de São Caetano do Sul estão nos trechos a seguir:

“Formei-me em Contabilidade em 1934 e, em 1936 comecei a lecionar ainda sem diploma de professor. Um ano depois eu já era diplomado ... Em 1939, o padre Alexandre fundou a Escola Paroquial São José, hoje Instituto Sagrado Coração de Jesus, e convidou-me para dirigí-la. Começamos utilizando caixas de querosene como carteiras e colocamos um quadro negro pendurado na parede. Tínhamos um problema, os pais dos alunos achavam que a escola era de graça, porque ficava ao lado da igreja. Não pagavam mensalidade. Trabalhei muitos anos aqui sem receber nada, porque não havia dinheiro. O pouco que tínhamos era para pagar o salário dos professores. Eu vivia da renda do meu escritório de contabilidade, onde trabalhava durante o dia. À noite, vinha para a escola dar aula, mas se precisasse, comparecia também, pela manhã ou na parte da tarde resolver algum problema”



Verino Ferrari,
durante a entrevista concedida à
revista Raizes,rememorou o passado da cidade

(...)

“Na época, São Caetano pertencia a Santo André. Então, como diretor da escola, fui à Prefeitura pedir ajuda financeira. Fizeram uma exigência: que mudássemos o nome para Escola Paroquial São Caetano (...) A partir de então, a Prefeitura passou a enviar-nos uma verba anualmente para o salário dos professores, além de material didático, giz, carteiras e tudo o mais que precisássemos (...) Com muito esforço, muita luta, chegamos a matricular

1.500 alunos (...) Eu trabalhava de graça, recebia se sobrasse algum dinheiro. Fui tesoureiro por 20 anos, mas nunca recebi como tesoureiro”.

(...)

“Por causa da escola, fiquei amarrado à Prefeitura de Santo André. Foi por essa dependência que não pude participar do movimento autonomista; além do mais, eu nunca me interessei muito por política. Por isso, chamavam-me de chapa-preta. Mas o fato de

não ter me manifestado, não significava que eu era contra a autonomia. Quem não quer a independência de sua cidade?”.

(...)

“Aqui em São Caetano também fui juiz de Paz, fiz o casamento de pelo menos três mil casais. Essa foi a minha primeira profissão”.

(...)

“Nunca tive muito conhecimento sobre política. A única coisa que eu sei, é que São Bernardo, Santo André, e São Caetano eram uma só cidade. Logo depois, São Bernardo separou-se e São Caetano continuou pertencendo a Santo André, (...) Outros detalhes sobre a política da época, nunca soube”.

(...)

“Fui vereador de São Caetano por Santo André, pelo PTB. Quando vieram convidar-me para sair candidato a vereador eu disse: - Não sei se tenho competência para ser vereador, não quero. Nunca havia passado pela minha cabeça ser político, mas de tanto insistirem, acabei aceitando (...) No final, fui o vereador mais votado no meu partido”.

(...)

“Logo no primeiro dia de reunião, fiquei enojado com a política e com tanta sujeira que eu vi (...) Percebi que as pessoas entravam na política para resolver seus próprios interesses, e que ninguém, estava preocupado com o Município. Para se ter uma idéia, um sujeito fez um projeto de lei sobre impostos, só porque não tinha conseguido pagar os seus”.

(...)

“No dia seguinte depois de ter si-

do eleito, vieram dizer-me o que eu tinha que fazer. Achei um absurdo! Ora, eu queria fazer o que achava melhor para a cidade (...) Nunca imaginei que fosse encontrar tanta desonestidade. Pensava que iria encontrar pessoas que, pelo menos, tivessem um pouco de amor à pátria, amor à terra, mas não encontrei nada disso (...) Atuei como vereador durante quase quatro anos, não continuei, porque não agüentava mais. Se eu tivesse conseguido pouco voto, teria saído logo no primeiro dia, mas havia um compromisso com as pessoas que confiaram em mim. Houve a votação na Câmara para presidente e secretário, eu mesmo anulei o meu voto para secretário, foram os outros vereadores que me elegeram, não eu”.

(...)

“Como vereador, uma das coisas que fiz e considero importante foi um projeto de lei baseado em uma lei federal, que autorizava a construção de imóveis dentro de uma determinada metragem quadrada, sem a necessidade da execução de uma planta e toda a burocracia exigida pela prefeitura. Não houve ninguém que me elogiasse por isso (...) Também dirigi várias sessões, inclusive a de desapropriação de uma fazenda em Santo André, onde hoje está localizado um prédio dos Correios, no Centro, entre outras”.

(...)

“No dia em que abandonei o meu cargo, alguns meses antes do término do mandato, disse que nunca mais vol-



taria à Câmara. Nunca mais entrei em partido político, nem me candidatei a mais nada (...) Já me convidaram para sair candidato a vereador, para ser vice-prefeito e mais uma porção de coisas, mas eu não quero nem saber...”.

(...)

“Durante o movimento autonomista, não tive participação nenhuma. É claro que eu queria a independência de São Caetano, mas não podia falar por causa do meu compromisso com a escola e com a Prefeitura de Santo André,”

(...)

“Sempre trabalhei uma média de 10 a 15 horas por dia, e nunca tive tempo para a política. Já lecionei no Liceu Acadêmico São Paulo, e também na Lapa e em São Bernardo. Ti-

nhá muita amizade com meus alunos, tanto que eu trabalhei 47 anos nesta escola e tive problemas com alunos apenas duas vezes (...) Minha maior satisfação era conviver com os jovens, porque eu me sentia como se fosse um deles”.

(...)

“Fui presidente da Fundação das Artes de São Caetano durante nove anos, desde a sua criação. Segundo o estatuto, uma nova diretoria deveria ser, empossada a cada dois anos, mas o então prefeito Walter Braidó havia me nomeado por portaria como presidente da Fundação das Artes (...) Inscreveram-se 400 candidatos para a escola de música e haviam apenas 30 vagas. A Fundarte, que era localizada onde hoje é o Teatro Paulo Machado de Carvalho, tinha apenas duas salas, uma de aula e outra para a diretoria. Então, fui até, o Instituto Sagrado Coração de Jesus, onde na época eu era tesoureiro, e disse ao diretor que precisaria ocupar a escola durante um domingo para selecionar os alunos de música (...) Depois de um ano e meio, a Fundação das Artes mudou para a rua Visconde de Inhaúma, onde funciona até, hoje (...) Na minha primeira gestão como presidente da Fundarte, terminado o mandato do prefeito Walter Braidó, todos da diretoria, que era composta por seis membros, pedimos demissão do cargo. O prefeito eleito, que era o Oswaldo Samuel Massei, recebeu o pedido e nos enviou uma portaria nomeando a nossa diretoria novamente. Então fui presidente da Fundarte por um ano durante o mandato do Braidó e mais quatro anos no governo do Massei. No final da gestão, o Braidó foi eleito prefeito novamente e através, de um projeto de lei nomeou a mesma diretoria. Foi assim que fiquei durante nove anos na presidência da Fundação das Artes, e como eu já tinha experiência com escolas, contribuí muito para a estrutura daquela instituição”.

(...)

“Consegui alguns benefícios para a escola pela primeira vez através de um empréstimo da Caixa Econômica Federal para ser pago em 10 anos. Foi quando construímos mais seis salas de aula. Na época em que fui diretor do Banco Real do Progresso, financiei a construção de um segundo andar no prédio, para ocupar mais meia dúzia de salas”.

(...)

Quando saí da escola, fui homenageado com um cartão de prata (...) Também recebi o título de Cidadão Sul Sacaetanense em 1963, isso porque, apesar de ter nascido em São Caetano, fui registrado em São Paulo. Para vocês verem a incoerência, primeiro me chamam de chapa-preta e depois me prestam homenagem como cidadão do Município (...) Esse título foi pedido, três anos antes de eu ir receber, pelo Concetto Constantino, que na época era vereador. Como eu não gosto de política, eles me torraram a paciência para receber o título oficialmente”.

(...)

“Uma curiosidade: eu não tenho diploma de curso primário. Tenho diploma de contador, professor e de administrador de empresas; também fiz dois anos de Direito. Não tinha escola em São Caetano na época. Aprendi a ler e a escrever em casas de família; se havia uma senhora na cidade que ensinasse alguma coisa, meu pai mandava a gente lá”.

(...)

“Quando tomei conhecimento que a pessoa era

valorizada pelos estudos, procurei estudar cada vez mais. Praticava a leitura com os jornais que tinha em casa. Chegou o dia em que eu disse para o meu pai que queria estudar alguma coisa. Ele falou pra mim: “Só se for à noite, porque durante o dia você precisa trabalhar”. Eu fui até, à estação do Brás e encontrei várias escolas, mas eram escolas de comércio e eu queria ser professor. Entrei em algumas escolas para me matricular, mas não conseguia porque não tinha o diploma do curso primário (...) Depois de andar bastante, entrei em uma escola que estava sem secretária e consegui falar diretamente com o vice-diretor. Ele também não quis aceitar a matrícula por causa do curso primário, mas ficamos conversando por um bom tempo, ele foi com a minha cara e resolveu fazer a matrícula. Foi então que eu fiz três anos de curso propedêutico e quatro anos de curso técnico em contabilidade” (...)

Depois de tantos anos de trabalho e dedicação, Verino Ferrari diz sentir-se satisfeito com os resultados obtidos. “Fico feliz por ter feito alguma coisa pela educação do Município; pelo menos acho que fiz” – finaliza.



No tempo da Casa Bancária São Caetano

Hélcio José LORENZINI(*)

A Casa Bancária São Caetano Ltda. foi o primeiro estabelecimento de crédito fundado em São Caetano do Sul. Graças ao pioneirismo de Celso Wlademiro Marchesan, Jacob João Lorenzini, Salvador Campanella, Hermínio Jacob Lorenzini, Alberto Ferreira da Silva, Antonio Coelho de Souza, Dimas Lourenço de Moura, Pompeu Andreucci, João Barile e Roberto Caldas Filho, que, em 1946 (antes da autonomia), adquiriram a carta patente nº 107 da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc) e instalaram-se nos altos do prédio do Cine Max, à Avenida Conde Francisco Matarazzo, 95 a 121, o novo estabelecimento de crédito.

Em 6 de Outubro de 1947, transformou-se a Casa Bancária de limitada para sociedade anônima, elevando seu capital de CR\$.250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) para CR\$.1.000.000,00 (hum milhão de cruzeiros), e adquirindo o imóvel da rua João Pessoa, 83, inaugurando, assim, em 22 de Março de 1948 seu prédio próprio.

“Teve também ativa participação na fundação de dois hospitais de São Caetano: O Hospital Beneficente...”

A diretoria da Casa Bancária São Caetano era constituída de: diretor presidente – Herminio Jacob Lorenzini, diretor superintendente – Celso Wlademiro Marchesan, diretor-tesoureiro – Pompeu Andreucci, diretor-gerente – Jacob João Lorenzini, diretor-secretário – Alberto Ferreira da Silva.

Em 30 de Agosto de 1951, a Casa Bancária transformou-se no Banco de São Caetano do Sul S/A. A Casa Bancária São Caetano foi um dos baluartes da



Acervo: Hélcio José Lorenzini

Diretoria da Casa Bancária São Caetano:
Jacob João Lorenzini, Pompeu Andreucci, Celso Wlademiro Marchesan, Herminio Lorenzini e Alberto Ferreira da Silva

Os fundadores da Casa Bancária São Caetano. Da esquerda para direita: Libânia Ferreira (esposa do fundador Dimas Lourenço de Moura, já falecido), Salvador Campanella, Augusto Esteves de Lima Júnior (advogado e representante junto à Sumoc), Antonio Coelho de Souza, Herminio Lorenzini, Jacob João Lorenzini, Pompeu Andreucci, Luiz Caldas Filho, Celso Wlademiro Marchesan, Alberto Ferreira da Silva e João Barile



Acervo: Hélcio José Lorenzini

o Sm. *Nossa Senhora Leite*
Em Conta
CASA BANCARIA

Corrente com a
SÃO CAETANO S/A POPULARES

OPERACIONES	DATA	VALOR	VALOR
No 21 Rator de Lei depositos unicial n° 24543 (sem cruzeiros)			100,00
Apr 20 Dep 22741	16/30 e		176,20
Apr 24 Dep 24741	8/30 e		180,50
Apr 28 Dep 25741 uncial	20/03 C		260,20
Apr 12 Dep 26741	6/30 C		307,60
Apr 14 Dep 27741	6/30 C		347,60
Apr 16 Dep 28741	6/30 C		397,60
Apr 18 Dep 29741	6/30 C		447,60
Apr 20 Dep 30741	6/30 C		497,60

A ficha de impositação, em favor da Casa Bancária, emitida em nome de cada lanç.

Acervo: Hélcio José Lorenzini

1950 - A primeira Caderneta de Poupança Popular, ainda preenchida manualmente e com assinatura do Banco em cada lançamento

autonomia de São Caetano do Sul em 1948, cabendo a ela guardar em seus cofres e em segurança a preciosa lista de eleitores de São Caetano do Sul no movimento civil de nossa independên-

cia. Teve também ativa participação na fundação dos dois hospitais de São Caetano: o Hospital Beneficente São Caetano e o Hospital Nossa Senhora de Fátima.

A Casa Bancária São Caetano, foi a precursora da Poupança Popular, por intermédio de cofrinhos e Caderneta de Poupança distribuídos naquela ocasião aos que abriam conta de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros). Dos pioneiros da Casa Bancária São Caetano atuam

hoje em São Caetano do Sul, os filhos e netos.

() Hélcio José Lorenzini, filho de Jacob João Lorenzini, é empresário em São Caetano do Sul*

Escoteiros do Senador Flaquer nos festejos de setembro de 1922

Era o ano de 1922. O Brasil inteiro preparava-se para comemorar o Centenário da Independência, em 22 de setembro. O local não poderia ser outro: junto ao Monumento da Independência e do Museu, no Ipiranga. Grandes acontecimentos foram programados. Inclusive a inauguração da avenida D. Pedro I, inspirada na avenida Champs Élysées, de Paris. Ali aconteceram os desfiles que marcaram a data.

Em São Caetano do Sul também começavam os preparativos para o evento, em escolas e outras repartições públicas. Para recuperar esse evento ocorrido há quase 75 anos, Francisco Adelino Fiorotti, descendente de fundadores, 85 anos, fez um relato dos fatos da época na Fundação Pró-Memória, em 22 de agosto de 1993.

O Grupo Escolar Senador Fláquer, já no prédio da rua Heloísa Pamplona, mantinha um grupo de escoteiros entre seus alunos. O chefe e instrutor era o professor Waldemar Freire. Para o Centenário programaram acampamento e desfile no próprio dia 7 de setembro, dentro dos festejos oficiais. Com antecedência devida, treinaram, sempre acompanhados pela fanfara composta por oito a 10 instrumentos. Foto do grupo foi tirada na escadaria dos fundos do grupo escolar; nem todos compareceram uniformizados, mas Fiorotti estava lá com seu uniforme de escoteiro, perfilado como a ocasião exigia.

“À noite, o jantar foi servido por senhoras que cuidaram de tudo. Ajudando havia também as de São Caetano...”

Relata ainda que no dia 6 de setembro, seguiram a pé, para o Ipiranga, onde acamparam nas proximidades do Museu. No lado esquerdo, onde surgiria



Fotos: Doação Francisco Adelino Fiorotti

O grupo de escoteiro do Grupo Escolar Senador Flaquer posa na escadaria dos fundos do estabelecimento (1922)

Os escoteiros de São Caetano do Sul preparam-se para o desfile de 7 de setembro de 1922. Local: proximidades do Museu do Ipiranga. Data

posteriormente a Avenida Nazaré. Na época todo o local era constituído de campos com mato cerrado e poucas árvores. Havia outros grupos acampados. À noite, o jantar foi servido por senhoras que cuidaram de tudo. Ajudando havia também as de São Caetano do Sul, entre elas, a esposa do delegado local, João Batista de Lima.

Logo às seis da manhã do dia 7 de setembro, acordaram ao toque do corneteiro Alcides (quando adulto, tornou-se músico da Banda de São Caetano do Sul, junto com o Kebo Garbelotto e o Bálzamo), e, após o café, prepararam-se para o desfile.

Encontraram a Avenida D. Pedro I enfeitada, tomada por uma multidão e autoridades que assistiam deslumbrados, ao desfile de militares, associações, escoteiros, etc. Foram longas horas de entusiasmados festejos muito bem organizados. Lá ficaram o dia todo aguardando também o prometido final, os fogos. E, exatamente às 18 horas, começaram as primeiras explosões, seguidas de fogos coloridos que formavam figuras alusivas à data. Para as crianças, de um modo particular, o momento de maior alegria e entusiasmo. Foi o final de um inesquecível dia para os jovens escoteiros de São Caetano do Sul. (Oscar Garbelotto)

Academia de Letras da Grande São Paulo

Rinaldo GISSONI(*)

Toda Academia de Letras há que ser uma instituição excepcional – digamos, com mais propriedade – marco de uma época; resultado de uma civilização. Devemos nos orgulhar de sua história. Talvez, mais, de sua missão. A sua história é, sempre, uma esteira de sonhos e esperanças de poucos, e de trabalhos e sacrifícios de muitos, principalmente nos tempos em que sobre a humanidade sopram ventos do pessimismo e da apatia. Uma Academia de Letras é como uma trincheira avançada a defender a soberania da Língua Pátria e os baluartes dos sentimentos elevados; por isso, a sua história, ainda que singela, lembra lutas.

Eis, em linhas gerais, os pródro-

mos da Academia de Letras da Grande São Paulo: em 15 de outubro de 1988, quando Prefeito Municipal de São Caetano do Sul o Sr. Hermógenes Walter Braido, foi solenemente inaugurada a sua sede (provisória) numa sala contígua à Biblioteca Paul Harris, no Terminal Rodoviário Dr. Nicolau Delic, cuja sala fora cedida através do Decreto nº 3.911, de 23 de agosto de 1988. Na ocasião era Diretora do Departamento de Educação e Cultura (Depec), a Professora Dulce Junquetti e sua assessora Helena Petronilho. Pelo Decreto nº 6.226, de 26 de abril de 1990 sancionado pelo então Prefeito Municipal Dr. Luiz Olinto Tortorello que revogou o Decreto nº 5.911/88, a Academia de Letras da Grande São Paulo instalou-se em sua nova sede,

no pavimento superior do Auditório Santos Dumont, na Avenida Goiás, nº 1.111, onde permanece. Nessa ocasião, era Diretor do Depec, o Professor Daniel Belucci Contro, sendo sua assessora Helena Petronilho.

O Quadro de Titulares não está pleno, e a sua complementação dependerá da emergência de candidatos de apreciável currículo, e dotados de intelectualidade, comprometidos com a missão acadêmica que é, privilegiadamente, cultivar a Literatura na sua melhor forma de expressão e condizente com a Cultura.

“Até mesmo pessoas dotadas de certo alcance intelectual surpreendem-nos com o desconhecimento do destino...”



Durante sua existência, a Academia de Letras da Grande São Paulo tem sido palco de eventos marcantes e com a presença de autoridades e personalidades que têm prestigiado suas realizações

Academia de Letras não é a esfinge à espera do sábio para decifrar o seu enigma. Na verdade, não têm sido poucas as perguntas que nos fazem a respeito do sentido - ou mais precisamente - sobre os objetivos de uma Academia de Letras. Até mesmo pessoas dotadas de certo alcance intelectual surpreendem-nos com o desconhecimento do destino de tal Sodálcio. Já no vocábulo pressentimos o escopo: confraternização distinta, coesa, consciente, de propósitos elevados. Uma Academia de Letras não pretende estigmatizar as culturas de quaisquer procedências e níveis, tampouco sensibilizar as preferências dos concidadãos, os quais são merecedores da liberdade de expressão, mas quer atear-se às suas finalidades específicas. São as seguintes: cultivar a Língua Portuguesa, que é o maior patrimônio da nacionalidade; cultivar e incentivar a Literatura nas suas mais nobres finalidades, construindo no presente, para glorificação no futuro; promover o conhecimento e a disseminação de obras literárias de expressivo valor, tendo em vista que os escritores que se desviam dos princípios éticos equiparam-se a traficantes de drogas; apoiar movimentos literários e artísticos, privados e oficiais, pois seria inconcebível ignorar eventos que aproximam e irmanizam as criaturas; enaltecer a figura daqueles que contribuíram para a formação do patrimônio cultural e científico do País, considerando que, postergá-los, equivaleria a renegar as próprias raízes.

Numa época em que o movimento do espírito de iniciativa e a geração dos métodos de criatividade abre novos caminhos, tudo se torna desnorteante. As tradições e os elementos encadeados que nortearam a civilização perdem o melhor de sua essência. Os avanços materiais são inusitados. Assim é que a ciência empurrou-nos aos confins do Universo para sondagens interplanetárias, e a biotecnologia atingiu tal

evolução, que desvendou os mistérios da engenharia genética. No campo da reprodução animal, já nem se fala em inseminação ou fertilização *in vitro*, mas em clone.

“Quiséramos desmistificar os arrojos materialistas e denunciar a sua influência sobre a estrutura do...”

Os grupos humanos vivem o dilema da alienação: pela dependência aos veículos de comunicação, tecnicamente articulados para influenciar as psiques; ou abismados nas ondas de revelações e descobertas que, sem dúvida, não lhes proporcionam nenhuma felicidade, senão ansiedade, quando muito satisfação passageira. Quiséramos desmistificar os arrojos materialistas e denunciar a sua influência sobre a estrutura do espírito e, conseqüentemente, sobre o contexto cultural porque, na verdade, o ensino moderno permitiu ao homem chegar a outros mundos, mas em contrapartida não o fez às profundezas do espírito.

No que tange à alienação, recentemente, em memorável entrevista transmitida pela televisão, a escritora Patrícia Nélide Pinõn, Presidente da Academia Brasileira de Letras, foi taxativa em asseverar que o atual sistema de comunicação tornou as criaturas apáticas à Literatura como portadora de pensamentos, e à Poesia como expressão ideal de arte; a ordem e as regras não são obedecidas; o desconhecimento dos clássicos é de tal forma evidente, que poucos são aqueles que sabem quem foi Machado de Assis, não apenas o maior escritor do Brasil, mas das Américas.

“Grandes, variados, estupendos, são os efeitos da palavra que move todas as fibras do coração...”

Seja a Academia de Letras da Grande São Paulo – como diria o sau-

doso acadêmico Pasquale Verdecana –, um cenáculo de letras, um teatro de maiores prerrogativas e excelências do espírito humano, para que em todas as épocas possam ser latitudes mumificadas e inanimadas dentro das faixas imutáveis. Grandes, variados, estupendos, são os efeitos da palavra que move todas as fibras do coração: consola, aflige, estimula e acalma. E a poesia há que ser, segundo Aristóteles, mais filosófica e mais seriamente verdadeira do que a própria história, o poeta pode ser chamado de grande explicador do mundo da ilusão. Ela é além de tudo, irmã gêmea da prece, são como duas asas da alma que se levantam do transitório ao eterno, e por fim, o pensamento, que é a fortaleza que protege a alma, impedindo que penetrem imaginações torpes ou menos dignas do ser humano.

Essa a missão da Academia de Letras. Todos nós devemos procurar ser bastantes nobres para transformar nossa missão em ideal e, como Miguel de Unamuno, o grande educador venerado como Sumo Sacerdote no templo da sabedoria que é a Universidade de Salamanca, tenhamos por ideal a crença no primado da inteligência sobre a força. Sim... O mundo de hoje traz à nossa reflexão a ausência total de ideais nobres, e a verdadeira nobreza consiste também em sermos superiores ao que éramos antes, num aprimoramento contínuo.

A Academia de Letras não existe para subordinar, censurar ou policiar, senão para respeitar e fazer respeitar a ordem e as regras da boa construção. Oxalá honremos o juramento: Possa a minha inteligência estar sempre a serviço do Bem e do Belo. Que o meu talento sirva à perfeição da Língua Portuguesa. Que eu possa, sempre, transmitir mensagens de paz, amor e confiança. Assim estarei recompensado dos meus esforços.

() Rinaldo Gissoni, Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo*

Bruna Mazzoni de Melo: uma lição de amor e de vida para nossa geração

Volanda ASCÊNCIO(*)

A pesar de tantos desafios enfrentados, através de seus setenta anos de existência, o *Bazar e Papeleria Ao Carioca*, inaugurado em 1927 pelo senhor Antonio de Melo Neto, continua próspero e bem sucedido, o que merece nossos aplausos e justa homenagem.

Entretanto, neste momento de festa para a família Melo, optamos por exaltar a figura marcante da senhora Bruna Mazzoni de Melo que, mui gentilmente, nos concedeu uma entrevista no dia 23 de abril de 1997, em sua residência, na rua Santo Antonio, nº 240, onde mora há já 45 anos.

Dona Bruna nasceu em Rovigo, cidade situada no norte da Itália, no dia 16 de julho de 1916. Veio para o Brasil, em 1924, com seus pais e irmãos, como imigrantes italianos. De início, a família estabeleceu-se em Serra Negra. Em 1932, Dona Bruna passou a morar, com sua família em São Caetano do Sul. Já com 16 anos de idade, começou a trabalhar na conhecida casa de frios *Casa*

Branca de propriedade de sua irmã Angélica. Trabalhava muito para ajudar no sustento da família que era, então, muito pobre. Pouco tempo depois, a jovem Bruna conheceu o senhor Antonio de Melo Neto que tinha uma charutaria ao lado da *Casa Branca*.

Contou-nos Dona Bruna que os dois estabelecimentos comerciais localizavam-se na antiga rua São Caetano (- atual Avenida Conde Francisco Matarazzo) e que a charutaria do senhor Melo é que deu origem ao *Bazar e Papeleria Ao Carioca*.

“Dona Bruna confessa agora, após sessenta e três anos de casamento, com dois filhos, Rubens e Irene, cinco netos...”

O senhor Melo tomava lanches na *Casa Branca* e acabou enamorando-se da jovem Bruna, com quem se casou após apenas seis meses de noivado. Dona Bruna confessa agora, após sessenta e três anos de casamento, com dois filhos, Rubens e Irene, cinco netos e cinco bisnetos, ser uma pessoa reali-

zada e feliz. Falou-nos sobre seu trabalho árduo com seu esposo para manter o *Bazar e Papeleria Ao Carioca*. O comércio, naquela época, permanecia em atividade, mesmo aos sábados, domingos e feriados, não restando tempo para lazer ou vida social.

Mais tarde, com o fechamento do comércio em fins de semana, Dona Bruna e seu esposo iam ao teatro e ao cinema com muita frequência. A vida foi correndo e o casal Melo já podia participar, sem nunca deixar o trabalho duro, de atividades sociais.

No Rotary Clube, durante a presidência do senhor Melo, Dona Bruna comandava as campanhas em benefício do Lar Menino Jesus, Asilo Irmã Tereza e Dispensário de Assistência aos Tuberculosos. Ainda, no Rotary, foi eleita Mãe do Ano. Também fez parte da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância (Apami), como presidente e vice-presidente, comandando campanhas de Natal e da Semana da Criança.

Dona Bruna, atualmente, cuida de seu esposo que tem 93 anos de idade, pratica natação e hidro-ginástica. Fala com saudade da cidade de São Caetano antiga, quando a casa, onde mora, era totalmente cercada de mato, tendo à frente um córrego com uma pinguela de madeira. Também saudosa, fala da irmã Josephina que ficou na Itália. Já se visitaram algumas vezes e conversam por telefone todos os meses.

Eis a figura ímpar da senhora Bruna Mazzoni de Melo, uma pessoa ativa e simpática, porém, serena, um bom português, voz cativante.

É sem dúvida, uma grande lição de amor e de vida para a nossa geração.

(*) Yolanda Ascêncio, professora, advogada, escritora e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



Muito atuante, Bruna Mazzoni de Melo representa um exemplo de vida para a nossa geração

A árvore da amizade. A presença de Paul Harris em São Caetano

Jayme da Costa PATRÃO (*)

Como quase por inspiração divina, um homem bom, com ampla visão do mundo e discernimento humanitário, Paul P. Harris, ilustre advogado de Chicago (EUA), idealizou e fundou, em fevereiro de 1905, o Rotary International, com o lema filosófico *Dar de si antes de pensar em si*.

Ao lembrarmos do cinquentenário de sua morte, em 27 de janeiro de 1997, aquilatamos, com admiração e respeito, o quanto este americano, conscientemente, deu de si sem pensar em si.

Poucas cidades brasileiras, inclusive capitais de Estado, tiveram o privilégio de ter recebido a visita daquele que foi um emérito cidadão do mundo rotário.

Em abril de 1936, São Caetano, pequena cidade do ABC, com pouco mais de 8.500 habitantes, simples distrito de São Bernardo, não possuindo independência, contava com umas poucas indústrias, entre as quais a maior e já famosa Cerâmica São Caetano, do grupo Simonsen. Ali o diretor, engenheiro Armando de Arruda Pereira, presidente do Rotary Club de São Paulo e governador indicado para o então Distrito 72, traz Paul P. Harris, como seu convidado especial, para visitar a Cerâmica, e por extensão, a sua bela residência, anexa à parte da fábrica, ocupando uma gleba de terra com pomar, jardim e uma nesga de floresta natural.

Ao receber o fundador do Rotary e sua esposa Jean como hóspedes ilustres, o grande homem fez questão de plantar ali um cedro como símbo-

lo da sua amizade rotária. Foram suas palavras textuais: "Dentro de poucos anos, toda esta região terá um grande desenvolvimento e, então, chegará a hora de plantarmos muitos Rotarys por aqui".

"Dentro de poucos anos, toda esta região terá um grande desenvolvimento e, então chegará a hora de ..."

O ilustre visitante, nessa mesma ocasião, poucos dias antes, com a presença de grande número de rotarianos dos clubes de São Paulo, havia plantado, também, na Praça da República, em São Paulo, um ipê-amarelo. Era hábito

desse grande rotariano plantar, ele próprio, Árvores da Amizade. As palavras proféticas de Paul P. Harris sobre São Caetano realizar-se-iam em outubro de 1948, com a autonomia política administrativa da cidade. A caminho do progresso de São Caetano do Sul, em maio de 1951, seria fundado o Rotary Club São Caetano do Sul.

Em vista da mudança de residência do engenheiro Armando de Arruda Pereira para a capital de São Paulo - atendendo o chamamento da política, seria prefeito da cidade paulistana de fevereiro de 1951 a abril de 1953 - a grande preocupação do Rotary Club São Caetano do Sul foi o de recuperar e preservar o cedro simbólico plantado com carinho por Paul Harris.

Por ocasião da reunião Inter-Clubes de 1955, na presidência do saudoso Manuel Gutierrez Duran, dentro de uma solenidade especial, a tradicional Árvore da Amizade foi transplantada para o Jardim 1º de Maio, antigo Paço Municipal, onde uma placa de bronze foi afixada com dizeres alusivos: "Árvore da Amizade (cedro), plantada em 1936, por Paul P. Harris, na residência do companheiro Armando de Arruda Pereira e replantada em 6 de fevereiro de 1955 pelo Rotary Club de São Caetano do Sul".

Atualmente, além do Rotary Centro, os Rotary Clubs Oeste, Leste e Olímpico trabalham irmanados e em perfeita sintonia com a comunidade e os poderes públicos do Município para maior grandeza de São Caetano do Sul. *Rotary é a realização do ideal de servir.*

(*) Jayme da Costa Patrão é Membro do GIPEM e Diretor Conselheiro da Fundação Pró-Memória

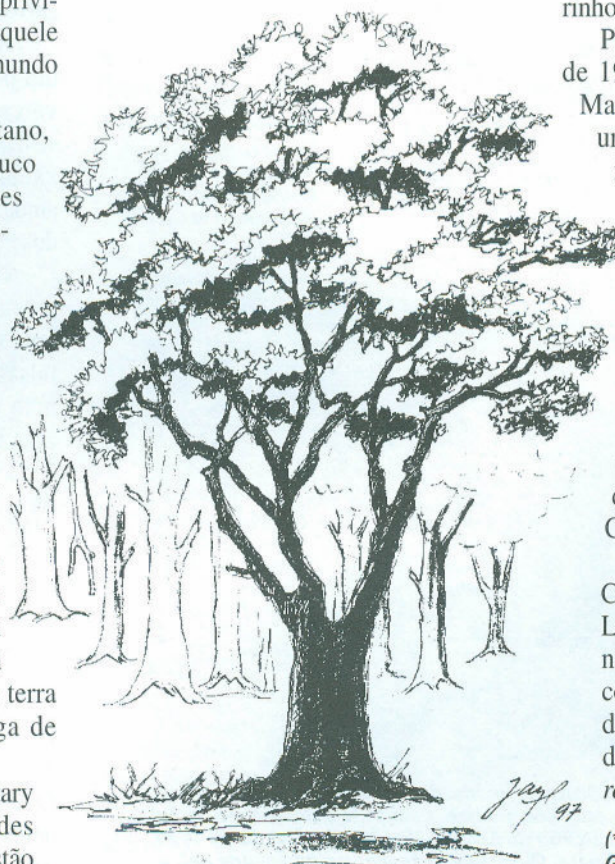


Ilustração de Jayme da Costa Patrão

Família Scartozzoni, uma história de 1889...

Acervo: Fanny Scartozzoni



Benedetto Simone Scartozzoni e Maria Anna Verzini Scartozzoni, em São Caetano do Sul



Certidão de casamento de Benedetto Simone Scartozzoni e Maria Anna Verzini Scartozzoni (Cologniola ai Colli - 1878)

Acervo: Fanny Scartozzoni



A fábrica de móveis da família Scartozzoni, desde o final do século passado, ocupava grande área na rua Serafim Constantino, Centro de São Caetano do Sul, onde hoje situa-se o Supermercado Pão de Açúcar. Na foto, da década de 1930, aparecem, da esquerda para direita: Olga, Inocencia, Fanny, Arcênio(de pé), e Guilherme e Aurélio. As crianças Silvío e Sérgio, filhos de Olga

Vindos da cidade de Cologniola ai Colli, que quer dizer na encosta do monte, pequena cidade perto de Verona, na época Província de Suave, Benedetto Simone Scartozzoni e Maria Ana Verzini chegaram ao Brasil em 1889, logo após a abolição da escravatura. Vieram com sete filhos: Beneamino (Beijamim), Aneta, José(Bepi), Augusto, Eliza, Arcenio, todos nascidos em Cologniola ai Colli e Américo, nascido no navio. Após pequeno período instalados no prédio da imigração do Brás, vieram para São Caetano, onde fixaram residência nas proximidades da recém- inaugurada estação de São Caetano, em rua que receberia o nome de Serafim Constantino, anos após.

São Caetano, à época, era ainda um pobre núcleo colonial que procurava crescer, ao redor da capela e das senzalas vazias da antiga fazenda, deixadas pelos padres beneditinos que, ainda, deixavam à vista os grilhões usados em escravos.

Na Itália, Benedetto e Maria Ana possuíam uma grande casa e, ao lado, uma oficina de móveis. Iludidos pelas falsas promessas dos agenciadores de mão de obra, venderam tudo para a grande aventura da América, desconhecendo que o objetivo maior era a substituição da mão de obra escrava. Felizmente, quis o destino, que viessem a São Caetano, onde puderam adquirir lotes da colônia, encontrar amigos patricios e ficar longe das fazendas do interior de São Paulo, onde predominavam um trabalho quase que escravo. Duas lembranças dos primeiros dias de S.Caetano, não esqueceram a família D'Agostini, já radicada aqui uma leva antes, possuidora de terras produtivas, da qual receberam muitas vezes farinha e verduras para alimentar a família.

Benedetto sustentava a família fazendo serviços de marcenaria, o que possibilitou a construção de casas e uma oficina, que ele mesmo ergueu no terreno da rua Serafim Constantino.

Os anos foram passando e os filhos de Benedetto e Maria Ana foram enviados à escola para aprender ler e escrever. O sacrifício das crianças era grande pois iam a pé até São João Clímaco, onde havia uma pequena escola.

Aproximadamente em 1900, três dos filhos, Augusto, Américo e Arcênio, fundaram a primeira indústria de móveis de São Caetano: Fábrica de Móveis Irmãos Scartozzoni - movida a tração elétrica - Rua Serafim Constantino, 100.

A sociedade permaneceu ativa até 1971 quando a área foi vendida para a Eletro radiobrás, hoje Grupo Pão de Açúcar. Américo já não fazia parte da sociedade, tendo se instalado muitos anos antes, com sua própria fábrica, na rua Silva Bueno. Infelizmente seu negócio não prosperou muito.

Radicados e estabelecidos, os filhos do casal foram seguindo seu caminho, formando suas famílias e progredindo econômica e intelectualmente.

Beniamino casou-se com Elvira, família de Santo André. Tiveram três filhos, Armando, Alquimíades (Lela) e Idalina.

Aneta casou-se com Antônio Garbelotto, tiveram dez filhos, Artur, Firmino, Victorino, João (Joaquim), Antonio (Nico), Albertina, Angelina, Serena, Inês e Maria (Mariquinha).

José (Bepi) não se casou. Ficou cego aos 27 anos e viveu até os 83 anos. Era verdadeira enciclopédia, sempre informado de tudo. Possuiu um dos primeiros rádio Galena de São Caetano.

Eliza casou-se com Eugenio Frassatti, tiveram três filhos Paulina, Pedro (Pierim ou Beijamim) e Olga.

Augusto casou-se com Renata



Acervo: Fanny Scartozzoni

Madre Irene, Fanny, Madre Firmina, Inocência, Arcênio Scartozzoni e os netos Roberto e Bruno (Vicenza-1958). As religiosas foram fundadoras do Externato Santo Antonio



Padre Alexandre Grigoli na Casa de Repouso dos Padres Estigmatinos (Frascati-1958)

Tozetto, tiveram seis filhos, Tosca, Turido, Mario, Leonor, Alfio e Olga.

Arcênio casou-se com Ada Benvenuti e tiveram Guilherme e Aurélio e em segundo casamento com Inocência Godini Argondiza, tiveram Aristides, Nair, Walter e Fanny.

Américo casou-se com Celestina Miliane, tiveram Norma e Plácido,

em segundo casamento com Maria Miliane, Luiz, Isaura, Matilde, Nelson e Osvaldo.

Dos filhos de Benedetto, apenas Arcenio teve a felicidade de retornar a visitar sua terra natal, Cologniola ai Colli, acompanhado da esposa Inocência, da filha Fanny, do genro Lino Ceschin e dos netos Roberto e Bru-

no. Em 1958, chegaram à pequena cidade, indagando sobre a família Scartozzoni. Não havia mais familiares. Resolveram visitar pessoas antigas da cidade em uma casa de repouso onde, com grande alegria, puderam encontrar alguém que lhes indicou o busto da praça como o do professor José Scartozzoni que lecionou por 60 anos. – “Fui seu aluno” – afirmou o velho com alegria. Lembra-se também de outro, “de nome Benedetto, que foi para a América”. O encontro com conhecido de seu pai emocionou Arcênio.

Saindo da casa de repouso em companhia do velho morador de Cologniola, este levou-os até a casa e a oficina de Benedetto, ainda intactas, porém vazias. A cada instante a emoção aumentava, terminando em muitas lágrimas quando, já na velha igreja, o velhinho informou que os bancos de madeira, onde estavam ajoelhados orando, foram feitos pelo marceneiro Benedetto.

A emocionante viagem de retorno ao passado de Arcênio continuou com passagem à cidadezinha de Ponte D'era, na Toscana, perto de Pistoia, onde visitaram primos e sobrinhos de sua primeira esposa Aça Benvenutti, mãe de Guilherme e Aurélio. Família de coração bonito que lembraram da bondade das pracinhas brasileiras e da maldade dos alemães que costumavam levar o pouco que tinham para comer. Lembraram também de terem escondido quatro pracinhas dentro do forno de fazer pães, para salvá-los dos alemães.

Na viagem não faltaram visitas a personalidades que tiveram grande destaque e importância no desenvolvimento de S.Caetano. A primeira ao padre Alexandre Grigolli, chegado a São Caetano na década de 1920, o grande idealizador e construtor da Igreja Sagrada Família (Matriz Nova) no centro de São Caetano. Foram encontrá-lo em Roma, perto de Frascati, na casa de repouso dos padres estigmatinos, muito feliz em rever os velhos amigos.



Beniamino Gigli na Matriz Sagrada Família, em 7 de setembro de 1951, ocasião em que se apresentou com o coral da Igreja

Outra visita a Vicenza, no noviciado das irmãs da Providência, na cidade de Bel Vedere di Teze, encontraram-se com Madre Firmina, uma das três primeiras que chegaram a S.Caetano para fundar o Externato Santo Antonio em 13 de junho de 1930, na rua São Caetano, atual av. Conde Francisco Matarazzo. Puderam lembrar do difícil início do Jardim da Infância e do Primário, dos quais a filha de Arcênio, Fanny, foi uma das primeiras alunas e da grande ajuda para as mães, prestada por Inocência e pela sra. Delfina Cecatto, benemérita da Paróquia.

Assim, puderam partilhar da grande alegria, também com Madre Irene, professora de Música, lá presente, das tantas alunas que, como Fanny, participaram daqueles primeiros anos do Externato, no aprendiza-

do das primeiras letras, música, bordados, costuras, pinturas e tantos outros belos ensinamentos ministrados pelas freiras.

Benedetto e Maria Anna Scartozzoni, deixaram um legado de trabalho e honestidade. A mesma força de vontade e coragem que os impeliu a atravessar o Atlântico em busca de melhores dias, conseguiram transferir aos seus descendentes. Os frutos, da fértil árvore que plantaram em São Caetano, surgem na família através do trabalho significativo desenvolvido por seus descendentes, hoje médicos, engenheiros, advogados, professores, administradores de empresa, dentistas, economistas, geólogos e empresários. Graças a Deus, seguiram a perseverança dos Scartozzoni. Continuará, com certeza nas próximas gerações.

Casa de Benedetto Simone Scartozzoni e Maria Anna Verzini Scartozzoni em Cologniola ai Colli - 1958



Em Cologniola ao Colli, em 1958, Arcênio visita três velhos conhecidos na Casa de Repouso local



Família Dell'Antonia, na Chácara Paraíso, local que hoje é a Rua Visconde de Inhaúma



Lino Ceschin, sua esposa Fanny, Inocência, Arcenio e Roberto. Cemitério dos Pracinhos (Pistoia - 1958)

SESI, 26 anos de atuação no Município

Em janeiro de 1968, período de grande expansão industrial do Grande ABC, o Serviço Social da Indústria (SESI), iniciou a construção, em um terreno de 12.000 m² doado na gestão do prefeito Hermógenes Walter Braido, do prédio onde, mais tarde, funcionaria o Conjunto Educacional Assistencial e Esportivo Presidente Eurico Gaspar Dutra, no Bairro Boa Vista, em São Caetano do Sul.

A experiência do SESI de reunir em um mesmo local as unidades dos vários campos de assistência global havia obtido grande êxito na capital paulista, e foi esse sucesso que levou a direção a estender o atendimento também aos funcionários do Grande ABC. A partir daí, a população operária da região passaria a usufruir dos serviços do SESI nas áreas de educação, saúde, alimentação, esporte, lazer e cultura.

Em 19 de março de 1970, foi oficialmente inaugurado em São Caetano do Sul o Conjunto Educacional Assistencial e Esportivo Presidente Eurico Gaspar Dutra. Com uma área de 7.624 m², seus edifícios contavam com instalações para a parte administrativa, ambulatório médico, ambulatório odontológico, Centro Educacional para aulas de curso supletivo, Centro de Artes Industriais, biblioteca, Centro de Aprendizado, Doméstico, Centro Social e um Centro Esportivo com quadra coberta para a prática de vários esportes, além de piscinas para adultos e crianças.

Em 1990, o conjunto passou para Centro de Atividades Presidente Eurico Gaspar Dutra (CAT). Planejados

para reunir num só local as atividades de educação, esporte, lazer, saúde e cultura, os CATs oferecem atividades programadas de acordo com as necessidades da região a que atendem, funcionando como um dinâmico pólo de desenvolvimento humano e social.

Atualmente, o CAT Presidente Eurico Gaspar Dutra oferece os seguintes serviços:

“Serve de apoio ao ensino ministrado em salas de aula e estimula o hábito da leitura, além de promover atividades...”

Biblioteca Circulante – para uso dos alunos, professores do Centro Educacional 222 e da comunidade. Serve de apoio ao ensino ministrado em salas de aula e estimula o hábito da leitura, além de promover atividades paralelas na área de lazer cultural e vídeo educativa;

Centro de Aprendizado Doméstico – possui cozinha didática e quatro salas para cursos e outras atividades nas áreas de educação para a saúde, educação alimentar, educação doméstica, corte e costura; atende também a grupos de Terceira Idade;

Saúde Prevenção e Cura – Ambulatórios Médico e Odontológico - a rede médico-hospitalar odontológica do SESI atua com caráter suplementar ao serviço de saúde pública. Privilegia os aspectos preventivos, sem descuidar da parte terapêutica. O ambulatório médico possui cinco

consultórios, uma sala de coleta, uma sala de raio X e um laboratório de análises clínicas e serviços oncológicos. O ambulatório odontológico possui três consultórios e um sala de raio X e prótese. Setor de medicina preventiva com três consultórios para atendimento psicológico e uma sala de ludoterapia;

Centro Educacional – com capacidade para atender a 800 alunos de pré-escola, 1º grau e supletivo. Possui 10 salas de aula, recreios coberto e descoberto e oficina de preparação para o trabalho;

Serviços Jurídicos – possui um escritório com um advogado à disposição dos beneficiários, atendendo questões em vários campos do direito;

Centro Esportivo – possui dois salões de ginástica, uma sala para jogos silenciosos, uma sala para jogos barulhentos, um ginásio poliesportivo com arquibancada para 500 pessoas e vestiários, uma miniquadra poliesportiva, duas piscinas, sendo uma semi-olímpica e uma infantil, e uma lanchonete;

Centro de Aprendizado Doméstico – procura estender a melhoria da qualidade de vida para dentro da família do trabalhador. Oferecem de educação alimentar e doméstica, saúde, corte e costura. Os CADs prestam, ainda assistência a grupos de terceira idade, com atividades especiais para idosos.

O que foi o futebol profissional do SCEC

Narciso FERRARI (*)

Corria o ano 1948. A cidade estava eufórica. O movimento autonomista era todo favorável à vitória. Crescia a construção do Hospital São Caetano e, no cenário esportivo, o maior clube São Caetano Esporte Clube (SCEC), anunciava através de seu presidente, Armelindo Franchini, o ingresso no campeonato da Segunda Divisão de profissionais da Federação Paulista de Futebol (FPF), sendo o pioneiro no ABC. E o dinheiro, seus dirigentes confiavam no povo da cidade, pois dava chance de os esportistas conhecerem de perto os maiores clubes do interior paulista.

A base já estava firme, pois o clube acabava de disputar o campeonato amador da FPF, onde se reuniram clubes regionais, num campeonato importante, porém de menor expressão. Vinham desta disputa Zinho, Mosca, Escovinha, Laurindo e Andó.

Em substituição a Silvério Manilli, que exerceu o cargo de diretor esportivo por 32 anos, Joseph Fuchs, homem que gozava de prestígio nos meios esportivos, foi buscar Neno, da várzea da Vila Prudente, Sérgio Lorenzini, do Cruzada-Ipiranga; Ninin da GM; Sulinho do Teuto; Yube, do Corinthians; Wilson Apolônio, do 1º de Maio de Santo André, Via Ipiranga e Elzo de São Bernardo e como suplentes – Ribeirão, e Bergamo, ambos da Laminação, Camargo e Fabio.

Veio o domingo da estréia. O campo da Rua Paraíba, Estádio Conde Francisco Matarazzo, como era chamado, ficou lotado para ver o time enfrentar o Paulista de Jundiaí; vitória do (SCEC) por três a um. A expectativa



Acervo: Narciso Ferrari

Campo do SCEC em 1952.
Da esquerda para direita: Vitor, Jair, Schubert, Fiume, Narciso, Rubens de Almeida e Daniel (massagista) agachados: Rino, Rafael, Botega, Ratinho e Araken

era para o jogo seguinte fora dos seus domínios, teria que enfrentar o Velo Clube Rio Clarense, de Rio Claro, vitória do SCEC, quatro a dois. Não faltou muito tempo para o Aurélio Belotti, jornalista de *A Gazeta Esportiva*, cognominar o clube de o Expressinho da Vitória.

“O clube não encontrou meios financeiros, pois teria que resolver o caso em 48 horas, entretanto a euforia era ...”

O técnico não era conhecido dos sãocaetanenses, porém o pai dirigia o Corinthians Paulista, Gentil Cardoso e o filho Airton começava, assim, a profissão de técnico de futebol; porém este ficou até o final do primeiro turno.

A preocupação terminou, quando o recém formado técnico pela FPF, Francisco Marinoti, aceitou dirigir o time. Seus colegas de turma foram Osvaldo Brandão, Aimoré Moreira, Vicente Feola e tantos outros.

Estava por terminar o campeonato. Se o clube vencesse o Ginásio Pinhalense, ficaria em primeiro lugar da sua chave. O jogo seria em Pinhal, houve entendimento para inversão de mando de jogo, permitido na época. O clube não encontrou meios financeiros, pois teria que resolver o caso em 48 horas; entretanto a euforia era grande entre diretores e jogadores, e achavam eles que venceriam o jogo sendo fora de casa. Ledo engano; foi derrotado em Pinhal por um a zero. Assim, ficaram

em primeiro lugar, o SCEC e o Rio Pardo FC, e foi marcada a decisão para Limeira, onde o clube perdeu de cinco a três, em jogo decisivo e transmitido por várias emissoras de rádio do interior, ficando assim para o triangular finalista, o Rio Pardo, XV de Piracicaba e C. A. Linense. A preocupação dos dirigentes do SCEC era grande antes do jogo, pois se o clube vencesse, a preferência geral era para a ascensão do SCEC, porque a cidade era próxima da capital; porém a preocupação continuava. A praça dos esportes, embora fosse no centro da cidade, era acanhada, não tinha alambrado, o campo era apenas cercado de ripas; a arquibancada era de madeira, comportava apenas 520 pessoas sentadas; não tinha espaço para aumentar a capacidade de nenhum dos lados. A municipalidade, recém-criada, não tinha condições de ajudar financeiramente. A sede social na rua Perrella era do Pedro José Lorenzini, que recebia um aluguel simbólico, quando recebia. O clube vivia da contribuição dos associados, aluguel do campo, da sede social, com ajuda dos bailes domingueiros; as matinês, freqüentadas por jovens que vinham de trem da Capital, não era muito aconselhável pelas famílias dos associados porém à noite; a freqüência era totalmente de famílias sancaetanenses.

Também tinha ajuda de diretores e conselheiros que sempre colaboravam quando era necessário, ou no Livro de Ouro, quando faziam. Os jogadores eram semiprofissionais. Todos trabalhavam em suas respectivas profissões, recebiam uma ajuda de custo e gratificação nas vitórias.

A condução para os jogos fora tinha duas opções: os diretores ou conselheiros que tinham carro levavam os jogadores ou o clube contratava sempre os mesmos motoristas de táxi localizados na estação. A preferência era do Angelo Pol, Orlando Fiorotti, Ramon Jurado (Bartolo) e Francisco



Vista do Estádio Conde Francisco Matarazzo. Campo SCEC

Marphil.

A fisicultura estava a cargo do sargento Miguel Batista Gonçalves, mas o clube treinava todas as quintas-feiras, vez ou outra nas terças-feiras, e faziam ginástica e futebol; o técnico era o Francisco Marinotti, não recebia nada; ao contrário, colocava dinheiro do seu próprio bolso. Os médicos que acompanhavam o clube - Roberto Gomes Caldas, José Luiz Fláquer Neto e posteriormente Adriano Duarte - nada recebiam e, nas consultas jurídicas, o advogado Dirceu de Oliveira Lima, prestava sua colaboração.

“O administrador do estádio era o ítalo-francês, Gastão Flosi, que morava com a família debaixo da” ...

Concentração, apenas uma fora na Fonte Sônia, em Valinhos; outras vezes a concentração era numa chácara de propriedade de Francisco Rovai, onde hoje se localiza a igreja matriz de Rudge Ramos e vez ou outra os atletas almoçavam na Pensão Italiana, de Daniel Arelaro, na rua João Pessoa, local também de reunião dos associados e diretores. O administrador

do estádio era o ítalo-francês, Gastão Flosi, que morava com a família debaixo da arquibancada, e o massagista era Daniel Parissi, o primeiro remunerado com salário e o segundo com pequena gratificação. Biaggio Cersosimo massageava os atletas antes dos jogos principais. Quanto ao serviço burocrático de secretaria e tesouraria, eram executados pelos abnegados diretores.

Como todos os clubes, quando o time ganhava, a colaboração era geral; quando perdia eram só críticas; nas preliminares os amadores do clube ganhavam os jogos de que geralmente participavam clubes varzeanos locais, os quais eram convidados para uma maior renda. Estes, em represália, torciam contra o SCEC no jogo principal. Assim sendo, o Fuchs proibiu estes jogos e somente convidavam clubes amadores da capital ou Santo André.

Já em 1949, sob a presidência de Jacob João Lorenzini e como técnico o Húngaro - não lembramos o seu nome - e João Nicolau Braidó, o Paraná, disputando uma série muito forte, e ainda na chave de Guarani e Ponte Preta de Campinas, ficou em quinto lugar nesta chave. Mesmo assim, não

decepcionou. O time base era assim: Zinho, Mosca, e Neno, Armando, Bernardi, e Olegário, Andó, Piola, Miltinho, Wilson e Elzo, contando com os reservas, Alvaro, Ribeirão, Bergamo, Camargo, Date, Peixinho, Ninin, Gustavo, Schubert e Rubens.

Já em 1950 foi a maior equipe que o SCEC apresentou em toda temporada de segunda divisão. “

“A base da equipe era esta: Orestes, Mosca e Neno; Vitor, Sidney e Nilo; Andó; Walter; Oswaldo; Wilson e Elzo...”

Sob o comando técnico de Luiz Pereira – Lula conhecido como o canhão do Parque Antártica, devido ao seu forte chute, exerceu o cargo por pouco tempo, e, logo em seguida, Francisco Marinotti o substituiu. A base da equipe era esta: Orestes, Mosca e Neno; Vitor, Sidney e Nilo; Andó; Walter; Oswaldo; Wilson e Elzo. Este time sagrou-se campeão do grupo, e tinha como reservas Ribeiro, Date, Zinho, Silva, Armando, Schubert e Rubens. A maior revelação de todo certame em 1950 foi

sem dúvida o meia Valter (Valter Marciano de Queiroz) elogiado por toda imprensa paulista, cujo passe foi adquirido gratuitamente junto à Portuguesa de Desportos, e expedido pelo seu diretor Nestor Pereira, sócio de Vicente Pina, residente aqui na cidade. O SCEC, precisando de dinheiro no final dessa temporada, vendeu-o ao Clube Atlético Ipiranga por 40 mil cruzeiros, considerado preço satisfatório e dentro do mercado, cheque entregue pelo presidente Geronimo Mauri e diretores Carlos Gaeta e Domingos Sgarzi. A trajetória do Valter foi rápida, C.A.Ipiranga, Santos, Vasco da Gama, Seleção Brasileira e Valência da Espanha, onde morreu em desastre automobilístico. A venda do Valter deu ao novo Presidente, Otávio Tegão, meios para administrar o clube em 1951/52, porém as dificuldades sempre iam aumentando, a cidade crescia, os jogadores exigiam melhores condições, não só salariais como também médicas.

Sob o comando do técnico Wilson, do Comercial, posteriormente Francisco Marinotti, contou com esta base: Orestes, Mosca, e Date; Alan Vitor, e

Schubert; Elzo, Rubens, Andó, Wilson ou Feijão e Araken; contando ainda com Ribeiro, Nilo, Jorge.

Em 1952, cujo campeonato terminou no primeiro semestre de 1953, já sob a presidência de Hermógenes Walter Braido, a FPF não queria incluir o SCEC no campeonato porque não possuía alambrado em seu estádio, e, após vários entendimentos, acabou aceitando. Entretanto João Nicolau Braido – o Paraná e Miguel Auricchio – o Zinho, se encarregaram de conseguir jogadores, inscrição na FPF e assim o time foi organizado, com base em jogadores da várzea, pois esses diretores funcionavam com olheiros.

Assim foi feito – Vítor – (Vila Bela) ou Zinho, Schubert, e Lão (Cruza-da) ou Sidney do Cerâmica, Vítor ou Jair-Fiume (Tamoio) e Alemão (Vila Bela) Rino – Botega – São Paulo (Vila Alpina) – Cavalinho (Ipiranguinha); Rubens de Almeida e Araken, e ainda Álvaro – Jorge e Pavin, – Primo, e sob o comando do técnico Fernando Ortega primeiro turno e no segundo turno novamente o Marinotti.

“O Narciso foi considerado o melhor goleiro do certame; o Ratinho - centroavante e Rafael Chiarella...”

Com este time, sem pretensões maiores e com jogadores mesclados da várzea e outros oriundos do clube, chegou para o quadrangular final. Joseph Fuchs e outros diretores achavam que para disputar a fase final do grupo precisaria de reforços, e foi ao SC Corinthians Paulista, trazendo Narciso – goleiro, mais Ratinho – centroavante e Rafael Chiarella – meia-esquerda, sendo que este último adoeceu e jogou pouco tempo. O Narciso foi considerado o melhor goleiro do certame; o Ratinho, filho do José Castelli – o Rato, técnico do Corinthians na época, sendo que o Rafael, logo após, formou na famosa linha do Corinthians – Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Carbone.



Arquivo: Narciso Ferrari

Campo do SCEC em data de 3 de maio de 1948. Estréia no Campeonato da segunda Divisão de Profissionais. SCEC(3) x Paulista de Jundiaí(1). Da esquerda para direita em pé: Sérgio, Bergamo, Mosca, Zinho, Neno e Laurindo. Agachados: Yube, Andó, Elzo, Wilson e escovinha

Em seu último campeonato, 1953/1954, antes da fusão, a Diretoria contratou para técnico Hélio Geraldo Caxambu, ex-goleiro do São Paulo Futebol Clube, que substituiu o Antônio Mosca, disputou um campeonato curto e com apenas seis participantes, cuja base foi Zinho, Sidney e Lão, Maurinho, Fiume e Rubens de Almeida, Jorginho, Gabriel, Osvaldo, Salvador e Araken; contando ainda com Jaime, Vítor, Vadela, Hilton, Mário, não alcançando classificação no certame.

Com a cisão do São Caetano Esporte Clube e Comercial em 18 de dezembro de 1957, em 1958, presidido por Nicolino Puccetti, o clube disputou o campeonato mandando seus jogos no estádio municipal nos anos 1958 e 1959, não existindo muito interesse pelos torcedores e associados antigos, porque o estádio ficava fora da área central, e os mesmos ficaram decepcionados com a fusão.

No comando técnico estava o Aurélio Loureiro Bastos, no primeiro ano e depois o Reinaldo Zamai, antigo jogador do C. A. Ipiranga e Portuguesa de Desportos e pegou jogadores da várzea da cidade, capitaneados pelo Nicolau, ex-Juventus, apresentando campanha apenas razoável. O desinteresse da cidade pelo clube era tão grande que um jogo entre SCEC x Elvira de Jacareí, tinha apenas 19 assistentes; nem os familiares dos jogadores prestigiavam o jogo.

Outros clubes da cidade disputaram o campeonato da segunda ou terceira Divisão de Profissionais, posteriormente, como o Cerâmica FC, que tinha a assistência financeira da Cerâmica São Caetano, a SAAD, assistido pelo abnegado Felício Saad, da fábrica do mesmo nome, o Clube Atlético Monte Alegre, o Transauto FC, de José Formiga e o Atlético Vila Alpina, todos eles não tiveram o êxito do SCEC.

Quando assumimos a Presidência do Clube no início do ano 1960, a Diretoria e Conselho Deliberativo decidiram paralisar o profissionalismo, e partir para a construção de um clube recreativo, a exemplo de outros clubes, como o C. A. Ipiranga; a Esportiva Sanjoanense; São João de Jundiá; Sorcorrense; Portofelicense e outros co-irmãos do profissionalismo.

Levamos, assim, o pedido verbal e escrito do desligamento da segunda divisão, ao presidente da FPF João Mendonça Falcão. Relatamos que, geograficamente, nossa cidade é ligada à capital e à exploração de atividades como hotéis, rádio, jornal diário, restaurantes e futebol profissional, sentem total influência dos congêneres da capital. De início, ele relutou; depois de ouvir nossas explicações, concordou e cumprimentou-nos.

() Narciso Ferrari, contador, ex-presidente, militante e sócio do clube desde*



Acervo: Narciso Ferrari

Campo do São Caetano Esporte Clube. Da esquerda para direita em pé: Joseph Fuchs(Diretor), Orestes, Neno, Vítor, Sidney, Mosca, Nilo, Francisco Marinotti(técnico), Biagio Cersosimo, Giro Ricciardi. Agachados: Elzo, Andó, Osvaldo, Valter, Wilson e Daniel(massagista)

Cruzada: raízes na fé e no amor dos integrantes

José Roberto GIANELLO (*)

A origem do Cruzada Esporte, clube amador de São Caetano do Sul, que se destacou no futebol, pedestrianismo, pingue-pongue, bocha, etc., desde sua fundação em 1º de maio de 1939 até meados dos anos 70, está nas raízes católico-religiosas da cidade. Este fato se confirma com a criação da primeira paróquia em 13 de abril de 1924, pelo padre João Batista Pelanda e seu auxiliar padre Alexandre Grigolli, até à chegada do padre Ezio Gislimberti, em São Caetano do Sul, no dia 11 de julho de 1937.

Antes de entrar diretamente na saga do clube, é necessário conhecer-se um pouco da história da Congregação dos padres estigmatinos e o trabalho desenvolvido pelos padres João Pelanda e Alexandre Grigolli. Em em 1924, quando ambos passaram a morar no Município, a cidade era apenas uma vila com 12.000 habitantes. Passado algum tempo, já no

cinquentenário de São Caetano do Sul, em 1927, já eram observados os resultados do trabalho destes padres, no sentido da participação em conjunto com a Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe Di Napoli. Durante os festejos ocorridos em 28 de julho de 1927, enquanto a Príncipe Di Nápoli cuidava da parte cívica, a comemora-

ção religiosa, aproveitando a proximidade da festa do padroeiro da paróquia – São Caetano Di Thiene – (7 de agosto), ficava a cargo dos padres estigmatinos.

Para o evento, o programa cívico-religioso ficou assim organizado: bandas musicais e futebol com dois troféus o Cinquentenário e o Prínci-



Ano de 1941.
Da esquerda
para direita:
Nelson
Perrela, Daniel
Perrela e
Geraldo
Braido



Ano de 1943. Em pé, da esquerda para a direita: Eurico Rossi, Cerquinha, Daniel Perrela, Fernandes, Coador, Waldemar Braido, Miguel, Alberto Spicimi. Agachados: Afonso Durante, Sergio Lorenzini, Geraldo Braido, Chico, Irineu



Campo do São Caetano Esporte Clube em 1942. Em pé da esquerda para a direita: Antonio Frazim, (?), José Miar, Atilio, João Almeida, Canhoto, José Siste, Manoel, Eurico Rossi. Agachados: Zéquinha Cavana, Pedro Gallo, Belloni, Pedro Silva, Dorival Sanches

pe di Napoli, destinado aos melhores classificados. Consta também da programação grandiosa quermesse, e multicolorida procissão com seus andores, fitas, distintivos, discursos alusivos à data feito pelo padre Alexandre, fogos de artifício e até, um espetáculo cinematográfico ao ar livre, na praça da Matriz.

“Assim foi na Renascença com São Felipe Neri, e depois da Revolução Francesa. O padre Gaspar Bertoni não fugiu ...”

A Congregação dos Estigmatinos foi fundada pelo padre Gaspar Bertoni (1777-1853) e sempre teve como tradição a educação da juventude, devido à própria filosofia da ordem estigmatina. Segundo a filosofia da ordem, quando a atmosfera social é toda cristã, não é necessário criar um ambiente para os jovens, mas quando pesa uma contínua ameaça de corrupção e impiedade, a ordem estigmatina sempre concentrou nos corações juvenis a ação de conquista e de defesa. Assim foi na Renascença com São Felipe

Neri, e depois da Revolução Francesa. O padre Gaspar Bertoni não fugiu à regra neste comportamento, e associou-se a esse generoso esforço da igreja cuidando do elemento mais difícil: a mocidade. Foi ele o grande e genial instituidor daquela agregação de moços e de meninos (mesmo antes de São João Bosco) que, em volta da igreja, na oração e recolhimento e no campo aberto entre cânticos, divertimentos e passatempos inocentes, transcorriam aos domingos e dias festivos; reuniões que se denominavam Oratórios Festivos ou Oratórios Marianos. Assim, o Oratório assinalou uma especialização para a juventude baseada num conceito indiscutível de pedagogia. A organização destes Oratórios Marianos nos moldes de um escotismo moderno, introduzindo também o setor esportivo e teatral, continuou como tradição nas obras juvenis estigmatinas.

Os primeiros estigmatinos que vieram ao Brasil instalaram-se quase imediatamente em Tibagi, no estado do Paraná, em 1911, formando uma pequena comunidade composta pelos



**Geraldo Braido e Waldemar Braido
(15 de agosto de 1947)**

padres Alexandre Grigolli, Henrique Adomi e o irmão Domingos Valzachi. Em 9 de fevereiro de 1924, o padre Alexandre Grigolli chega a São Caetano do Sul como co-adjutor do então vigário padre João Pelanda, pároco da única paróquia da cidade, situada no lugar onde a cidade foi fundada, pas-



**Ano de 1940.
Em pé, da esquerda para a direita:
Dionizio Storaro, Israel Perrela, Mario Dal'Mas, Luiz Perrela, Fernandes, Atilio, Amozor, Geraldo Braido.
Agachados:
José Riera, (?), Ettore Dal'Mas, Garrido, Otávio Cavana**

Acervo: Geraldo Braido

sando posteriormente a co-adjutor do padre José Tondim que sucedeu o padre João Pelanda.

Em 10 de outubro de 1931, o padre Alexandre tornava-se vigário da cidade, iniciando as obras de construção da Matriz Nova, cuja pedra fundamental era lançada em agosto daquele ano. Foi um trabalho incansável, titânico, dadas as condições para a época, assim como a precariedade dos recursos materiais do povo. Em 25 de março de 1946, após 22 anos de permanência em São Caetano do Sul, sendo 15 como vigário, depois de ver concluído seu estuendo sonho de construir uma gigantesca igreja e iniciar a tão sonhada pintura, que faria dela uma das mais bonitas do Brasil, o padre Alexandre passava o cargo de vigário para o padre Ezio Gislimberti.

O padre Ezio Gislimberti chegou a São Caetano do Sul em 1937, e já em 1º de maio de 1939 havia fundado o Cruzada Esporte. Após a conclusão da Matriz Sagrada Família, os padres estigmatinos dedicaram-se a criar instituições voltadas para a educação da juventude. Em São Caetano do Sul, a escola paroquial já iniciava suas atividades, o que viria a ser o atual Instituto de Ensino Sagrada Família. O salão paroquial, onde se realizavam as encenações do grupo teatral, também passava o cineminha. Local que mais tarde cedeu lugar a um moderno e grande salão, onde nos últimos tempos funcionava o Cine Aquarius, hoje dependência interna da escola Sagrada Família.

Coube ao padre Ezio desenvolver o setor esportivo da Congregação Mariana Imaculada Conceição da Matriz Sagrada Família, e assim, precisamente às 20h30 do dia 1º de maio de 1939, sob a sua presidência, foi iniciada a reunião que teve por fim organizar a primeira diretoria que iria reger os destinos do Cruzada Esporte, de São Caetano do Sul.

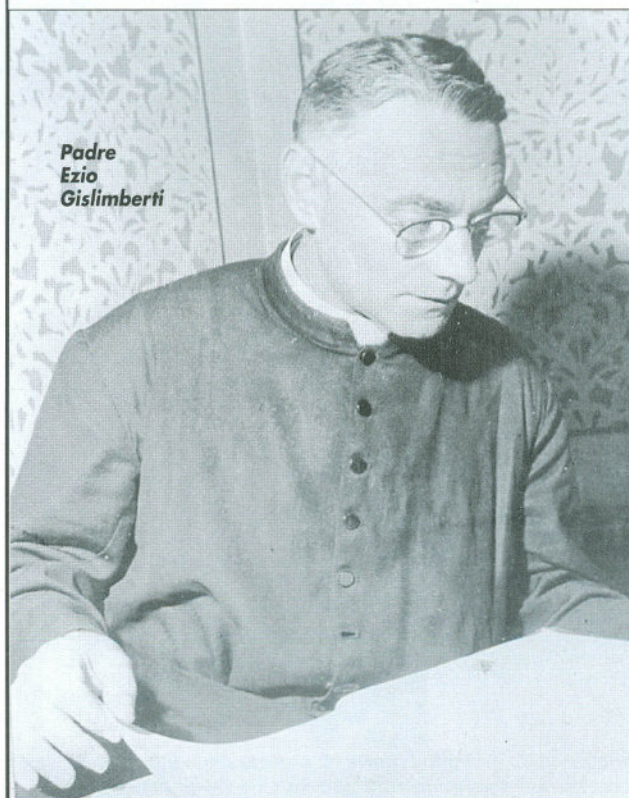
Ezio Gislimberti, fundador do Cruzada Esporte

O Padre Ezio Gislimberti nasceu em Trento, Itália, no dia 13 de janeiro de 1914. Passou a infância na aldeia de Pressano, Município de Lavis, província de Trento. Matriculou-se no seminário de Verona, dos Padres Estigmatinos, em 1924. Cinco anos depois, em 15 de agosto de 1929, ingressou oficialmente na congregação dos Padres Estigmatinos ao receber o hábito religioso, passando ao noviciado da Congregação. Em 15 de agosto de 1930, fez a sua profissão religiosa proferindo os votos de Pobreza, Castidade e Obediência. Passados quatro anos, o então clérigo Ezio Gislimberti chegava à etapa final dos estudos com o início do curso de Teologia.

Seu primeiro estágio no Brasil, foi a Escola Apostólica Santa Cruz de Rio Claro, onde lecionava grego aos aspirantes do ginásio. Em setembro de 1936, Ezio Gislimberti, recebia a Tonsura Clerical (coroa) e as ordens menores.

No dia 8 de dezembro do mesmo ano, Gislimberti conquistava a primeira ordem maior: Subdiácono. Em maio de 1937 recebia a ordenação de Diácono. Finalmente, em 11 de julho de 1937 era ordenado padre, na cidade de Rio Claro pelo então bispo diocesano de Campinas, Dom Francisco Barreto.

Quatro meses depois da ordenação, no dia 11 de novembro de 1937, o padre Ezio chega a São Caetano do Sul. Mal sabia naquela época o então jovem sacerdote que o seu destino estaria ligado à cidade, distrito de Santo André, uma pequena vila em progresso, e que haveria de tornar-se uma das pessoas mais queridas do futuro Município. Em 1º de maio de 1939, funda o Cruzada Esporte.



**Padre
Ezio
Gislimberti**

“No encerramento de sua locução, o padre convidou Geraldo Braidó para secretariar o escrutínio ...”

Durante essa reunião, o padre Ezio, em eloqüentes e entusiásticas palavras, fez uma explicação dos objetivos que teria o clube, ou seja, manter os jovens sempre unidos dentro de um ambiente melhor para o desenvolvimento do esporte num meio onde reinasse a disciplina e a obediência. No encerramento de sua locução, o padre convidou Geraldo Braidó para secretariar o escrutínio que seria realizado em seguida.

Dando início à votação e após a verificação dos votos, o resultado para a formação da primeira diretoria do Cruzada Esporte ficou assim constituída: Presidente, Emílio Guaratto; Vice-Presidente, Nelson Perrella; Se-

cretário-Geral, Antonio Giovanne Franzim; Tesoureiro, Carmine Perrella; Tesoureiro-Cobrador, Fernando Gil Garcia. Conselheiros: Augusto Hermínio Marimotti, Ricieri Franzim, Geraldo Braidó, e Orlando Zamaí. Vogais: Daniel Perrella, Gabriel Perrella e Jaime Di Marchi. A escolha do diretor esportivo recaiu sobre Eurico José Rossi. Após mais alguns discursos foi lavrada a ata e assinada pelo Secretário-Geral Antonio Giovanne Franzim.

Assim, começou a história desse clube amador em São Caetano do Sul, misturando-se às outras agremiações, envolvendo-se em disputas pelos campos de várzea espalhados pela cidade pela conquista do campeonato da Liga Sancaetanense de Futebol, que antes de 1947, chamou-se Liga de Futebol Getúlio Vargas.

O Cruzada Esporte não existe

mais, desapareceu nos anos 70, assim como a maioria dos clubes amadores daquela época. A cidade urbanizou-se, cresceu, foram aparecendo novas modalidades de lazer como a televisão, o automóvel. Os campos de várzea foram ocupados por prédios, escolas, pelo comércio, e hoje só resta a saudade. Ficou registrado na memória do povo sancaetanense o trabalho do padre Ezio, fiel ao espírito e à filosofia do padre Gaspar Bertoni.

NOTAS:

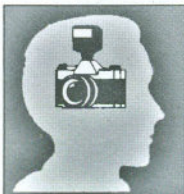
1. A Província de Santa Cruz (Brasil) ao Venerável Gaspar Bertoni
2. Jornal do Lar nº 157, de 15 de julho de 1962
3. Ata da Fundação do Cruzada Esporte (xerox)

() José Roberto Gianello, é sociólogo e assessor da Divisão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do*

Acervo: Antonio G. Santarnecki



Equipe infantil de Pedestrianismo do Cruzada Esporte. O esporte difundido através de adolescentes fazia parte da filosofia dos padres Estigmatinos. Nesta foto de 1968, o técnico-instrutor era Antonio Glenir Santarneck



Memória Fotográfica

Acervo: Benedito Pinto de Oliveira



Em 6 de abril de 1968, o ex-presidente da república Jânio da Silva Quadros faz uma visita a São Caetano do Sul, para participar de uma feijoada, no recinto da Feira das Nações instalada nas dependências da Garagem Municipal. Da esquerda para direita: Joaquim Jacomo Formiga, Benedito Pinto de Oliveira, Jânio da Silva Quadros e Anacleto Campanella

Acervo: Fundação Pró-Memória

Foto de 13 de setembro de 1940, do Grupo Escolar Senador Fláquer, onde aparecem as alunas do 3º ano Feminino "A". Da esquerda para direita, de cima para baixo: Gema de Nardi, Brasília Molinari, Elena Gallo, Maria Aparecida Negri Bueno, Maria Encarnação Móia, Natalina Brondesario, Maria Aparecida Lôdi, Piedade de Jesus Henrique, Guiomar Maria D'Agostini, Maria Dadalde, Maria Bráz, Alice Gouveia, Liliam Flávia Ricci, Angelina Baccivanga, Lourdes Valério, Josefina Yvone Fraga, Olga Guimarães Souza, Tereza Camargo de Almeida, Araci Toniolli, Iria Geromel, Judith Damélio, Tereza Vallim, Alzira Morselli, Celica Dias, Ivana de Almeida, Olivia Antoniacci, Vanda Santos, Yvone Georgete, Mafalda Zurzulo, Efigenia de Souza, Adalgisa da Silva, Alice Pacioni, Cristina Pascoal, Ester Mantovani, Eliete Monteiro dos Santos, Nanci Bernasquini, Ermelinda Orsi, Idalina Shielely Cavalheiro, Ionice Arrelaro, Joana Jodar, Aídee Maria Ferrari, Maria de Lourdes Rondeli, Neyde Escolac, Elena do Nascimento e Elza Constanzi. Professora: Adelina Wolff, José Bonifácio Fernandes (Doação: Guiomar Maria D'Agostini)



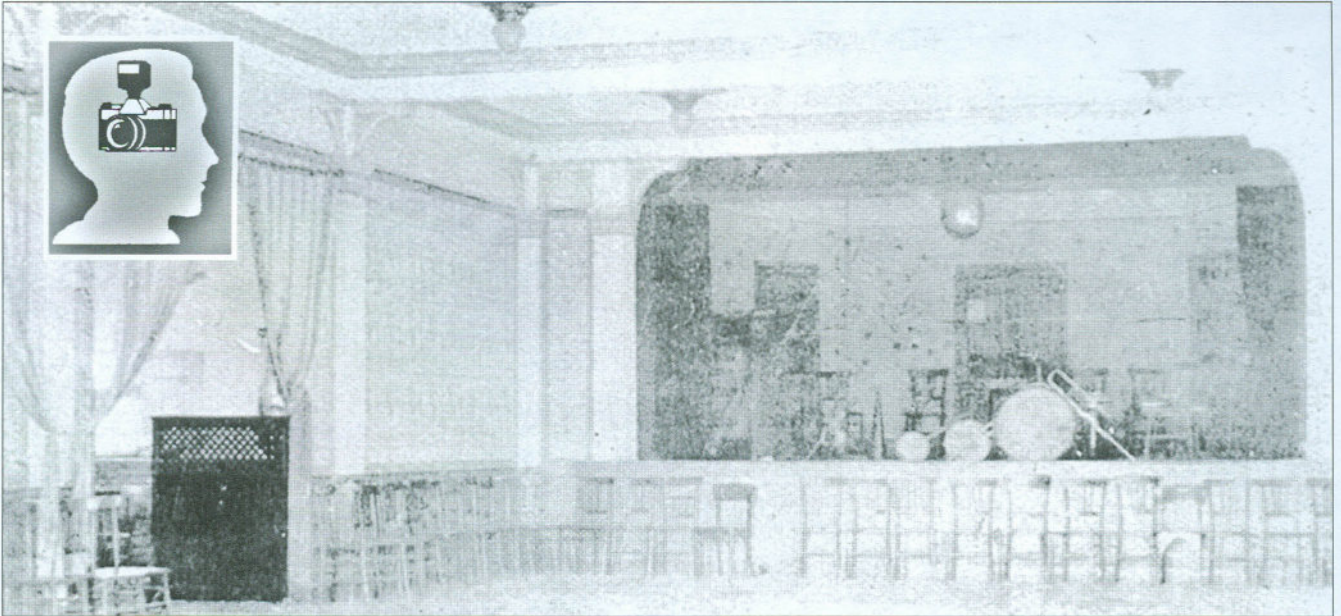


Foto de 1936.

Aspecto parcial do salão de danças do Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal. Localizava-se à rua Rio Branco, Bairro Fundação, onde foi fundado em 11 de janeiro de 1922, pelas seguintes pessoas: José Paolone, Otavio Tegão, Dante Malvasi, José Anunziato, Dante Negrini, Pascoal Paolone, Roque Paschoal, Antonio Rossi Júnior, Luiz Baraldi, Adriano Paolone, Duílio Quaglia, Francisco Tegão e Davi Bartolini. A sede do Ideal Clube foi transferida para a rua Santa Catarina, onde se transformou no Clube Comercial, que, em 1953, passou a funcionar no quarto andar do Edifício Vitória, na rua Baraldi

Acervo: FundaçãoPro-Memória



A Guarda Infanto-Juvenil de São Caetano do Sul perfila-se para participar do Desfile da Independência em 7 de Setembro de 1959, sob o comando do capitão Juventino Borges, à direita na foto. Aparecem ainda, à esquerda, em primeiro plano, o Tenente Hartogemiz do Tiro de Guerra 277, e, ao fundo, o sargento Pugliese (Doação: Juventino Borges)

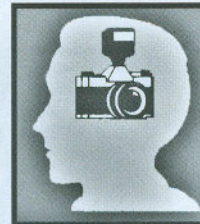
Acervo: FundaçãoPro-Memória

Em 26 de junho de 1960, foi fundada a Sociedade Amigos do Bairro Fundação, à rua 28 de julho, próximo à esquina da rua Rio Branco.

A primeira diretoria, que aparece na foto, era formada pelas seguintes pessoas (da esquerda para direita)

Virgílio de Oliveira Barros, Filomeno Silvestre, João Messaros, Armando Lopes, Constantino De Nardi, Carlito(?), Ederamir Rodrigues Costa, e Lauro Garcia (em pé) (Doação: Armando Lopes)





Na inauguração do Estádio Lauro Gomes de Almeida, em 28 de julho de 1964, o atleta Antonio Fernandes acende a pira olímpica após a marcha do fogo simbólico do Museu do Ipiranga até o estádio. O atleta Antonio Fernandes foi o primeiro técnico em atletismo e marcha atlética de São Caetano do Sul, e trabalhou por muitos anos na Comissão Municipal de Esportes (Doação: Claudio Pezzoti)

Acervo: Fundação Pró-Memória

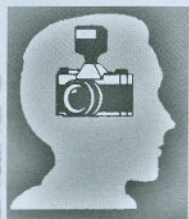


Em 1954, um grupo de atiradores do Tiro de Guerra 277, sediado em São Caetano, perfila-se na praça Cardeal Arcoverde, sob o comando do instrutor Hélio Novelli (Doação: Hélio Novelli)

Acervo: Fundação Pró-Memória



Em um torneio de basquete, formado por equipes das indústrias de São Caetano, realizada em 1943 na quadra externa do São Caetano Esporte Clube, da rua Perrella, aparece o quadro da Formicida Paus, constituída pelos seguintes jogadores. Da esquerda para direita: 1-(?), 2-Carmino Valter Barile, 3-Mauro Roveri, 4-Lasque Garcia, 5-(?), 6-Joaquim Perrella, 7-Lauro Veronesi (Doação: Ovidio Perrella)



Fotografia aérea de São Caetano do Sul, de 1958, mostrando ao centro as instalações da General Motors do Brasil, e à direita a avenida Goiás, ainda em pista única

Acervo: Fundação Pró-Memória

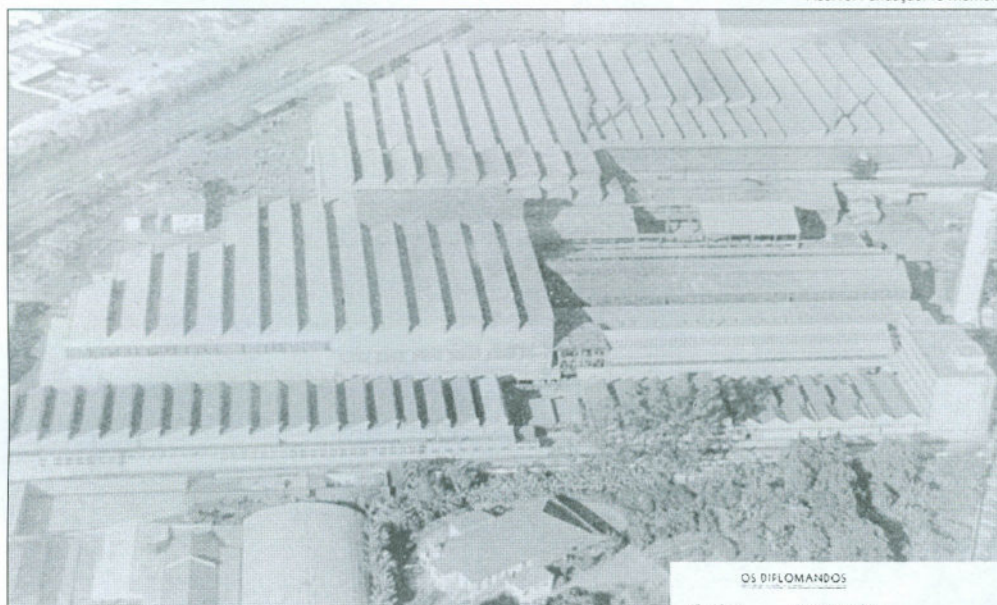


No IV Salão do Automóvel, realizado em 1964, em São Paulo, uma das maiores atrações foi um carro esporte fabricado pela Brasinca, em São Caetano do Sul. Tratava-se de uma Berlineta denominada Uirapuru. O nome Berlineta deriva do nome italiano Berlina, que designava o carro-esporte fechado de dois lugares

Foto da inauguração do monumento aos fundadores de São Caetano do Sul. O monumento foi idealizado pelo então prefeito Oswaldo Samuel Massei, em 1968. Na ocasião, Oscar Garbelotto e Francisco Locoseli solicitaram ao escultor local, Miguel Locoselli, um estudo sobre o assunto, resultando na maquete entregue ao prefeito Massei. Em 1987, o prefeito Walter Braido definiu a construção e a encomendou ao escultor. A inauguração deu-se em 28 de julho de 1988



Acervo: FundaçãoPro-Memória



A Aço Villares de São Caetano do Sul foi criada em 1944, para receber as seções de Fundição e Forjaria que funcionavam no bairro do Cambucí, em São Paulo. Devido às dificuldades geradas pelos conflitos da II Guerra Mundial, como problemas de importação de produtos escassos de qualidade, a Villares viu-se forçada a intensificar o desenvolvimento tecnológico, construindo esta usina siderúrgica em São Caetano do Sul. A foto aérea de 1980, mostra as instalações da Villares em São Caetano

Acervo: FundaçãoPro-Memória

Até meados da década de 50, as dificuldades dos jovens de São Caetano para cursar escolas acima do 1º grau, o então denominado Grupo Escolar, eram muito grandes. Apenas em 1942 surgiria a Escola Técnica de Comércio de São Caetano, com o primeiro curso de Comércio e Contabilidade. Antes desse período, o melhor caminho eram as escolas de São Paulo e, particularmente, a Escola de Comércio 30 de Outubro, no Brás, porque o trem era a melhor, e durante muito tempo a única, opção de transporte. Neste convite à diplomação da 1ª turma da Escola de Administração e Negócios, (ESAN), de São Paulo, em 1942, aparecem os caetanenses, Cláudio Perrella, Ernesto Carlos Heinke, Ettore Dal'Mas, João Dal'Mas e Pasqual Fortunato. A cerimônia foi no auditório da Escola Caetano de Campos, na Praça da República, à época uma das melhores da capital (Doação: Cláudio Perrella)

OS DIPLOMANDOS

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| Alvaro Salinas | João Marques de Castro |
| Alan Karlos Farias | João Zacharias Tadei |
| Alvaro Sérgio Gualter | Karl Hermann Ende |
| André Gino | Leônidas Felbner |
| Amândeo Tadei | Leonardo Sobral |
| Benedito D'Amorim | Luiz Assis Rodrigues |
| Cezario D'Angelo | Luizgo Franco |
| Cláudio Perrella | Mário Cathedri-Oliveira-Sara |
| Daniel Perrella | Matias Ramalho |
| David Gonçalves Torres | Olimar Marques Torres |
| Ernesto Carlos Heinke | Otiliano Da Franca |
| Ettore Dal'Mas | Pasqual Fortunato |
| Gilberto Belmonte de Freitas | Paulo Bode Lacerda |
| João Dal'Mas | Raul Roberto de Almeida |
| Joaquim Fogaça Almeida | Ribeiro de Paula Ramos |
| Jorge Walfredo | Silvio Salvo Ibbota |
| José Antonio Soares Cavalli | Talio Paulo Levrone |
| José Berti Salinas | Vitor Gomes |
| José Francisco Melo Brito | Waldemar Costa |
| José Eury | Wilson Torres Rezat |
| José Fortunato | |



Os técnicos em Administração e Negócios, de 1942, primeira turma formada pela Escola de Administração e Negócios, sentiram-se em suas lezírias com a presença de D. Excelsa, e Exma. Família, às ordenanças de colação de grau, que sendo realizadas no dia 23 de Janeiro.

Mossa em nome de usinas que são celebrada pelo "Rev. Dr. Sabino de Moraes, S. J., na Basílica de S. Bento, no dia 23 de Janeiro.

Colação de grau que será realizado no Auditório da Escola Caetano de Campos (Praça da República) de 20 h, sendo autorizado o Excm. Sr. Dr. Luiz Carlos Lopes.

A COMISSÃO
André Luiz
Amândeo Tadei
Benedito D'Amorim
Karl Hermann Ende
Luizgo Franco

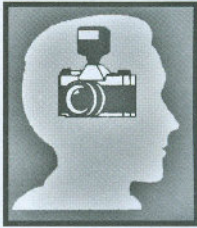


Foto da diretoria do Círculo Operário de São Caetano do Sul, em 1943. Em pé, da esquerda para direita: 1-Eurides Lázaro Cardieri, 2-Pedro Gomes de Matos, 3-(?), 4-João Batista Geraldo, 5-Otávio Fiorotti, 6-João da Silva, 7-André Zanetti, 8-? Barbieri, 9-Constantino Cardieri, 10-Hademburgo Cintra Soares. Sentados: 1-(?), 2-Augusto da Silva, 3-Jacomo Benedetti, 4-Verino Ferrari, 5-Padre Alexandre Grigoli, 6-Rubens Gomes Caldas Filho, 7-André Lamardo, 8-(?) (Doação: Otávio Fiorotti De Luigi)

Acervo: Fundação Pró-Memória



Equipe de futebol do São Caetano Esporte Clube, em 1942, no estádio da rua Paraíba. Da esquerda para direita, em pé: Antoninho, Russo, Valdemar, Toninho, Martorelli, Francisco Marinotti, Tracinaro Strufoldi (Escovinha) e Frido Cavassani. Agachados: João Bombassi, José Fiorotti, Albino Martorelli, Alesenico Saviolli (Bizueta) e Ettore Manille. Deitado: Scarciofollo e Ildebrando (Doação: Frido Cavassani)

Acervo: Fundação Pró-Memória



A partir de 1954, um grupo de imigrantes da Sardenha chegou a São Caetano. Aqui mantiveram suas raízes inaugurando, em 27 de outubro de 1984, o Círculo Sardo Su Nuraghe. Nesta foto aparecem os primeiros imigrantes sardos em São Caetano. Em pé, da esquerda para direita: Otávio Cherchi, Mario Jesuino Bechere, Geovani Pulla, Giuseppe Bande. Agachados: Giuseppe Sanna, Francesco Bechere, Dante Pulla e Andréa Marsalla (Doação: Francesco Bechere)

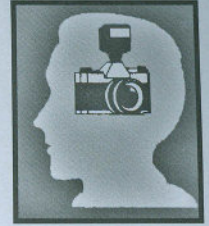
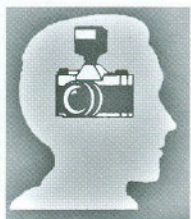


Foto aérea de 1965, mostrando o rio Tamanduateí, no trecho em que ele serve de divisa entre São Caetano do Sul e São Paulo. Do lado esquerdo, observa-se as vilas Prudente, Bela, Califórnia e Alpina. Do lado direito, as instalações das Indústrias Matarazzo e conjunto residencial dos operários da Matarazzo

Acervo: Fundação Pró-Memória



Foto dos formandos do curso ginásial de 1957, do Ginásio Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. Os alunos aparecem diante da Igreja Matriz Sagrada Família após missa de ação de graças realizada em 18 de janeiro de 1958. Primeira fila, de cima para baixo, da esquerda para a direita: Antonio Pinto Leitão, Francisco Guillize Filho, Jorge Olah Filho, Iderley Tambará, Airton José Sinto, Marco Antônio Camacho, Salvador Kalmar e Paulo Alavoski; Segunda fila, João Florêncio dos Santos, Roberto Filletti, Ovandir Alves Silva, José Bonifácio Carvalho, Ramis Sayar, Otacilio Sawaya Filho, João Saochuk; Terceira fila, Laura Neide Fortunato, Ercília Pereira de Moraes, Antonia Dassiê, Vanilde Shirley Mantovani, Guiomar Vamondes Martins, Helena Carvalho; Quarta fila, Raquel Firmiano Anchieta, Vera Lúcia Silva, Deise Pacheco Grave, Hortência Hildebrando, Professor José Teixeira Gonçalves e Terezinha Edine Dassiê



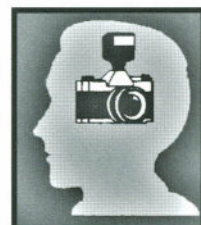
Em 1937, a Fábrica de Chocolates PAN utilizava para suas entregas um carro alemão marca Adler, com a traseira reproduzindo o formato de um avião. O veículo era conhecido como carvião, frente de carro e traseira de avião. Nesta foto, tirada junto à praia, em São Vicente, aparece ao lado do carvião, o vendedor da PAN Orestes Adinolfi, e o motorista Abel, vestido a caráter, com quepe de piloto, gravata clara e uniforme cortado em estilo inglês

Acervo: Fundação Pró-Memória



O autor das novelas Pantanal, Renascer e Rei do Gado, Benedito Ruy Barbosa, aparece nesta foto recebendo um prêmio das mãos de Jayme da Costa Patrão. A foto é de 21 de dezembro de 1963, foi tirada na Acascs, após a encenação da peça Fogo Frio de autoria de Ruy Barbosa, pelo teatro Experimental da Acascs. Apareceram, ainda, na foto a atriz Nancy Negrini (ao fundo), o ator Roque Maria e a esposa de Ruy Barbosa, Morilene segurando um ramalhete de flores. A Acascs, sigla da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul, foi fundada em 1957. Seu primeiro presidente, de Mário Dal'Mas, fez os grandes movimentos de arte em São Caetano do Sul

Seqüência de sete fotos, registradas por Luiz Soldá, em 1950, mostrando o desfile dos atiradores do Tiro de Guerra 277 de São Caetano, até a praça Ermelindo Matarazzo, no bairro da Fundação



Acervo: Fundação Pró-Memória



Praça Cardeal Arcoverde, junto à matriz da Sagrada Família

Acervo: Fundação Pró-Memória



Rua Baraldi, entre a rua Santa Catarina e rua Manoel Coelho

Acervo: Fundação Pró-Memória



Rua Manoel Coelho, junto à esquina da rua Alagoas

Acervo: Fundação Pró-Memória



Avenida Francisco Matarazzo, esquina com rua Heloisa Pamplona

Acervo: Fundação Pró-Memória



Avenida Francisco Matarazzo, esquina com rua Heloisa Pamplona

Acervo: Fundação Pró-Memória



Rua Heloisa Pamplona, esquina com a rua Rodrigues Alves

Acervo: Fundação Pró-Memória



Praça Ermelindo Matarazzo, junto à Igreja Matriz Velha, do Bairro Fundação

